

UNEMAT

PROFLETRAS

MESTRADO

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

Carlos Alberto Reyes Maldonado

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS

Rede Nacional

UNIDADE CÁCERES

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado



PROFLETRAS

Rede Nacional

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

Av. Santos Dumont - s/n - Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Linguagem
Cidade Universitária - Bairro DNER - CEP 78.200-00 - Cáceres-MT
Tel. (65) 3224-1307

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
LETRAS – PROFLETRAS**

CLÉIA DO NASCIMENTO MORAIS ANDRADE

**UMA PROPOSTA DE LEITURA E ESCRITA COM NOMES PRÓPRIOS
DOS ALUNOS E SUA HISTORICIDADE**

**CÁCERES/MT
2019**

CLÉIA DO NASCIMENTO MORAIS ANDRADE

**UMA PROPOSTA DE LEITURA E ESCRITA COM NOMES PRÓPRIOS
DOS ALUNOS E SUA HISTORICIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras –PROFLETRAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, para a obtenção do título de Mestra em Letras, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida.

**CÁCERES/MT
2019**

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

A553p ANDRADE, Cléia do Nascimento Moraes.

Uma proposta de leitura e escrita com nomes próprios dos alunos e sua historicidade / Cléia do Nascimento Moraes Andrade – Cáceres, 2020.
152 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2020.

Orientadora: Dra. Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida.

1. Discurso. 2. Nome Próprio. 3. Leitura. 4. Escrita. 5. Autoria. I. Hayashida, S. R. de A. C., Dra. II. Título.

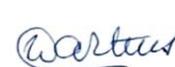
CDU 81'373.23:028.1

CLÉIA DO NASCIMENTO MORAIS ANDRADE

UMA PROPOSTA DE LEITURA E ESCRITA COM NOMES PRÓPRIOS DOS
ALUNOS E SUA HISTORICIDADE

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida (UNEMAT)
ORIENTADORA


Prof.ª Dr.ª Vera Regina Martins e Silva (UNEMAT)
AVALIADORA


Prof.ª Dr.ª Juliana de Castro Santana (UNIVÁS)
AVALIADORA

Prof.ª Dr.ª Gleide Amaral dos Santos (UNEMAT)
SUPLENTE

APROVADA EM 30/09/2019

Em memória de minha amada mãe Maria Zenóbia do Nascimento, a mulher mais guerreira que conheci, que partiu para os braços do Pai.

AGRADECIMENTOS

A Deus que sempre esteve comigo, me iluminando e fortalecendo em todo o percurso;

À minha orientadora, professora Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida, pelos ensinamentos e pela dedicação nesse caminho da pesquisa e da escrita, minha gratidão e admiração;

Às professoras Juliana de Castro e Vera Regina, pelas preciosas contribuições, por ocasião da Qualificação do projeto, que só enriqueceram o meu trabalho;

Aos meus professores da Educação Básica ao Mestrado, merecedores da minha homenagem pelo conhecimento compartilhado e pela coragem com que enfrentam as dores e os sabores da profissão, o meu reconhecimento;

A minha família, que esteve comigo em todos os momentos, me fortalecendo ao longo do percurso, em especial ao meu amado esposo, Cleitson de Assis Andrade, que durante todo o processo cuidou de mim e de nossos filhos, a minha princesa Rayssa Gabriele, e os pequenos príncipes João Otavio e Francisco Antônio.

A minha amada irmã Célia N. Morais, que sempre me apoiou e disse para eu ir em frente, que nunca permitiu que eu desistisse, que foi meu ouvido de plantão em tempos difíceis, que sempre esteve ao meu lado em todas as circunstâncias.

A todos os familiares, na pessoa da minha sogra Maria Clara, que torceram por mim e ela que dispôs de seu tempo para auxiliar no cuidado com meus filhos.

À Dona Lucimar, “Tata”, que cuidou dos meus pequenos com muito amor, carinho e dedicação

A minha amiga irmã de infância e colega de Mestrado, Jansiléia Francisca Nogueira, que Deus nos deu a honra de nos reencontrarmos, um verdadeiro presente da vida. Que me apoiou com muito carinho e amor durante esse percurso. E a querida Queila

Maria dos Santos Batista, que faz parte do terceto, no qual dividimos alegrias, risos, angústias e crescemos juntas;

Às minhas amigas Waghma Borges pelo carinho e apoio e Reila Borges pela correção, formatação da presente dissertação, pelo carinho, incentivo e amizade de mais de 20 anos.

A todos os colegas do Profletras, com os quais construímos amizades preciosas, pelos conselhos, pelas trocas de experiências, pelas risadas, pelos laços estreitados e pela partilha de tantos momentos inesquecíveis durante o curso, meu carinho e gratidão;

Aos meus queridos alunos, motivo da minha dedicação e esperança por uma Educação melhor;

À equipe gestora da Escola Estadual Ledy Anita Brescancin, pela disponibilidade e apoio ao projeto;

Ao Cartório de 1º Ofício pelas contribuições, esclarecimentos e patrocínio na confecção da Coletânea, na pessoa do Oficial cartorário Kalil.

À Secretaria Estadual de Educação – SEDUC/MT, pelo afastamento permitido para minha qualificação;

À Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, pela oferta de pós-graduação a estudantes de todo o Estado;

A todos, muito obrigada!

O texto...não passa ... de grafismos empilhados sob a
poeira das bibliotecas, dormindo um sono profundo
em direção ao qual não pararam de deslizar desde
que foram pronunciados, desde que foram
esquecidos e que seu efeito visível se perdeu no
tempo.
(FOUCAULT, 1969)

RESUMO

O presente trabalho filia-se à concepção teórica da Análise de Discurso, em articulação com a Semântica do Acontecimento e tem por objetivo buscar compreender como se dão as práticas de leitura, escrita e oralidade no ambiente escolar, na qual propomos uma intervenção pedagógica. Dessa forma, iniciamos a dissertação apresentando aspectos relacionados ao município de Campo Verde - MT, desde seus primeiros habitantes até sua emancipação política, bem como a fundação do município até os dias atuais. Em seguida, demos visibilidade à Escola Estadual Ledy Anita Brescancin, onde foi desenvolvido o projeto, destacando, além de seu percurso histórico, o sujeito aluno, os recursos humanos, os materiais e a estrutura física disponíveis. Com essa apresentação, colocamos em evidência as condições de produção existentes para o desenvolvimento de nossa intervenção. Na sequência, tratamos do caminho profissional e acadêmico que percorremos até nossa filiação à Análise de Discurso. Fizemos também uma reflexão sobre a concepção de leitura, escrita e oralidade discursivizadas no ambiente escolar, relacionando-as aos pressupostos teóricos e metodológicos que a AD propõe. No último capítulo, descrevemos como se deu a intervenção pedagógica; ressaltando o fato de ressignificar o nosso posicionamento enquanto professora e aluna. Isso implicou em um trabalho de transformação da nossa prática pedagógica, pois ao entrar em contato com a teoria da Análise de Discurso percebi que essa mudança começou em mim e depois atingiu aos meus alunos. Após muitas leituras e discussões, construímos um arquivo de leitura sobre o tema “Nomes próprios”, constituído de diferentes materialidades, como entrevistas, cartoons, pesquisas online, textos, vídeos, leis, palestras, para criar condições para que o aluno pudesse produzir conhecimento e confrontar seus próprios conhecimentos a partir das problematizações que envolvem o tema “nome”. Após todo esse processo, foi produzida uma coletânea de relatos de autoria dos alunos, em que retratam como se relacionam com seus nomes. Destacamos, ainda, tanto as dificuldades encontradas para colocar em prática aquilo que havia sido planejado, quanto o que se produziu por meio dessa prática. Mostramos, com esse trabalho, que é possível transformar a prática docente quando estamos filiados em uma teoria que nos “sacode” e nos mostra que existem outras possibilidades além das que estamos habituados.

Palavras-chave: Discurso. Nomes próprios. Leitura. Escrita. Autoria.

ABSTRACT

The present work I the present work is affiliated with the theoretical conception of Discourse Analysis, in conjunction with the Semantics of the Event and aims to understand how reading, writing and orality practices take place in the school environment and in which we propose a pedagogical intervention, held at the Ledy Anita Brescancin State School. We started the dissertation presenting aspects related to the municipality of Campo Verde - MT, from its first inhabitants to its political emancipation, foundation of the municipality to the present day. Then, we gave visibility to the school where the project was developed, highlighting, in addition to its historical path, the student subject, the human resources, the materials and the physical structure available. With this presentation, we highlight the existing production conditions for the development of our intervention. In the sequence, we deal with the professional and academic path that we followed until our affiliation to Discourse Analysis. We also made a reflection on the conception of reading, writing and orality discursivized in the school environment, relating them to the theoretical and methodological assumptions that AD proposes. In the last chapter, we describe how the pedagogical intervention took place; we emphasize the fact that we have seen the need to reframe our position as a teacher, student, and pedagogical practices. This implied a work of transformation of our practice, because when I came into contact with the Discourse Analysis theory, I realized that the transformation started in me, beyond the pedagogical proposal, and then reached my students. In this chapter, we explain how our intervention proposal took place. After many readings and discussions, we built a reading archive on the topic "Proper names", consisting of different materialities such as interviews, cartoons, online surveys, texts, videos, laws, lectures, to create conditions for the student to produce knowledge and confront their own knowledge based on the problematizations that involve the theme "name". After all this process, a collection of reports authored by the students was produced where they portray how they relate to their names. We also highlight both the difficulties encountered in putting into practice what had been planned, as well as what was produced through this practice. With this work, we show that it is possible to transform teaching practice when we are affiliated with a theory that "shakes us" and shows us that there are other possibilities than those we are used to.

Keywords: Discourse. Own names. Reading. Writing. Authorship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1: Museu Municipal de Campo Verde | 17 |
| Figura 2: Fachada da Escola Estadual Ledy Anita Brescancin | 21 |
| Figura 3: Foto do laboratório de informática..... | 22 |
| Figura 4: Imagem do dia da entrevista. | 55 |
| Figura 5: Imagem do dia da entrevista. | 55 |
| Figura 6: Imagem do dia da entrevista. | 55 |
| Figura 7: Árvores genealógicas | 60 |
| Figura 8: Árvore Genealógica | 61 |
| Figura 9: Árvore Genealógica | 61 |
| Figura 10: Árvore Genealógica | 61 |
| Figura 11: Imagem da Exposição das árvores genealógicas. | 64 |
| Figura 12: Imagem da Exposição da árvore genealógica. | 64 |
| Figura 13: Brasão produzido pelos alunos. | 65 |
| Figura 14: Brasão da Família Coimbra Xavier..... | 67 |
| Figura 15: Brasão da Família Nunes Leal..... | 67 |
| Figura 16: Imagem da intérprete dando o seu depoimento..... | 74 |
| Figura 17: Alunos assistindo depoimento da intérprete. Fonte: Arquivo próprio..... | 74 |
| Figura 18: Foto de alunos coletando dados para pesquisa..... | 76 |
| Figura 19: Fotos de alunos contando os dados da pesquisa..... | 77 |
| Figura 20: Alunos tabelando dados da pesquisa com orientação da professora Josiane..... | 77 |
| Figura 21: Gráfico com Resultado da Enquete..... | 78 |
| Figura 22: Alunas organizando mural..... | 79 |
| Figura 23: Foto do mural com resultado de enquete..... | 79 |
| Figura 24: Frases produzidas pelos alunos de combate ao bullying..... | 80 |
| Figura 25: Cena do curta metragem Vida Maria..... | 81 |
| Figura 26: Desenho da capa do livro..... | 89 |
| Figura 27: Noite de autógrafos..... | 90 |
| Figura 28: Noite de autógrafo: apresentação do projeto..... | 90 |
| Figura 29: Noite de autógrafo: Alunos autografando..... | 91 |
| Figura 30: Noite de autógrafo: foto da turma com a professora..... | 91 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| PALAVRAS INICIAIS | 12 |
| 1 A CIDADE DE CAMPO VERDE, A ESCOLA E O SUJEITO ALUNO | 15 |
| 1.1 Um pouco da História de Campo Verde | 15 |
| 1.2 A chegada dos sulistas | 16 |
| 1.3 Campo Verde na atualidade | 17 |
| 1.4 A escola e sua história | 19 |
| 1.5 Os sujeitos alunos envolvidos na prática de leitura e escrita | 22 |
| 2 DA IDEALIZAÇÃO À REALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA | 25 |
| 2.1 Espaço Escolar | 36 |
| 2.2 Sujeitos envolvidos na prática pedagógica | 39 |
| 3 UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS | 43 |
| 3.1 Primeiro momento: pensar, ler, falar e escrever | 44 |
| 3.2 Iniciando o trabalho com a turma | 45 |
| 3.3 Lendo a certidão de nascimento e seus efeitos de sentidos | 52 |
| 3.3.1 Construindo um saber sobre a origem do sobrenome | 58 |
| 3.4 Um pouco de história: repensar os nomes e sobrenomes | 68 |
| 3.4.1 Bullying em relação aos nomes e sobrenomes | 72 |
| 3.4.2 Enquete sobre o bullying | 76 |
| 3.4.3 Nomes mais utilizados | 80 |
| 3.5 Entrevista com a família sobre os nomes dos alunos | 84 |
| 3.5.1 Processo de elaboração do produto final | 86 |

| | |
|--|-----|
| 3.6 Processos de significação dos nomes próprios e constituição da autoria | 91 |
| PALAVRAS FINAIS – EFEITO DE FECHO | 103 |
| REFERÊNCIAS | 106 |
| ANEXOS | 111 |

PALAVRAS INICIAIS

Sou professora desde os meus vinte anos, em Língua Inglesa e Portuguesa, sempre vi a educação como um desafio, não é uma profissão que nos permite brincar de faz de conta. Tive meus primeiros contatos com a leitura através dos contos de fadas contados pelo meu saudoso pai e aprendi a gostar de ler ao ver minha doce mãe se deliciando ao ler seus romances, que eram trocados com suas melhores amigas. As brincadeiras de filosofar na infância, ao tentar descobrir o significado das palavras nos livros, inferir significados de termos desconhecidos por serem semelhantes às palavras que conhecia e brincar de ser professora, tudo isso é constitutivo da pessoa que me tornei, da relação que, com o passar dos anos, fui estabelecendo com a linguagem.

Trabalhar com o tema “Nomes próprios de pessoas e sobrenomes”, em uma perspectiva discursiva, me proporcionou crescimento enquanto pessoa, pesquisadora e profissional, pois é uma temática que nos dá margem para investigar diversos aspectos que estão postos como transparentes, como o tema sugere, mas que nos afetam enquanto sujeitos de direito e deveres, ou seja, essa tema não é tão óbvia como aparenta ser.

Podemos perceber uma relação íntima com nosso nome quando estamos em algum espaço público e alguém nos chama, automaticamente olhamos, pois pensamos que alguém quer falar conosco ou está se referindo a nós e essa sonoridade, do nosso nome, nos acompanha desde o nascimento, tornando-se um som inconfundível.

A partir da importância da temática queremos com essa dissertação mobilizar alguns conceitos à luz da Análise de Discurso de linha Francesa, que tem como seu precursor Michel Pêcheux, na França e amplamente desenvolvida por Eni Orlandi, no Brasil, com o intuito de compreender como se dá a constituição do nome e sobrenome de pessoas e seus efeitos de sentidos na contemporaneidade.

Essa dissertação tem por meta apresentar uma análise do trabalho de pesquisa envolvendo as práticas de linguagem leitura, oralidade e escrita, que permearam todo o processo de desenvolvimento do projeto de práticas pedagógicas.

O projeto de intervenção foi desenvolvido na escola Ledy Anita Brescancin, localizada na cidade de Campo Verde – MT, com a turma do 7º ano A, matutino, composta por 27 alunos. A escolha dessa turma se deu por alguns motivos, dentre eles, no ano anterior os alunos questionaram os sentidos da expressão: “Qual é a sua graça?” Utilizada no lugar de: “Qual é o seu nome?” Eles perguntavam se hoje alguém utilizasse essa

expressão como poderia ser entendida. Outros questionaram se os nomes poderiam realmente ter alguma graça ou ainda o que poderemos fazer com esse nome, torná-lo conhecido para o bem ou para o mal ou esquecido pela sociedade.

Nessa discussão ocorrida no ano de 2016, não havíamos pensado em desenvolver o projeto com esse tema, já no ano de 2017 ao retornar à turma para propor um projeto de desenvolvimento de práticas pedagógicas os alunos retomaram à temática, pois gostariam de aprofundar no assunto, foi a partir dessa conversa que definimos o tema do nosso projeto. A turma escolhida era participativa, embora mesclada com alunos plenamente alfabetizados e alguns poucos em processo de alfabetização.

Nosso objetivo central foi desenvolver práticas de linguagem leitura, oralidade e escrita sobre o nome próprio e sobrenome, em diferentes materialidades discursivas, oportunizando a assunção à autoria, uma vez que acreditamos que a temática e a teoria utilizada, para trabalhar a proposta nos oferecem momentos de discussões interessantes que nos desestabilizam e nos tira do comodismo.

No primeiro momento, expusemos de forma aleatória, o que conhecíamos sobre o tema, na sequência, esses espaços foram preenchidos com diferentes materialidades como textos, relatos, entrevistas, comentários, discussões, que nos propiciaram expandir o tema em diversos outros subtítulos como exclusão, bullying, projeção, identificação, não identificação, entre outros.

No primeiro capítulo, escrevemos sobre a história da cidade de Campo Verde, desde seu surgimento aos dias atuais, discorremos sobre a escola e sua estrutura física, número de profissionais e alunos, bem como sua localização, e o perfil do sujeito-aluno que frequenta a escola.

No segundo capítulo, descrevemos como foi o processo de construção da proposta de intervenção, os conceitos que foram importantes mobilizar para estabelecer as relações entre a teoria e a prática. Esse foi um divisor de águas na condução de todo o trabalho pedagógico. A apropriação desses conceitos foi importante para refletir sobre a realidade em sala de aula, estabelecendo um vínculo entre teoria e prática, situação fundamental para nortear todo o processo ao tema proposto que foram apresentados nesse capítulo.

No terceiro capítulo, foi o momento da descrição e análise das práticas desenvolvidas durante o projeto. Nesse capítulo, descrevemos como ocorreu no dia a dia da sala de aula, o desenvolvimento das atividades que foram sendo construídas cotidianamente, muitas vezes alterando o cronograma do projeto, devido a intervenção

dos alunos, envolvendo as práticas de leitura, oralidade, escuta, reflexão, partilha e escrita.

Durante todo o processo procuramos analisar os efeitos produzidos nos alunos através da leitura, escrita e oralidade visando o processo de assunção da autoria no decorrer de todas as práticas de linguagem acima supracitadas.

O último capítulo mostra que nós professores temos que passar por um processo de ressignificação do nosso fazer pedagógico, das nossas concepções, para que nossos alunos possam de fato ser afetados pela proposta que queremos trabalhar. Essa proposta somente será significativa se dialogar com os interesses dos sujeitos envolvidos, ela tem que gerar, em nós, inquietações, confrontar conosco e com nossas condições de produção. Em outras palavras, precisamos nos permitir crescer, embora nunca estamos totalmente prontos, somente assim faremos a diferença na educação.

1 CAMPO VERDE

Campo Verde és bela e formosa,
Desbravada por emigrantes valentes,
Pioneiros destemidos de outrora,
Bandeirantes audazes, conscientes.
Da criança seguimos exemplos,
No sorriso que ela nos dá.
É o futuro da nossa cidade,
Da certeza do que virá
(Hino municipal).

Neste primeiro capítulo faremos uma narrativa discursiva (PFEIFFER, 2007)¹ sobre a história de Campo Verde e como a cidade foi se desenvolvendo ao longo do tempo; abordaremos ainda sobre a história da Escola Ledy Anita Brescancin e sobre o perfil dos alunos envolvidos no processo de intervenção e suas condições de produção.

1.1 Um pouco da história de Campo Verde

Utilizamos como fonte de pesquisa para discorrer sobre a cidade vários textos, dentre eles, mencionamos “A história da constituição de Campo Verde”, de José Santos, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do site oficial da Prefeitura local e outros sites que forneciam informações da história da cidade.

Campo Verde está localizada a 130 km da capital Cuiabá, com uma extensão territorial de 4.794,55 km², sua população estimada em 2018, é de 42.817 pessoas, de acordo com dados do IBGE, começou a ser povoada a partir do século XVIII, com a chegada das famílias Borges e Fernandes, vindos de Minas Gerais em 1886, que se instalaram em uma fazenda que eles nomearam Buriti dos Borges.

Em 1896, o Major Gomes Carneiro organizou com seu ajudante de ordens Cândido Mariano da Silva Rondon a estação telegráfica Coronel Ponce na comunidade de Capim Branco, na época distrito de Dom Aquino. Em 1950, a estação foi desativada e acabou sendo destruída pela ação do tempo e do homem, anos depois em 2009, foi construída uma réplica do prédio (figura 1), que atualmente abriga o museu municipal que conta um pouco da história da cidade e seus primeiros habitantes.

¹ Compreendemos como narrativa discursiva o mesmo que Pfeiffer (2007, p. 19), como uma costura analítica entre vários documentos, reunidos pelo pesquisador, que formam um determinado arquivo sobre um tema.

Figura 1: Museu Municipal de Campo Verde



Fonte: <http://site.campoverde.mt.gov.br/>

Durante quase um século a região ficou estagnada, apenas com agricultura e pecuária de subsistência.

1.2 A chegada dos sulistas

Em 1960 migrantes oriundos do Sul do Brasil instalaram-se nas proximidades dos entroncamentos BR-070 e MT-140, onde deram início ao plantio de arroz de sequeiro, esse fato trouxe novo vigor para a região. Nesse local, Otávio Eckert, em 1974, instalou o posto de combustível Paraná e em 1984 lançou o loteamento Campo Real. Na sequência, Julio Pavlak iniciou o loteamento Jupiara com o intuito de implantar no local uma nova cidade, porém essa tentativa não atingiu o objetivo esperado.

Com o crescimento nos investimentos agrícolas e tecnológicos, o solo do cerrado tornou-se propício para a agricultura e pecuária, o que atraiu pessoas de várias regiões do Brasil à procura de melhores condições de vida, gerando crescimento populacional.

Em 04 de julho de 1988, através da Lei número 5.314, de autoria do deputado estadual Moisés Feltrin e sancionada pelo governador Carlos Bezerra, o distrito de “Posto Paraná”, como era conhecido, foi desmembrado do município de Dom Aquino, acontecendo a tão sonhada emancipação política e administrativa, transformando-se no município de Campo Verde, nome escolhido por meio de plebiscito. Acredita-se que a escolha se deu por conta das extensas plantações de soja, que tomam conta da paisagem,

bem como pela linda geografia de planalto com grandes riquezas naturais como rios, corredeiras, cachoeiras e mirantes.

É importante dizer que Campo Verde recebeu migrantes de outras regiões do país como o Nordeste, Sudeste, Centro-oeste, entre outros, e que não são mencionados na literatura estudada.

1.3 Campo Verde na atualidade

Hoje a maioria da população trabalha de forma direta ou indiretamente na produção agrícola e pecuária, no cultivo de soja, milho e algodão, criação de gado leiteiro, cabras, carneiros, frangos, suínos e ovinos. De acordo com dados do IBGE, Campo Verde é o quarto maior produtor agrícola de Mato Grosso e o décimo no contexto nacional. Isso tem sido considerado bom para o município, pois essas atividades econômicas têm sido a mola propulsora para o crescimento e desenvolvimento da cidade, assim como a geração de emprego. Entretanto, por outro lado cabe salientar que devido ao uso excessivo de agrotóxicos a população sofre com problemas respiratórios, entre outros.

Campo Verde é uma cidade bonita e planejada, seu traçado é feito de largas avenidas, praças arborizadas, criativas áreas de lazer e muitas escolas estaduais, municipais, particulares e creches. Há um projeto desenvolvido pela prefeitura municipal “Orquestra Sinfônica Jovem de Campo Verde”, aberto para toda a comunidade com aulas de música e instrumentos, o que enriquece muito a população. Uma vez por ano, temos o concerto que emociona a todos que prestigiam o evento.

Há eventos culturais tradicionais como a festa de São Francisco de Assis, na localidade chamada Ponte Alta, na zona rural, que chega a reunir aproximadamente 10 mil pessoas, esse evento se repete há mais de 100 anos e é passado de pai para filho.

Todos os anos é realizada a festa do porco paraguaio com farofa de banana e outras comidas típicas da região. Como a cidade foi povoada inicialmente por sulistas há o costelão, feito no tradicional preparo do fogo de chão; o primeiro costelão foi feito em 1986, no Clube da juventude, hoje conhecido como Clube da Soja, desde a emancipação do município essa festa tornou-se parte das comemorações de aniversário da cidade. Há também a Expoverde que atraí turistas devido à comercialização de produtos agronegócio e artistas nacionais e regionais.

Além das grandes fazendas, Campo Verde conta com alguns assentamentos, que em sua maioria são produtores hortigranjeiros, que abastecem a cidade com seus produtos em feiras locais.

Como o principal vínculo é a agricultura, Campo Verde, é uma cidade em expansão econômica, considerada como um grande celeiro do Estado de Mato Grosso. Por isso, recebe um alto fluxo migratório vindos de várias regiões do Brasil, principalmente do sudeste e nordeste à procura de emprego, e que enriquece a diversidade cultural do município, porém gera um rodízio de pessoas que vem fazer as safras e vão embora. O que afeta diretamente no funcionamento das escolas do município, pois, gera um índice constante de alunos que entram e saem.

Quando lemos sobre a cidade observamos um discurso que enaltece em relação aos avanços da cidade, um discurso voltado para a prosperidade e nesse sentido outros discursos são silenciados,

O silenciamento ou política do silêncio que, por sua vez, se divide em: silêncio constitutivo, pois uma palavra apaga a outras palavras (para dizer é preciso não-dizer: se digo “sem medo” não digo “sem coragem”) e o silêncio local, que é a censura, aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura (é o que faz com que o sujeito não diga que poderia dizer: numa ditadura não se diz a palavra ditadura não porque não se saiba mas porque não se pode dizê-lo). As relações de poder de uma sociedade como a nossa produzem sempre uma a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras. Daí que, na análise, devemos observar o que não está sendo dito, o que não pode ser dito, etc (ORLANDI, 2015, P. 81-82).

Reconhecemos esse silenciamento quando muitos adjetivos são empregados por meios midiáticos, pelo canal de televisão local e site da prefeitura. Em contra partida outros sentidos são silenciados, tais como o crescimento agrícola *versus* o uso abusivo de agrotóxicos, pois as lavouras estão localizadas na circunvizinhança da cidade, atingindo a população com problemas respiratórios entre outros.

Sabemos que todos estes títulos de cidade próspera, grande produtora enobrecem o Município, mas também requer muito planejamento no sentido de que a cidade está se desenvolvendo rapidamente, e a expansão dos bairros está se aproximando das nascentes dos afluentes da bacia do Rio São Lourenço. Muito embora, percebemos algumas ações do poder público em manter algumas áreas verdes, o índice de desmatamento das áreas de vegetação do cerrado está cada dia mais crescente no município, e o cultivo de lavouras

de milho, soja e algodão cada vez mais próximos dos bairros, trazendo prejuízo para o meio ambiente.

Há bairros ricos e prósperos, porém, há bairros muito pobres, pois a prosperidade não atingiu a todos, como é mostrado nos meios de comunicação.

1.4 A escola e sua história

A escola foi criada com a denominação Escola Estadual Ledy Anita Brescancin por meio do Decreto Nº 2.296, de 18 de dezembro de 2009. Tendo o seu funcionamento iniciado no dia 09 de março de 2010. O prédio escolar é situado na Avenida Vereador Cesar Lima, nº 950, Bairro São Miguel, no Município de Campo Verde, Estado de Mato Grosso e é mantida pelo Governo do Estado.

O nome da escola foi dado para homenagear a mãe do prefeito da época, Dimorvan Brescancin, que se destaca por uma história de luta por sua família e seus propósitos (PPP). Nos documentos da escola encontramos uma síntese da história de vida da Dona Ledy Anita Trevisol Brescancin. Ela nasceu em 01 de julho de 1938, no município de São Domingos do Sul, Rio Grande do Sul, viveu sua infância até os seis anos em São Domingos do Sul, mudando-se para o município de Ciríaco/RS, juntamente com sua família.

Passou sua juventude em Ciríaco, aos 13 anos teve perda de audição, em 11 de abril de 1961 se casou com Victorino Brescancin. Desta união conjugal nasceram três filhos: Iole Beatriz, Dimorvan Alencar e Sionara Maria.

Seu sonho era se tornar professora, mas por ela ser surda, não foi possível realizá-lo. Mesmo assim, estudou até o 5º ano, não dando seguimento aos estudos, pois na época não havia escola, nem local, nem na redondeza que trabalhasse com alunos especiais.

Sua preocupação principal passa a ser a dedicação a sua família, principalmente a educação de seus filhos. Com a situação econômica da família muito difícil ela começa a trabalhar fora para ajudar seu marido no sustento do lar. Então arruma emprego na Prefeitura Municipal de Ciríaco, como servente. O período em que ela trabalhou foi de 1964 a 1967.

Aos 41 anos, ganhou seu primeiro aparelho de surdez, o que transformou completamente sua vida, mudando à sua maneira de ser e perceber as coisas ao seu redor, e também na maneira de se relacionar com as pessoas. Para sua alegria e felicidade pode

ouvir a voz de seus filhos, esposo, familiares e amigos. A essa grande alegria, somou-se a de ver seus filhos estudando, formando-se, buscando ensino superior.

Aos 49 anos, sofre o 1º AVC em 12 de maio de 1988 o que a limitou muito em suas tarefas, tornando-a totalmente dependente de seus familiares. Desde então uma sucessão de problemas de saúde lhe acometera. A enfermidade se prolongou por 17 anos, como períodos de melhoras, recaídas. Veio a falecer em 18/07/2005, vítima de complicações dos AVCs sofridos. Deixou lições de persistência, perseverança, justiça e luta a todos os que a conheceram, apesar das contradições que a vida lhe acometeu.

Por ser uma mulher com uma lição de vida exemplar, com exemplos passou para seus filhos lições de uma vida digna. Seu filho Dimorvan Brescancin, prefeito de Campo Verde de 2007 a 2013, foi homenageado no dia da inauguração desta escola com o nome de sua mãe, sendo uma grande surpresa para ele. A escola tem como lema: “Ensinar educando: um projeto educacional possível”. Esse lema é uma forma de perpetuar a memória de Dona Ledy Anita Brescancin.

A Escola (Figura 2) disponibiliza no período matutino Ensino Fundamental Regular II, organizada pelo Ciclo de Formação Humanas, do 6º ao 9 ano, no período vespertino, Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano e no noturno Educação de Jovens e Adultos (EJA), fundamental e médio. O funcionamento da Escola é em regime de externato, sua organização curricular é de acordo com as propostas do Ciclo de Formação Humanas e seguindo as orientações da CI 6357/2013- SEDUC, tendo como base na organização do currículo as Orientações Curriculares, e está se adequando a base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Figura 2: Fachada da Escola Estadual Ledy Anita Brescancin



Fonte: Foto retirada do site <https://www.google.com/maps/>

Atende um total de 1081 alunos distribuídos nos três turnos, com um total de quinze salas de aulas, seis salas no piso superior, cinco no térreo, quatro são contêineres alugados pela Secretária de Educação (SEDUC-MT). Localizada em um bairro periférico atende alunos vindos dos bairros São Miguel, Cidade Alta I e II, São Lourenço, Jardim América e Santa Rosa.

Além das 15 salas de aula, temos uma sala de professores, dividida provisoriamente com a coordenação, sala laboratório de aprendizagem que divide o mesmo espaço como a sala de recursos, secretaria escolar, sala de direção, biblioteca e espaço para laboratório de informática, uma grande área externa, onde fica a cozinha, o refeitório, praça e quadra de esportes.

No laboratório de informática (figura 3) tem 18 computadores, porém apenas três em pleno funcionamento o que dificulta realização de pesquisas online, sempre que precisamos usamos os notebooks dos professores e dividimos os alunos por equipes.

Figura 3: foto do laboratório de informática.



Fonte: Arquivo pessoal da professora

A escola é composta por 15 salas de aula, uma sala de professores, dividida provisoriamente com a coordenação, secretaria escolar, sala de direção, biblioteca e espaço para laboratório de informática, uma grande área externa, onde fica o refeitório, praça e quadra de esportes.

A escola realiza todos os anos um projeto chamado “Páscoa Solidária”, são arrecadados alimentos e distribuídos para as famílias dos alunos mais carentes da escola.

Outro projeto tradicional é a “Pastelada”, em que os alunos fazem apresentações culturais, são vendidos pasteis, pipoca, espetinho e refrigerantes, a comunidade é convidada para prestigiar esse evento. A arrecadação evento é revertida para melhorias na escola.

As famílias dos alunos em sua maioria, são de baixa renda. De acordo com o PPP, muitos alunos moram com a família, mas poucos têm a presença do pai e da mãe, convivem com um ou com o outro, fazendo parte da família o padrasto ou a madrasta, e outros alunos que vivem com os avós ou os tios. E assim percebemos que os problemas maiores não são somente os destacados como problemas econômicos, mas são também aqueles que estão ligados à convivência familiar.

1.5 Os sujeitos alunos envolvidos na prática de leitura e escrita

De acordo com o PPP da escola, a comunidade onde ela está inserida em muitos momentos vivencia situações de exclusão, devido sua situação socioeconômica. Localizada em um loteamento popular destinado às famílias de baixa renda, na maioria filhos de pais trabalhadores nas diversas profissões, funcionários público estadual, municipal, pessoas que atuam no comércio, funcionários das fazendas de plantio de grãos, que saem bem cedo de casa e somente retornam ao anoitecer, acabam deixando os filhos nas creches e até mesmo aos cuidados de irmãos mais velhos. Com isso passam menos tempos com seus filhos, e as crianças ficam mais vulneráveis e sujeitas ao aliciamento de pessoas que estão envolvidas na criminalidade e exploração do serviço do tráfico.

Alguns alunos vivem com avós, tios, ou somente com a mãe ou o pai. Devido a essa realidade não há uma participação ativa dos pais ou responsáveis, em reuniões escolares, ou quando são chamados para resolver assuntos referentes à aprendizagem e disciplina. Na maioria das vezes, o aluno recebe bilhetes para comunicar sobre a necessidade de conversar com os responsáveis e mesmo assim os coordenadores tem que ligar cobrando a presença, o que nem sempre acontece.

É nesse contexto que trabalhamos desde de 2000, com alunos do ensino fundamental, médio e EJA (Educação para Jovens e Adultos) com aulas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Em 2017, iniciamos o ano letivo com alunos de 6º ao 8º ano, foi então que conhecemos a turma escolhida para desenvolver o projeto em 2018, foram alunos do 7ª ano, eram 25 alunos, no decorrer da intervenção entrou uma aluna surda, que não estava alfabetizada, porém ficou apenas três aulas e por motivos familiares teve que mudar de cidade. Uma parte dos alunos dessa turma apresentou algumas dificuldades quanto às práticas de leitura e escrita. Alguns deles recém haviam saído da alfabetização, outros por sua vez, já possuíam o hábito de leitura e conseguiam perceber os textos com um olhar diferenciado, muito embora buscavam sempre o sentido no que estava escrito no texto. Portanto, estávamos diante de uma sala heterogênea, oriunda de um sistema de ciclo com alguns alunos recém alfabetizados, outros alfabetizados e outros em pleno processo de letramento.

No ano 2017, iniciamos o ano com uma questão sobre a importância do nome, assim, refletimos sobre a pergunta: “Qual é a sua graça?”, que gerou muito interesse dos alunos. Em função desse interesse e da participação dos alunos para discutir esse assunto, nasceu a ideia de trabalhar a proposta de intervenção com o tema “nomes próprios de pessoa”, com o objetivo de aprofundar a discussão e conhecer mais sobre como os nomes se constituíram historicamente, dado o interesse dos alunos.

Foi possível perceber no início do projeto que a maioria dos alunos estavam acostumados a buscar o sentido apenas no texto, buscar marcas no texto, pistas que lhe servissem de respostas, assim como esperavam que o professor fornecesse as respostas certas (aquela fornecida pelo livro didático), uma vez que o imaginário de professor é aquele que é dono da verdade absoluta. Os alunos apresentavam dificuldades em expor o que realmente pensavam sobre o texto, aquilo que entenderam. Embora saibamos que historicamente as respostas dos alunos nem sempre foram ouvidas, discutidas, ou valorizadas, uma representação de que “os sentidos que circulam na escola são os determinados pelo professor, que ocupa a posição de representante da ciência, detentor do saber e da verdade” (HASHIGUTI, 2009, p.23)

Nesse sentido, a proposta do projeto foi trazer práticas de leitura, escrita e oralidade como processo discursivo como propõe Coracini,

Há uma outra concepção de leitura que se encontra na interface entre a análise do discurso e a desconstrução que considera o ato de ler como um processo discursivo no qual se inserem os sujeitos produtores de sentido – autor e o leitor – ambos sócios-historicamente determinados e ideologicamente constituídos. É o momento histórico-social que

determina o comportamento, as atitudes, a linguagem de um e de outro e a própria configuração do sentido (CORACINI, 1995, p.15).

Por isso a proposta foi a de desenvolver um trabalho na perspectiva discursiva, em que o aluno compreenda a língua para além da evidência do sentido, considerando as suas condições de produção. No próximo capítulo vamos nos ater sobre o projeto e as bases teóricas que o sustentam.

2 DA IDEALIZAÇÃO À REALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Ao longo de vinte anos trabalhando na educação com as disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, muitos fatos me causaram incômodos, dentre eles, a dificuldade de os alunos compreenderem os enunciados das atividades; a passividade deles diante de respostas prontas; o desinteresse pela leitura e escrita, dentre outros. Pude perceber que alguns alunos entram e saem da escola sem nunca emitir uma opinião, outros parecem ir à escola apenas para se divertir, sem compromisso com os seus estudos, como se a escola de modo algum os afetasse. Outro fato que causa certo desconforto é a ausência da heterogeneidade de sentidos, uma forma de homogeneização, como se os sentidos fossem sempre únicos.

Por outro lado, o professor parece ser o único responsável pelo fracasso da educação, especialmente o professor de Português, no que tange à leitura, escrita e interpretação. A sociedade o coloca como responsável pelo insucesso do aluno e muitas vezes até os próprios colegas de trabalho, pois não veem que a leitura e escrita é uma obrigação de todos, não exclusividade das aulas de Língua Portuguesa. Essas discursividades acabam afetando o professor que se sente oprimido pela situação.

Foram todas essas questões levantadas que me incentivaram a buscar qualificação no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). O mestrado me fez refletir sobre o ensino de Língua Portuguesa em uma perspectiva discursiva, me proporcionando um novo olhar sobre a prática.

Fundamentada nos preceitos da Análise de Discurso de linha Francesa, fundada pelos trabalhos de Michel Pêcheux, na França, e Eni Orlandi, no Brasil, e de outros pesquisadores, pude reavaliar minha prática pedagógica. E com base nessa teoria, procurei meios de propor melhoras no ensino de Língua Portuguesa na Escola Estadual Ledy Anita Brescancin, onde atuo, elaborando um projeto de intervenção para trabalhar a leitura e a escrita com os alunos na sala de aula. Considerando o nosso objeto de estudo com os alunos ser nomes próprios, fizemos uma articulação com a Semântica do Acontecimento, a partir dos estudos de Eduardo Guimarães.

O objetivo do projeto de intervenção foi o de desenvolver práticas de oralidade, leitura e escrita sobre o nome próprio de pessoas e sobrenomes com alunos do 7º ano. Para isso, selecionamos, para a construção do arquivo de leitura, diferentes materialidades discursivas como poemas, cartoons, vídeos, músicas, documentários, entrevistas,

legislação entre outros, procurando a partir da leitura do arquivo dar condições aos alunos de assumirem a autoria de seus textos.

Para Zoppi-Fontana (2011, p. 11), o arquivo é “um conjunto de textos disponíveis sobre a questão que nos interessa, no qual apareçam representados (embora não de forma exaustiva) os diversos discursos que intervêm na produção de sentidos (...), assim como, de forma mais geral, participam da consolidação de estereótipos e estigmas que circulam na sociedade sustentando práticas de discriminação”.

Consideramos importante trazer aqui o que diz Pfeiffer (1995, p. 69), em relação ao trabalho com o arquivo na escola,

E pensando sobre a memória que se constrói dentro do âmbito escolar – perpassado por esse direito de regulamentação que apaga a oralidade – vamos percebendo que o arquivo que a escola permite que seja construído é extremamente restrito (o que nos leva a pensar que fora dos muros escolares é construído um arquivo muito mais denso). Observando algumas atividades, fica-nos claro a “pequenez” do arquivo que se permite construir: ao aluno cabe copiar as respostas e não as construir; ainda lhe cabe apenas prestar atenção em certas informações que são pré-ditas pelo professor – ele direciona a compreensão do aluno para certas informações que estão no texto.

Convém dizer que antes de ingressar no mestrado, embora não tivesse consciência disso, concebia a sala de aula como sendo um espaço unilateral, onde somente o professor tinha “voz”, ou melhor, o “livro didático”; cabia ao aluno ouvir e assimilar, como se ele fosse um receptáculo do conhecimento, como explica Souza.

Na sala de aula tradicional, de cunho saussuriana, tanto os conteúdos quanto a metodologia são vistos como imutáveis, fixos e estáveis. Os conteúdos – a gramática, seja ela tradicional ou comunicativa – são pré-estabelecidos, de forma unilateral, pelo professor ou pela instituição, independentemente de qualquer grupo específico de aprendizes. A metodologia também é vista como imutável e unilateral, garantindo a naturalidade da autoridade do professor, sendo que o aprendiz é visto como um ser abstrato, desprovido de um caráter social, vontades e voz própria. Essa visão aborda a sala de aula como um lugar neutro, objetivo e harmonioso (SOUZA, 1995, p.23).

Desse modo, hoje, ao analisar a minha prática, percebo que quando trabalhava com textos, sempre foram usados como estudo da metalinguagem, compreendia a interpretação apenas de modo superficial, solicitando que o aluno destacasse a parte mais importante do texto, ou trabalhando perguntas objetivas que facilmente eram encontradas na superfície do texto.

Até então, as aulas eram conduzidas dessa forma, não considerando a heterogeneidade, acreditando que todos entendiam da mesma forma, fazendo prevalecer a autoridade do professor como senhor do conhecimento. Essa naturalização das práticas escondiam os verdadeiros conflitos existentes na não aprendizagem e dessa forma a sala de aula tem se constituído sócio historicamente e tem se perpetuado.

Romper com essa estrutura, alicerçada em anos de “experiência”, é um desafio árduo, pois nos acostumamos com as velhas práticas, hoje sabemos que necessário é ressignificar a sala de aula, proporcionar espaços de discussão, interação, de considerar as diferenças, abrir espaço para negociação, utilizar a prática da escuta. Como diz Orlandi “ao falar, ao significar, eu me significo”, isso por parte de todos os envolvidos no processo de aprendizagem para que haja troca de saberes, oportunizar ao aluno, ser parte e não um vaso vazio que precisa ser preenchido com conteúdos pré-estabelecidos, que desconsideram suas condições de produção.

Essa ressignificação do espaço da sala de aula está muito relacionada com a forma como concebemos alguns conceitos que norteiam nosso fazer pedagógico, por exemplo, considerávamos os textos como tendo um único sentido, como se o texto por si, fosse portador de toda a significação, cabendo ao aluno apreender os sentidos no texto através de marcas deixadas pelo autor.

Dessa forma, ao trabalhar o texto na sala de aula, fazíamos perguntas óbvias aos alunos, acreditando na evidencia da linguagem; buscávamos o significado de palavras desconhecidas; o tipo do texto; a linguagem utilizada; o estudo do vocabulário e por último usávamos o texto como pretexto para trabalhar a metalinguagem. Isso porque, considerávamos o professor como a única pessoa autorizada a interpretar, o qual, por sua vez recorria ao livro didático, livro esse que era seguido do primeiro dia de aula até o último, como sendo a melhor opção. Muitas vezes, ouvimos os professores no término do ano dizerem orgulhosos, que concluíram o livro didático, que cumpriram o meu papel. Sobre isso, Coracini diz,

Uma decorrência inevitável do caráter simplificador da aula de línguas (materna e estrangeira) parece estar no fato de que limita a produção de conhecimentos e a própria leitura a uma só, a do professor ou à do livro didático, no desejo do controle e da totalização, que, em última instância, corresponderia ao desejo recalcado e à busca da verdade e da essência que parecem inerentes à cultura ocidental desde a antiguidade greco-latina (CORACINI, 1995, p.49).

Conceber o texto em uma perspectiva discursiva é oportunizar ao aluno perceber que o texto não traz um sentido único, cabendo a ele desvendá-lo. Ao contrário, é conceber o texto em sua discursividade, olhando para ele em suas condições de produção, pois como diz Orlandi, os sentidos estão sempre *em relação à*. Ao olhar o texto desse modo, que o aluno possa perceber que um texto produz muitos outros sentidos, mas não qualquer um, na relação que ele vai estabelecer com os outros textos, com a memória, com os sujeitos.

Para Orlandi,

Se o texto é unidade de análise, só pode sê-lo porque representa uma contrapartida à unidade teórica, o discurso, definido como efeito de sentido entre locutores. O texto é texto porque significa. Então, para a análise de discurso, o que interessa não é a organização linguística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significante do sujeito em relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade: linguístico-histórica. Consideramos o texto não apenas com um “dado” linguístico (com suas marcas, organização etc.) mas como “fato” discursivo, trazendo a memória para a consideração dos elementos submetidos à análise. São os fatos que nos permitem chegar à análise. São os fatos que nos permitem chegar à memória da língua: desse modo podemos compreender como o texto funciona, enquanto objeto simbólico (ORLANDI, 2015, p.67).

O professor precisa levar em consideração a escuta de diferentes formulações de sentido, é necessário ver o texto de forma aberta e não como um único sentido, ver o aluno como sujeito interpelado por diferentes discursividades, que poderá chegar a percepções que não estavam previstas de imediato, pois ele é constituído sócio historicamente, portanto devemos considerar a não transparência da língua. Segundo Orlandi,

para a teoria do discurso a língua tem sua unidade, sua própria ordem, com a diferença que não é um sistema perfeito, nem uma unidade fechada: a língua é sujeita a falhas e é afetada pela incompletude. [...] o lugar da falha e a incompletude não são defeitos, são antes a qualidade da língua em sua materialidade: falha e incompletude são o lugar do possível. Daí a diferença, a mudança, o equívoco (ORLANDI, 2009, p. 12).

Essa concepção de língua traz outra percepção de ensino, pois estamos diante de um conceito que nos leva a perceber a diversidade de sentidos, o não controle dos sentidos, pois esses podem ser interpretados de formas diferentes, daquele previamente

imposto pelo livro didático, ou pelo professor detentor do discurso pedagógico (DP) tido como verdade absoluta.

Segundo Cabral Hayshida (2012, p. 64), a Análise de Discurso compreende a língua em seu funcionamento.

Essa perspectiva teórica, além de considerar o homem em sua relação com a linguagem e sua história, importa-se com as condições de produção do discurso. Procura relacionar a linguagem produzida pelo sujeito com aquilo que lhe é exterior. Todavia, esse processo não ocorre de forma independente, pois tanto a linguagem, quanto o sujeito e a história são constitutivos um do outro. Dessa forma, para a teoria, o funcionamento da linguagem se dá na relação entre os sujeitos e os sentidos, estes por sua vez, são afetados pela língua e pela história.

A partir dessa concepção, observa-se, segundo Orlandi (2015), que o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos. Ou seja, o texto por si só não é um receptáculo de sentido que precisa ser desvendado, ele faz sentido pela discursividade presente nele, que dialoga com sujeitos compostos sócio histórico (ideológico).

Há muitos sentidos, mas o texto não abre tanto a ponto de admitir qualquer gesto de interpretação, esse por sua vez somente é validado se for parte da história “O gesto de interpretação, fora da história, não é formulação (é fórmula), não é resignificação (é arranjo)” (ORLANDI, 2012, p.17).

Em se tratando de leitura, os PCNs trazem entre seus objetivos o seguinte: “valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos” (PCNs, p.1997, p. 33). Esse objetivo não deixa claro a função primordial da leitura que é essa relação entre sujeito com todas as suas complexidades, texto que não é transparente e condições de produção seja para o texto ou para o sujeito-leitor.

Creemos, desse modo, que esse objetivo não condiz com a proposta de leitura da Análise de Discurso, que a concebe para além de fonte de informação, pois a leitura mobiliza sentidos que estão além da materialidade do texto. Como conceitua Coracini,

Quanto à noção de texto, adotamos aqui a ideia segundo a qual os textos, independentemente das convenções partilhadas, independentemente da formação discursiva, são conjuntos amorfos de sinais gráficos, incapazes de reter sentido fora do jogo linguístico (cf. Wittgenstein, 1969), fora do universo do discurso (cf. Urban, cit

Shibles, 1974) O texto seria, então, o produto do processo discursivo, uma forma convencional consensualmente reconhecida de comunicação social (CORACINI, 1995, P. 17).

Para Orlandi, texto é um objeto histórico,

Histórico aí não tem o sentido de ser o texto um documento, mas discurso. Assim, melhor seria dizer: o texto é um objeto linguístico-histórico. É a partir dessa definição que tenho procurado entender o que é o texto para a análise de discurso francesa (1995, p. 112).

É importante dizer que para a Análise de Discurso o texto, em sua compreensão composição tem começo, meio e fim, mas quando o compreendemos como discurso, ele se constitui pela sua incompletude. Para a autora,

o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada — embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira — pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer (Ibidem, p. 112-113).

Nessa perspectiva, propomos desenvolver com os nossos alunos uma leitura polissêmica, que forneça condições para que o aluno produza gestos de interpretação, mobilize a memória e se sinta responsável pelo seu dizer.

Ainda com relação aos PCNs, de acordo com a autora, podemos observar o seguinte objetivo em relação ao texto,

utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos: identificar aspectos relevantes; organizar notas; elaborar roteiros; compor textos coerentes a partir de trechos oriundos de diferentes fontes; fazer resumos, índices, esquemas, etc.

Percebemos mais uma vez nos PCNs uma concepção de texto em que o sentido está preso à estrutura textual e não na relação com os interlocutores, com as questões sócio históricas e ideológicas. Coracini explica como funciona essa relação em uma perspectiva discursiva,

Nessa perspectiva, não é o texto que determina as leituras...mas o sujeito, não a acepção idealista de indivíduo, uno, coerente, porque dotado de razão, como queria Descartes, graças à qual lhe é possível controlar conscientemente a linguagem e o sentido, mas enquanto participante de uma determinada formação discursiva, sujeito clivado, heterogêneo, perpassado pelo inconsciente, no qual se inscreve o

discurso. E essa inscrição, esse efeito discursivo, resulta no apagamento do sujeito (ORLANDI, 1998). É só nesta visão de sujeito que se pode dizer que o leitor é o ponto de partida da produção de sentido (CORACINI, 1995, P. 17.18).

Orlandi salienta que,

A constituição do sentido se dá fora de nosso alcance direto, na relação com o interdiscurso. Este se apresenta como uma história que não se situa. Ela não está alocada em lugar nenhum. É uma trama de sentidos. Por isso a instância da formulação não nos leva imediatamente ao interdiscurso. Passa pela opacidade, pela espessura semântica, pelo corpo da linguagem que, na análise de discurso, chamamos sua materialidade, sua discursividade, sua historicidade. Em uma palavra, pela ideologia (2012, p. 76).

Diante desses conceitos, faz-se necessário uma mudança de postura do professor e do aluno, em relação ao ensino de Língua Portuguesa para construção do conhecimento juntos, nas reflexões e partilhas de pontos de vistas, ao considerar essa perspectiva teórica que abre um novo leque de possibilidades de leitura e interpretação; não podemos deixar de referir a incompletude da linguagem, que, segundo Orlandi, é “estrutura e acontecimento, tendo assim de existir na relação necessária com a história (e com o equívoco)” (ORLANDI, 2012, p. 12).

Ainda segundo a autora, a interpretação no âmbito escolar propõe uma escuta das vozes que há na escola, em relação a esses gestos de interpretação,

Começamos por afirmar que a interpretação é um “gesto”, ou seja, é um ato no nível simbólico (Pêcheux, 1969). Sem esquecer que a palavra gesto, na perspectiva discursiva, serve justamente para deslocar a noção de “ato” da perspectiva pragmática; sem, no entanto, desconsiderá-la. O gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é “materializada” pela história (ORLANDI, 2012, p.18).

Como vimos, a interpretação é vista como diferentes possibilidades de gestos de interpretação, porém quando interpretamos já estamos presos a um sentido. Em se tratando da compreensão, Orlandi (2015, p.24) diz que “a compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem.” Ou seja, a compreensão está relacionada às diferentes formações discursivas, ao considerar o texto, seja ele oral ou escrito, que teve por base o já dito, (intradiscurso) e como formulação o dizível no repetível histórico (interdiscurso).

Ao se referir a incompletude da língua, Orlandi explica que,

Se o fecho tem sua eficácia na produção do efeito de unidade, de coerência e de não contradição, porém pela incompletude da linguagem - todo texto tem a ver com outros textos, existentes, possíveis e imaginários, pois ele tem sobretudo uma relação necessária com a exterioridade, estabelecendo assim as suas relações de sentido e pela dispersão do sujeito – que aparece em sua descontinuidade no texto – o autor não realiza jamais o fechamento completo do texto, aparecendo, como diz Pêcheux, ao longo do texto pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação, ao equívoco, ao trabalho da história na língua (ORLANDI, 2012, p. 77).

Em se tratando de autoria, temos que considerar que a escola durante muito tempo trabalhou com modelos e o aluno se acostumou a parafrasear aquilo que lhe era apresentado como referência. Nesse sentido, ultrapassar esses limites e chegar à assunção da autoria é um trabalho árduo, pois o aluno foi ensinado a repetir parâmetros tidos como corretos, escrever para seu único leitor imaginário, o professor, e repetir aquilo que ele esperava. De acordo com Orlandi, pode-se fazer a seguinte distinção,

- a. Repetição empírica exercício mnemônico que não historiciza de;
- b. Repetição formal – técnica de produzir frases, exercício gramática que também não historiciza – de;
- c. Repetição histórica, a que inscreve o dizer no repetível enquanto memória constitutiva, saber discursivo, em uma palavra: interdiscurso. Este, a memória (rede de filiações), que faz a língua significar. É assim que sentido, memória e história se intrincam na noção de interdiscurso (ORLANDI, 2012, P. 70).

Para pensar a escrita na sala de aula é necessário que o aluno atinja o nível da repetição histórica, para atingir a assunção da autoria e isso requer uma mudança de postura por parte da escola que está acostumada com os “modelos” e a não aceitação do diferente.

A autoria está na repetição histórica, mas que assume a condição do movimento dos sentidos e dos sujeitos dado pela incompletude da linguagem. O que coloca o texto uma vez escrito com suas aberturas de interpretação e efeito de fecho em uma posição de vida própria distante do sujeito-autor, pois as suas brechas embora inscrito em determinada formação discursiva, dialoga com outras formações discursivas, com diferentes condições de produção, assim, o sujeito-leitor pode corroborar ou discordar do texto que o sujeito-autor escreve com a ilusão de ser original (memória discursiva). Como afirma Orlandi,

O autor se produz pela possibilidade de um gesto de interpretação que lhe corresponde e quem “de fora”. O lugar do autor é determinado pelo lugar da interpretação. O efeito-leitor representa, para o autor, sua exterioridade constitutiva (memória do dizer, repetição histórica) (2012, p.75).

Como o nosso objeto de estudo é o nome próprio de pessoa, estabelecemos uma interface com a Semântica do Acontecimento. Guimarães, em um estudo enunciativo da designação diz que,

A nomeação é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome (não vou aqui discutir esse processo) a designação é o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposto ao real, ou seja, não vou tomar o nome como uma palavra que classifica objetos, incluindo-os em certos conjuntos. Vou considerar, tal como considera Rancière (1992), que os nomes identificam objetos. Hipótese que me interessa fortemente tanto para os nomes comuns como para os nomes próprios (2017, p.12).

Ao refletir sobre a designação dos nomes próprios de pessoas, o autor vai dizer que logo de início se coloca a relação nome/coisa, dando a ideia de um nome único para um objeto único, mas, acrescenta: “Por outro lado se coloca a questão de que há uma relação particular: o nome único é nome de uma pessoa única” (2017, p. 33). Isso significa dizer que há uma relação com aqueles que falam: nome/pessoa, nome/falante, nome/sujeito, em dado espaço de enunciação.

Para Guimarães, aquilo que aparentemente é apresentado como nome único para uma pessoa é uma construção de determinação, sobre isso diz, “o nome próprio de pessoa é, na nossa sociedade, uma construção em que relações semânticas de determinação constituem o nome, o que já nos afasta de posições estritamente referenciais ou cognitivas no estudo do nome próprio” (ibidem, p. 35). Mais adiante, o autor vai dizer que a unicidade dos nomes próprios não existe, ela “é um efeito do funcionamento dos nomes próprios como processo de identificação social do que se nomeia” (ibidem, p. 36), assim o funcionamento dos nomes próprios se dá no processo social entre sujeitos.

Nessa direção, o autor ressalta que,

Isso significa dizer que as pessoas têm nelas algo que lhes é dado pelo processo de designação. Faz parte deste processo o fato de que o sujeito destas enunciações é sujeito enquanto fala de uma posição ideologicamente configurada pelo interdiscurso: posição e sujeito jurídico-liberal, ou religioso, ou administrativo, etc. As pessoas não são pessoas em si. O sentido do nome próprio lhes constitui, em certa

medida. O sentido constitui o mundo que povoamos. E o constitui enquanto produz identificações sociais que são o fundamento do funcionamento do indivíduo enquanto sujeito. E aqui é preciso lembrar que este processo de identificação se faz no espaço de enunciação de Língua do Estado, e assim identifica o indivíduo como cidadão (IBIDEM, p. 41).

Ao refletir sobre o estudo enunciativo da designação, o autor faz uma desconstrução da unicidade do nome próprio. Para ele o processo enunciativo da enunciação que nomeia remete a enunciações diversas, ou seja, um nome pode estar relacionado a diferentes lugares, remetendo ao interdiscurso, à memória. Assim os nomes próprios estão carregados de sentidos.

Então atribuir um nome a uma determinada pessoa tem muitas implicações, dentre elas uma língua de Estado, um lugar enunciativo que autoriza um pai a “escolher” um nome, um tabelião para documentar esta escolha conforme determina a lei, em uma determinada conjuntura. Para o autor, “é inseparável, do funcionamento e sentido do nome próprio, o acontecimento que o tornou nome próprio para algo” (GUIMARÃES, 2018, p. 175). Todo nome próprio significa, porque o seu funcionamento significa na sua história de enunciação.

Pensar o nome próprio de pessoa, na perspectiva da Análise de Discurso, implica dizer que o ato de nomear alguém, faz parte de um processo discursivo com alguns referentes que estão presentes na discursividade da nomeação. A noção de interdiscurso é importante para compreender esse processo. Para Orlandi,

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato” possa fazer sentido em “minhas” palavras. No interdiscurso, diz Courtine (1984), fala uma voz sem nome (ORLANDI, 2015, p.59).

Assim, o nome em relação ao interdiscurso é um já dito, que determina e sustenta a nomeação. Ao nascer, os responsáveis pela criança cumprem a função social de nomear. E ao nomear, o sujeito que nomeia (pai, mãe ou responsável legal) remete o seu dizer, de forma inconsciente, a outros dizeres, a outras discursividades.

Guimarães, em um estudo enunciativo da designação em Semântica do Acontecimento diz que,

A nomeação é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome (não vou aqui discutir esse processo) a designação é o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposto ao real, ou seja, não vou tomar o nome como uma palavra que classifica objetos, incluindo-os em certos conjuntos. Vou considerar, tal como considera Rancière (1992), que os nomes identificam objetos. Hipótese que me interessa fortemente tanto para os nomes comuns como para os nomes próprios (2017, p.12).

Para o autor, “é inseparável, do funcionamento e sentido do nome próprio, o acontecimento que o tornou nome próprio para algo” (GUIMARÃES, 2018, p. 175). Todo nome próprio significa, porque o seu funcionamento significa na sua história de enunciação.

Para a Análise de Discurso, o discurso é o “efeito de sentidos entre locutores” (Orlandi, 2015, p.20), sujeito e sentido são constituídos simultaneamente no processo de funcionamento da linguagem e tem como constituição a ideologia que produz “evidências colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (Orlandi, 2015, p. 44).

Desse modo, ao estudar o nome próprio de pessoa com os alunos, trabalhamos com os processos de identificação (PÊCHEUX, 1997) e de não identificação do sujeito aluno com o seu nome, estudo feito através de leituras, diálogos, discussões e dentro das condições de produção dos alunos. Mais adiante, explicitaremos melhor sobre os processos de identificação do sujeito.

Diante desses pressupostos teóricos, nos propusemos a trabalhar a leitura, oralidade e escrita para que os alunos inseridos no projeto pudessem alcançar à assunção da autoria em relação à produção de texto, trabalhando a leitura polissêmica, procurando amenizar a interdição do dizer projetada pela Discurso Pedagógico, promovendo espaços onde o aluno possa apresentar seus pontos de vista.

Para tanto, utilizamos como proposta metodológica a leitura de diferentes materialidades discursivas, que possibilitem diferentes pontos de vista em relação ao objeto estudado, cientes que diferentes materialidades, promove diferentes interpretações, diferentes posicionamentos, como explica Orlandi,

Porque há muitos modos de significar e a matéria significante tem plasticidade, é plural. Como os sentidos não são indiferentes à matéria significante, a relação do homem com os sentidos se exerce em diversas materialidades, em processos de significação diversos: pintura,

imagem, música, escultura, escrita, etc. A matéria significativa e/ou sua percepção afeta o gesto de interpretação e dá forma a ele (ORLANDI, 2012, p.12).

Assim, nos propomos a trabalhar com diferentes materialidades, como artigos, documentários, revistas, textos literários, pesquisas online, dicionários de nomes, entrevistas com pais e pessoas da comunidade, consulta a documentos como a legislação que rege a nomeação, vídeos e músicas que abordam o assunto.

Sobre a diversidade de materialidades no processo de ensino da leitura reportamos ao que diz Romão e Pacífico (2006, p.50), “o espaço da sala de aula deve ser inundado por diversos portadores de textos, por diferentes materialidades, que possam remeter o aluno a um lugar povoado por várias vozes, em que os sentidos sejam plurais”. Dessa forma, nosso objetivo foi o de construir um arquivo de leitura sobre o processo de nomeação dos nomes próprios, incluindo o próprio nome do aluno, em diferentes matérias significantes.

2.1 Espaço Escolar

O projeto de intervenção pedagógica foi desenvolvido na Escola Estadual Ledy Anita Brescancin na cidade de Campo Verde-MT, que atende alunos do Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio regular e EJA. Essa escola funciona nos três períodos, possui 54 professores, 21 profissionais no apoio educacional e 1081 alunos, sendo no período matutino 382, no vespertino 315 e no noturno 384.

É uma escola situada em um bairro periférico, com alunos, em sua maioria de baixa renda, onde é possível observar significativa rotatividade devido aos períodos de safra, no decorrer do ano todo, conforme as condições de trabalho dos pais ou responsáveis. Isso, de certo modo, contribui para que alguns alunos apresentem dificuldades de aprendizagem.

Na Escola Ledy Anita, observamos que os alunos apresentavam muitas dificuldades de leitura, bem como de manifestar seus gestos de interpretação. Assim, pensamos em trabalhar com leituras de diferentes materialidades discursivas sobre o tema, desenvolvendo discussão e debate em sala de aula para que eles pudessem emitir opiniões, interagindo com o texto, em sua relação com as condições de produção. Nosso objetivo foi dar condições aos alunos de produzirem textos orais e escritos, assumindo a responsabilidade pelo seu dizer, a partir da leitura de um pequeno arquivo sobre a tema.

A escola na qual foi desenvolvido o projeto tem como uma de suas metas, de acordo com Projeto Político Pedagógico (PPP), o respeito pelas diferentes culturas, diferentes saberes e justifica seu posicionamento ao mencionar Menezes,

Assim, educar é mais que reproduzir conhecimento. É, sobretudo, responder aos desafios da sociedade na busca da transformação. Portanto, “os sujeitos que hoje vão à escola constituem uma população altamente diversificada, o que gera a necessidade de prestar atenção às diferentes maneiras de interpretar o mundo, o conhecimento e as relações sociais” (MENEZES, 2006).

A proposta do nosso projeto encontra respaldo no PPP da escola, em especial ao objetivo acima mencionado, pois nos propomos a trabalhar na perspectiva discursiva, concebendo a leitura como polissêmica, em que o aluno terá liberdade de produzir diferentes gestos de interpretação.

Em relação à leitura, a escola trabalha como todas as escolas de uma forma técnica, sempre preocupada com estratégias pedagógicas procurando solucionar os problemas da dificuldade de leitura dos alunos. Isso porque visa a urgência de resultados já que ela é avaliada constantemente. Essa forma de trabalhar a leitura é vista como pedagogismo, segundo Orlandi (2008, p, 36),

O pedagogismo, para mim, é acreditar em soluções pedagógicas desvinculando-as do seu caráter sócio-histórico mais amplo; para resolver a questão da leitura se propõem técnicas para que se dê conta, em algumas horas semanais, dessa propalada incapacidade.

Hoje, eu compreendo que a leitura deve cumprir sua função social, deve promover deslocamentos, deve dialogar com o leitor, entre outras possibilidades.

Outra questão, que erramos muito é o modo como se tem trabalhado a leitura nas escolas. O texto tem apenas um sentido, e o sentido, geralmente, é atribuído pelo professor ou pelo livro didático. Ao aluno cabe apenas apreender esse sentido. Mesmo que na escola e no próprio livro didático a proposta seja trabalhar com a interação, o que se vê é uma ênfase no ensino do gênero textual, e a leitura que tem predominado é a decodificação.

Podemos destacar ainda que a escola trabalha com a linguagem verbal, em especial a escrita, deixando de lado outras formas de linguagem. Nesse sentido, Orlandi, argumenta,

A convivência com a música, a pintura, a fotografia, o cinema, com outras formas de utilização do som e com a imagem, assim como a convivência com as linguagens artificiais, poderiam nos apontar para

uma inserção no universo simbólico que não é a que temos estabelecido na escola. Essas linguagens todas não são alternativas. Elas se articulam. E é essa articulação que deveria ser explorada no ensino da leitura, quando temos como objetivo trabalhar a capacidade de compreensão do aluno (2008, p. 40).

Diante desse quadro, a escola precisa avançar muito ainda, precisa pensar na formação do aluno leitor. O modo como a escrita é trabalhada também precisa ser repensado. Como pensar em autoria, se o nosso aluno não tem espaço de interpretação na sala de aula? Para isso, trazemos Pfeiffer (1995, p. 63-64), que diz,

Pensar em termos de produtividade é essencial pra entender o que proponho quando critico atividades que não permitem à criança entrar em espaços interpretativos. Ter o direito à interpretação, isto é, ser leitor e autor, não significa ser original, mas sim ter o direito à produção de sentidos na linguagem, ser sujeito da linguagem. O que quero dizer é que quando o indivíduo é impedido de entrar no lugar da interpretação, ao mesmo tempo, ele está sendo impedido de ser constituído dialeticamente pela linguagem – ou seja, ser constituído e constituir a linguagem. Se os sentidos pelos quais é tomado não lhe fazem sentido, o sujeito é colocado à margem de seu próprio funcionamento constitutivo da/na linguagem. Ao sujeito é negada a possibilidade de ser produtor de sentidos (que são constituídos pelo interdiscurso). Ser produtor não é o mesmo que ser criador. Esta é uma diferença fundamental para entender a AD e a minha análise sobre a função da autoria produzida na escola.

A autora está discutindo sobre a criatividade tão cobrada na escola. Cobramos criatividade do nosso aluno, mas negamos os espaços de interpretação para que ele possa produzir sentidos. Essa é uma grande contradição. A autora, como vimos, trabalha com a noção de produtividade, no sentido de produzir sentidos na linguagem, ser sujeito de seu dizer.

Nesse sentido, buscamos criar espaços de interpretação na nossa sala de aula, para que o aluno tenha o direito a produzir sentido, a significar. A partir do trabalho com os nomes próprios de pessoa, esperamos que ele seja capaz de estabelecer relações, concordar, discordar, sugerir, estabelecendo relações com sua memória discursiva sobre o assunto. Queremos ver o efeito do arquivo nas produções dos alunos. Não como uma repetição mnemônica, mas como uma repetição histórica, que emerge no interdiscurso, produzindo autoria.

2.2 Sujeitos envolvidos na prática pedagógica

O Projeto de Intervenção foi desenvolvido com a turma de 7ª ano A, com 27 alunos. Nosso objetivo foi o de trabalhar a leitura com diferentes materialidades, na perspectiva discursiva, sobre o tema nomes próprios de pessoas e sobrenomes. Para isso, propomos atividades com as quais o aluno poderia se posicionar quanto à identificação ou não de seus nomes, conhecer suas histórias, refletir sobre a historicidade dos nomes e atingir a assunção da autoria.

No projeto de intervenção “Nomes próprio de pessoas e sobrenomes”, realizamos pesquisas com familiares, em dicionários de nomes próprios, e realizamos leituras de diversos textos que discutem o nome próprio para pensarmos a nomeação e buscamos compreender junto com os alunos como se deu esse processo sócio historicamente.

Estudamos pesquisas realizadas pelo IBGE, a fim de conhecer a popularidade dos nomes dos alunos e sobrenome da família, procurando estabelecer relação com os fatos que marcaram a época dessas nomeações, e quais fatores externos foram determinantes para a escolha desses nomes e não outros, pudemos assim analisar os processos das discursividades do processo de nomeação do sujeito-aluno.

Nesse sentido, estabelecemos uma interface com a Semântica do Acontecimento, trabalhando com o conceito de nomeação. Guimarães (2002), ao refletir sobre o estudo enunciativo da designação, faz uma desconstrução da unicidade do nome próprio. Para ele o processo enunciativo da enunciação que nomeia remete a enunciações diversas, ou seja, um nome pode estar relacionado a diferentes lugares, remetendo ao interdiscurso, à memória. Assim os nomes próprios estão carregados de sentidos.

Para o autor, o funcionamento do nome se dá no processo social de subjetivação (GUIMARÃES, 2002 p.36). Pensar o nome próprio que nos nomeia possibilita uma reflexão sobre o processo de identificação ou não identificação dos sujeitos com os seus nomes.

Segundo Pêcheux (1997, p.163): “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)”. A formação discursiva, para a AD, é aquilo que numa formação ideológica dada, determina o que pode e não pode ser dito (ORLANDI, 2007, p.43). Desse modo, podemos dizer que o sentido não existe em si, mas são determinados ideologicamente. Assim, vamos observar durante as práticas

desenvolvidas e, sobretudo, no produto final, se os alunos se identificam com o seu nome e sobrenome.

No decorrer do projeto estudamos como é constituída a nomeação, o sujeito-aluno pode perceber alguns discursos que atravessam o processo de nomeação, fato esse que proporcionou alguns deslizamentos de sentidos que já estavam naturalizados.

O sujeito leitor aluno teve acesso a diferentes materialidades sobre a temática proposta, bem como sobre os subtemas que foram surgindo, como estrutura familiar, nomeação, bullying e apelidos. Selecionamos um arquivo de leitura pois, de acordo com Orlandi “todo leitor tem a sua história de leitura. O conjunto de leituras feitas configuram, em parte, a compreensibilidade de cada leitor específico” (ORLANDI, 2012a p. 57). E segundo Pêcheux, “há um real constitutivamente estranho à univocidade lógica e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina e que, no entanto, existe produzindo efeitos” (M. PECHEUX, 1990, p.35).

Portanto as leituras realizadas compreendem não apenas textos, mas a vivência de cada um, suas condições de produção; assim, esse aluno não pode ser limitado a um sentido único, como muitas vezes foi trabalhado.

Acreditamos que concomitantemente aos gestos de interpretação poderemos perceber os deslizamentos de sentido, os gestos de autoria na oralidade e na escrita durante a execução do projeto, pois segundo Gallo (1990, p.25) (grifo da autora),

A única garantia que temos que podemos ter como professores de Língua Portuguesa, é a de proporcionar condições para que nossos alunos possam se inscrever em posições-sujeito de discursos onde o efeito leitor AUTOR é possível, ou seja, em outros discursos que não sejam somente circulares e auto avaliativos, como é o caso do discurso didático pedagógico.

Assim, diante do que foi posto, realizamos esse projeto com o intuito de provocar mudanças no fazer pedagógico quanto à leitura, à oralidade, à escrita e à assunção da autoria. Durante o projeto, o aluno teve abertura para contribuir com textos e informações e curiosidades para que ele se sentisse participante e colaborador do desenvolvimento das práticas desenvolvidas.

Para tanto, desenvolvemos a proposta em cinco etapas, conforme cronograma.

Na primeira etapa, antes de iniciarmos o projeto com os alunos, fizemos uma reunião com a direção e coordenação pedagógica com o intuito de apresentar o projeto. Na sequência, nos reunimos com os pais para conversar sobre a temática que propomos

no projeto a ser trabalhado e solicitar a colaboração e autorização para publicar as atividades propostas com os nomes dos alunos.

No segunda etapa, realizamos várias práticas de leitura em torno do tema propostos, tais como: o vídeo ‘Vida Maria’; a música ‘Maria Ninguém’, de João Gilberto, a poesia ‘O nome da gente’, de Pedro Bandeira, livro ‘Marcelo, Marmelo, Martelo’, de Ruth Rocha, a música, em vídeo ‘Gente tem sobrenome’, do Toquinho. Leituras que questionavam o porquê temos um nome, e porque esse e não outro, nesse momento foram levantados alguns questionamentos por parte dos alunos, eles comentaram sobre a identificação ou não com seus nomes.

Na terceira etapa, utilizamos cópias das certidões de nascimento para conversar sobre como seus nomes eram constituídos, o que gerou muita discussão e os levou a uma entrevista com o oficial do cartório para explicar sobre as leis que regem a escolha do nome. Logo depois eles fizeram uma pesquisa on-line sobre o significado de seus sobrenomes, o que gerou a construção de uma árvore genealógica, que foi exposta para a comunidade escolar, mostrando o significado de seus sobrenomes e foi perceptível, através dos desenhos das famílias, a inclusão de pessoas que não tinham vínculos consanguíneos, mas que faziam parte da família por vínculos afetivos. Na quarta etapa, nós trabalhamos com textos sobre pessoas que perderam suas identidades como os negros e judeus, o que nos proporcionou interessantes deslizamentos de sentidos. O tema seguinte foi bullying onde foi abordado sobre os nomes e apelidos que muitas vezes tinham a ver com características físicas, onde tivemos a participação de uma interprete da escola que nos relatou sua experiência pessoal com bullying. Os alunos elaboraram uma enquete sobre a prática e as vítimas de bullying e realizaram uma pesquisa na escola em todas as séries. Após esse momento com a ajuda da professora de matemática eles realizaram gráficos sobre a estatística de bullying na escola e produziram frases de combate ao bullying, no mural na escola, foi exposto o resultado da enquete e as frases produzidas pelos alunos.

Na quinta etapa, propomos que os alunos conversassem com os pais sobre suas famílias e suas origens. Depois, solicitamos que eles escrevessem quais são as características que os identificavam, que marcavam suas famílias tais como: se são honestos, amigos, trabalhadores, alegres, inteligentes, se gostam de brincar, de festas, de pescaria, de churrasco etc. Depois dessa conversa sobre as famílias, os alunos pesquisaram seus nomes no IBGE e em dicionários e puderam perceber que em determinados períodos seus nomes eram mais populares. Pesquisaram também, quais

fatores levaram esses nomes a se tornarem populares ou nunca terem sido populares, perceberam que alguns dados externos foram determinantes para escolha de seus nomes. Para desfecho do projeto, pensamos na produção de relatos. Para tanto, os alunos escreveram um texto contando a história de seu nome, a partir de sua vivência, identificação ou não com seus nomes, como ele percebia sua história e de sua família.

Esses foram os procedimentos utilizados para concretização do projeto que iremos descrever no próximo capítulo, procurando analisar o processo discursivo e algumas produções dos alunos.

3 UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Nesse capítulo, buscamos descrever e analisar os processos discursivos das práticas de linguagem desenvolvidas pelo projeto de intervenção. Como dissemos no capítulo anterior, o trabalho foi desenvolvido na perspectiva da Análise de Discurso francesa, em articulação com a Semântica do Acontecimento, uma vez que nos propomos a trabalhar com nome próprio de pessoa.

A intervenção teve como norte as práticas de oralidade, leitura e escrita vista por um viés discursivo. Assim, trabalhamos com os alunos diferentes materialidades significantes tais como: textos, vídeos, contos, artigos, tirinhas, documentos oficiais sobre nomeação, trechos da Lei 6.015/73 e do Novo Código Civil 10.406/02, bem como realizamos pesquisas em dicionários de nomes próprios *online*, dados estatísticos do IBGE e entrevistas.

Este capítulo, portanto, será dividido em seis subitens. Abordaremos, primeiramente, cada uma das cinco etapas do projeto de intervenção e, em seguida, analisaremos os processos de significação dos nomes próprios e constituição da autoria. Desse modo, faremos uma descrição das práticas desenvolvidas, procedendo à análise do processo de ensino aprendizagem.

À medida que a descrição vai sendo desenvolvida, serão feitas algumas considerações teóricas sobre o funcionamento das atividades presentes em cada parte do projeto. Tais considerações são, em outro momento, desenvolvidas também tendo como base algumas das atividades produzidos pelos alunos. As demais produções serão colocadas no fim deste trabalho, em forma de anexo.

Cabe aqui salientar que estaremos dando ênfase à produção oral dos alunos, portanto, grande parte das aulas foram gravadas em áudio, para ajudar na descrição da fala dos sujeitos alunos. Isso porque o aluno muitas vezes consegue expor seu ponto de vista de forma oral, mas tem dificuldades de manifestar sua opinião na forma escrita, pois são modalidades diferentes. Entendemos que a linguagem oral e a escrita são formatos diferentes, bem como é de suma importância que o sujeito-aluno interaja e se coloque como parte das discussões propostas, uma vez que sabemos que seu silenciamento, gestos de interpretação e posturas são constitutivos de seu posicionamento, frente às condições de produção.

3.1 Primeiro momento: pensar, ler, falar e escrever

Na primeira etapa, procuramos desenvolver um período de sondagem em relação à estrutura da escola, materiais e recursos disponíveis, conversa com a direção e coordenação que prontamente se colocaram a nossa disposição no que estivesse ao alcance da escola. Na sequência, fizemos um estudo sobre o Projeto Político da Escola (PPP), com o objetivo de observar quais eram as metas no que diz respeito à área de Linguagem.

Antes do desenvolvimento do projeto, nos reunimos com os alunos a fim de conversar sobre o projeto que havia nascido de uma inquietação da turma em uma atividade desenvolvida no início do ano de 2017. As crianças discutiam sobre seus nomes e comentavam sobre qual nome gostariam de ter. Naquele momento não havíamos pensado em desenvolver o projeto de intervenção com os nomes próprios de pessoa, mas ao voltar para a sala de aula e conversar sobre o projeto esse assunto voltou à tona e optamos por trabalhar com essa temática.

Após a qualificação, realizamos a apresentação do projeto aos alunos do 7º ano A que ficaram entusiasmados com a proposta, bem como por eles terem sido escolhidos para o desenvolvimento do trabalho. Na ocasião, a direção comunicou aos alunos que iria patrocinar um caderno para cada aluno que foi utilizado como um diário de bordo, para serem escritas e anexadas todas as atividades impressas que os alunos recebessem durante as etapas do processo, bem como para fazerem comentários sobre os subtemas do projeto.

Logo em seguida, tivemos uma reunião com os pais, coordenação e direção da escola para explicar o projeto e pedir a cooperação de todos no que tange à pesquisa sobre os nomes e sobrenomes. Procuramos, desse modo, envolver os pais desde o início, cientes que em outras etapas, eles também estariam envolvidos. Os pais se mostraram satisfeitos com o projeto e se colocaram à disposição para ajudar.

Passado esse momento de apresentação da proposta, iniciamos o projeto. Na aula de abertura tivemos um coquetel, patrocinado pela escola com a participação da professora de matemática Josiane Braga e da professora Mestre Keila Costa Massavi Gomes, que gentilmente nos cederam as aulas para desenvolvimento do projeto, bem como contamos com a presença do Coordenador do período matutino professor Wesley Barboza e da Diretora Claudia Coimbra Godói, que na ocasião, deu ênfase para a importância de projetos que visem trabalhar com a leitura e escrita.

3.2 Iniciando o trabalho com a turma

Na segunda etapa, demos início às atividades do projeto com a turma, refletindo sobre o “Nome próprio de pessoa”, para introduzir o tema. O ponto de partida foi a leitura da poesia “O nome da gente” de Pedro Bandeira. Esse texto discute sobre questões voltadas para convenção em relação aos nomes de objetos, animais e pessoas, traz reflexões sobre não termos a liberdade de escolher nosso nome, trabalha com a identificação e não identificação em relação ao nome.

Solicitamos que um aluno lesse em voz alta e, a partir da leitura, discutimos sobre o texto, indagando, primeiramente, por que tudo tem um nome; e depois sobre os nomes que receberam, questionando-os o porquê deles se chamarem por esses nomes e não por outros.

Perguntamos se eles pudessem trocar de nome, qual nome seria; esses foram questionamentos que fizemos a fim de propor que eles pensassem sobre o assunto para que pudéssemos entender como eles lidavam com seus nomes se se identificavam ou não com o nome que receberam.

Esse processo de identificação e não identificação vai além de simplesmente “gostar ou não gostar” é muito mais um processo de alteridade, há muitos fatores intrínsecos que subjaz esse processo, que vão além de modismos em relação a esses nomes, é constitutivo de laços familiares, projeções, identificação por parte de familiares por determinados seguimentos, os grupos que esses sujeitos participam.

Os alunos participaram da discussão e isso foi muito importante, para iniciarmos o projeto. É importante salientar que, quando o aluno se posiciona, não podemos nos esquecer, que de acordo com a Análise de Discurso o aluno não é a origem de seu dizer, nem controla tudo o que diz, pois o sujeito é constituído pelo esquecimento daquilo que o determina.

Partindo desse pressuposto, observamos na discussão gerada a partir da leitura do texto, que os alunos tiveram uma participação bem ativa; alguns se posicionaram dizendo que achavam seus nomes bonitos e remetendo as suas condições de produção, mencionando homenagem a um familiar ou a pessoas de sucesso, dentre outros. Houve outros que disseram não se identificar com seus nomes e gostariam de escolher outro nome, que melhor os representassem, nomes que tivessem uma sonoridade mais interessante e que fossem mais bonitos.

Entre os comentários, um dos alunos, Ivan, disse que seria legal se pudéssemos escolher um nome: “Imaginem que se alguém vivesse isolado em uma fazenda, longe da civilização, poderia ficar sem nome até que ele mesmo pudesse escolher seu nome”. Os colegas discordaram e questionaram: “Se essa pessoa ficasse doente como poderia ser atendida?”, “E a obrigatoriedade de ir para escola, como se matricularia?” Depois de muitas discussões, Ivan conclui dizendo: “É... não dá para ficar sem nome.”

Ou seja, o sujeito ao mesmo tempo que é autônomo, responsável pelo que diz, ele é um sujeito determinado pelas condições externas, sujeito a regras. Como diz Orlandi,

A evidência do sentido, que, na realidade é um efeito ideológico, não nos deixa perceber seu caráter material, a historicidade de sua construção. Do mesmo modo podemos dizer que a evidência do sujeito, ou melhor, sua identidade (o fato de que “eu” sou “eu”) apaga o fato de que ela resulta de uma identificação: o sujeito se constitui por uma interpelação – que se dá ideologicamente pela sua inscrição em uma formação discursiva – que, em uma sociedade como a nossa, o produz sob a forma de sujeito de direito (jurídico). Esta forma-sujeito corresponde, historicamente, ao sujeito do capitalismo, ao mesmo tempo determinado por condições externas e autônomo (responsável pelo que diz), um sujeito de direitos e deveres (2015, p.43).

Os alunos ficaram muito empolgados com o debate, alguns contaram como seus nomes foram escolhidos como Wallifer, que disse que o nome dele foi uma homenagem ao médico que fez o seu parto; Ivan disse que seu nome foi para parecer com o de sua mãe Ivanir; outra aluna disse que se chama Maria Olivia em função dos nomes de suas duas avós; e assim surgiram várias outras histórias, e iniciou-se um processo de descoberta, para alguns, que não sabiam da história da escolha de seus nomes.

Na aula seguinte, lemos capítulos do livro “Marcelo, Marmelo, Martelo” de Ruth Rocha (Anexo 1) que conta a história de um menino que não se conformava com os nomes que foram atribuídos a tudo que tinha em sua volta e questionava a imposição dos nomes, ele queria nomear tudo ao seu redor.

No debate, alguns alunos questionaram o porquê de se chamarem com um nome e não outro; outros disseram que Marcelo causou uma grande confusão ao querer ele mesmo nomear as coisas e que tudo tem um nome para organizar a vida das pessoas; Ivan disse que se as pessoas não tivessem um nome, teríamos um grande problema para saber quem fez isso ou aquilo. A aluna Geovanna comentou que temos que zelar pelo nosso nome, pois seremos conhecidos pelas pessoas por esse nome.

Outra aluna questionou o porquê das coisas chamarem isso e não qualquer outro nome; outra aluna concluiu que se não tivesse nome não existiria; outra disse que ninguém se entenderia se cada um nomeasse um objeto de seu modo; outra aluna disse que nós somos importantes, por isso não somos chamados somente como pessoas, acrescentou: “imagine, por exemplo, cadeira, qualquer cadeira é cadeira, mas gente tem nomes para distinguir uma pessoa das outras e por isso o sobrenome”. Enfatizaram que na sala tem duas Geovanna, uma chamada de Geovanna e a outra de Geovanna de Brito.

Alguns alunos comentaram que nunca tinham pensado sobre o assunto de poder ele mesmo escolher um nome, como sugere o texto de Manoel Bandeira, outro disse que os pais sempre querem o melhor para os filhos e que não devemos questionar o porquê termos esse ou aquele nome. Outra menina discordou, porque não gosta de seu nome e já que o nome era dela ela deveria poder opinar quando tivesse maior de idade e trocar pelo nome que ela achasse melhor.

Criar na sala de aula espaços de interpretação foi importante para que os alunos se posicionassem oralmente nas discussões sobre os textos, bem como para questionar acerca de situações que são impostas socialmente. Com esses questionamentos, percebemos que os alunos se desvincularam do texto, eles conversaram com o texto, argumentaram acerca das reflexões propostas, eles tiveram oportunidade de expor seus pontos de vista e serem ouvidos e confrontados pelos colegas com pontos de vista diferentes.

Procuramos nessa aula, criar um espaço de significação para que os alunos pudessem refletir sobre o processo de nomear as coisas e as pessoas. Entendemos que esse direito historicamente foi negado ao aluno, uma vez que conforme Pfeiffer (1995) o sentido sempre lhe foi dado ora pelo professor, ora pelo livro didático. Assim, competia aos alunos apenas repetir um sentido já dado, como se ele fosse incapaz de pensar, e de produzir sentidos.

Desse modo, quando abrimos esse espaço para o aluno colocar as suas ideias sobre o que estava sendo discutido, pudemos perceber a riqueza de ideias que vão surgindo e um vai aprendendo com o outro, o professor vai conduzindo o debate, possibilitando e facilitando que todos tenham direito à palavra, a sua opinião, construindo junto com a turma as várias possibilidades de sentidos do texto, a partir do batimento da leitura do texto e sua exterioridade.

No nosso encontro seguinte, ouvimos a música de Toquinho “Gente tem sobrenome”, conforme abaixo:

Gente Tem Sobrenome

(Toquinho)

Todas as coisas têm nome
Casa, janela e jardim
Coisas não têm sobrenome
Mas a gente sim

Todas as flores têm nome
Rosa, camélia e jasmim
Flores não têm sobrenome
Mas a gente sim

O Chico é Buarque, Caetano é Veloso
O Ari foi Barroso também
E tem os que são Jorge, tem o Jorge Amado
Tem outro que é o Jorge Ben

Quem tem apelido, Dedé, Zacarias
Mussum e a Fafá de Belém
Tem sempre um nome e depois do nome
Tem sobrenome também

Todo brinquedo tem nome
Bola, boneca e patins
Brinquedos não têm sobrenome
Mas a gente sim

Coisas gostosas têm nome
Bolo, mingau e pudim
Doces não têm sobrenome
Mas a gente sim

Renato é Aragão, o que faz confusão
Carlitos é o Charles Chaplin
E tem o Vinícius, que era de Moraes
E o Tom Brasileiro é Jobim

Quem tem apelido, Zico, Maguila
Xuxa, Pelé e He-man
Tem sempre um nome e depois do nome
Tem sobrenome também

(<https://www.vagalume.com.br/toquinho/gente-tem-sobrenome.html>)

Após ouvirem a música, os alunos refletiram sobre a importância de seus sobrenomes, disseram que eles não eram como objetos e animais, eram diferenciados pelas suas habilidades intelectuais e pelos seus sobrenomes.

Uma aluna comentou que seu sobrenome a distinguia das outras tantas Marias que existiam pelo mundo. Como podemos perceber, os alunos compreenderam que as pessoas são nomeadas por um nome pessoal e sobrenome de sua família, tanto por parte

de pai, como por parte de mãe. E isso as distingue das demais pessoas, como as duas alunas com o nome de Geovanna que existem na mesma turma, um pertence à família Brito e a outra pertence à família Coelho. Isso as tornam pessoas diferentes, únicas.

Uma outra aluna mencionou um caso que assistiu na TV, que havia uma pessoa que foi presa por engano, porque tinha o mesmo nome e sobrenome de outra pessoa. Contou que demorou um tempo até que se provasse sua inocência. Alguns formularam hipóteses do que fariam se fossem confundidos com outras pessoas, disseram que mostrariam o nome dos pais no documento para sanar a dúvida.

Essa aula foi muito participativa e produtiva. Como diz Orlandi (2015), o sentido está sempre em *relação à*. Nesse sentido, foi interessante perceber no discurso da aluna que, a partir da leitura da letra da música, ela remete à memória discursiva, ao interdiscurso, de um caso específico de pessoas homônimas, para problematizar a questão do nome e sobrenome, bem como foi bom ver que o relato impulsionou os alunos a refletirem sobre a situação, imaginando maneiras de solucionar, caso um problema assim acontecesse.

Para Orlandi (2015, p.20), a produção de sentido ocorre da seguinte forma “as relações de linguagem são as relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores.”

No final desse dia, entregamos um caderno para cada aluno, patrocinado pela escola, para arquivar os textos, as atividades, os comentários e as anotações que eles julgassem importantes no decorrer do projeto, assim o caderno funcionaria como um diário de bordo.

Aproveitamos para realizar uma atividade escrita, apresentando aos alunos duas questões em relação aos textos lidos e discutidos em sala, como seguem:

1. Qual é a sua opinião sobre as ideias trabalhadas no texto “Nome da gente” de Pedro Bandeira e no livro “Marcelo, Marmelo, Martelo” de Ruth Rocha? Você concorda ou discorda? Justifique:
2. Qual é a sua opinião sobre a música “Gente tem nome e sobrenome” de Toquinho? Como você se percebe em relação a essa dessa canção?

No momento de lermos as respostas das atividades alguns se recusaram, pois disseram que não sabiam se estava certo ou errado. É interessante observar que quando esses alunos estavam opinando oralmente eles tiveram um pouco mais de facilidade de expor suas opiniões, quando foram para a escrita alguns ficaram inseguros, pois estavam habituados a pensar que existe uma resposta certa. Outros, ao responderem às perguntas,

apenas falaram que os textos falavam de nomes, outros disseram que o texto questionava a imposição dos nomes.

Ao observar os alunos tentando responder às duas questões, percebemos o quanto a escola e nós professores (e eu me incluo) fizemos mal a eles, pois o tratamos como receptáculo de conhecimento, como se chegassem como vasos vazios, prontos para serem preenchidos com o conhecimento dos livros didáticos. Nós cerceamos ao nosso aluno o seu direito de pensar por si mesmo, de questionar, de ousar. Inquietos, a única coisa que eles queriam saber era qual a resposta certa. Para a turma, só havia uma possibilidade de resposta para as questões.

Por mais que as questões tenham sido elaboradas de forma aberta pedindo para o aluno abordar a “sua opinião”, o sujeito-aluno não ousou dizer o seu ponto de vista. Isso porque historicamente eles não estão autorizados a dizer e a produzir sentido, é o professor que detém o saber.

Ressaltamos ainda outro fator, a questão pedia uma resposta escrita. E mesmo que os textos tenham sido discutidos em sala, em que todos manifestaram sua opinião, contribuindo para a compreensão do texto, agora eles estavam diante de um grande desafio, a escrita para responder as questões.

Quando pensamos na escrita e no modo como ela foi ensinada na escola, conseguimos entender o nosso aluno. O texto era apenas (e ainda é, em muitas escolas) um pretexto para ensinar as regras da gramática. Cobrava-se o bem-dizer. Pela perspectiva discursiva, hoje compreendemos que a passagem da linguagem oral para a escrita não é uma coisa natural, mas um processo que precisa ser trabalhado. Conforme Gallo (1992), a passagem do discurso da oralidade para o discurso da escrita se dá pela assunção da autoria.

O trabalho que procuramos desenvolver é, nesse sentido, dar condições aos alunos para que eles sejam autores de seus textos. Justamente por isso é que construímos um arquivo de leitura para que eles constituíssem uma memória discursiva sobre os nomes próprios de pessoa, pois quando o sujeito-aluno, de forma inconsciente, imergir no interdiscurso, ou seja, quando esse arquivo fizer parte de sua constituição, ele vai historicizar o seu dizer, produzindo sentido.

Houve ainda dois alunos que questionaram a música “Gente tem nome e sobrenome”, pois eles disseram que nem todas as pessoas são conhecidas como se tivessem sobrenomes, quem é chamado pelo sobrenome são pessoas que têm poder aquisitivo. Pudemos perceber que o aluno produz um deslizamento de sentido ao dizer

que as pessoas são reconhecidas pelo que têm financeiramente, que sobrenomes não são simplesmente sobrenomes, mas que algumas vezes podem representar uma posição social.

Assim, para o aluno chegar a essa compreensão ele remeteu o seu dizer à memória discursiva de que os menos favorecidos não gozam desse “privilégio”. Ele percebeu a não transparência da linguagem, há um deslizamento de sentido, esse sujeito inserido em uma posição sujeito-aluno que se inscreve em uma determinada formação discursiva a favor dos menos favorecidos, onde esses não são reconhecidos como pessoa, um cidadão, que possui um nome e um sobrenome. Segundo Orlandi (2015, p.50 e 51),

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever/dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. Sujeito a falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade. Assim o homem (se) significa. Se o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, no entanto escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições. A deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras.

Nessa mesma direção, uma outra aluna relatou que na escola particular, onde um familiar dela estuda, ao chamarem os alunos no portão, somente era chamado pelo nome e sobrenome se a família tivesse posses como comerciante, fazendeiro, algum cargo de prestígio, como juiz, promotor ou fosse vereador ou prefeito, do contrário o aluno era chamado somente pelo nome.

Outra aluna comentou que era conhecida pelo cargo que sua mãe exercia na escola, ou seja pela posição sujeito da mãe em um cargo de destaque, e isso de certa forma, a colocava em uma posição de evidência e portanto, deveria corresponder às expectativas sociais por ser filha de quem ela era, e isso exigia dela uma cobrança acima da média. Ela relata que muitas vezes somos conhecidos apenas como a “filha da fulana” que trabalha em tal lugar, como se não tivéssemos nome. É o que Orlandi define ao referir-se ao silêncio

Silêncio Constitutivo, que nos indica que para dizer é preciso não dizer, em outras palavras, todo dizer apaga necessariamente outras palavras produzindo um silêncio sobre os outros sentidos (2012, p.128).

Consideramos interessantes os gestos de leitura dos alunos, uma vez que eles percebem no dia a dia o apagamento ora do nome, ora do sobrenome, dado a sua condição sócio econômica, como se fossem sujeitos “sem nome”. Então, embora eles tenham nome em suas certidões de nascimento, nem sempre são lembrados.

3.3 Lendo a certidão de nascimento e seus efeitos de sentidos

Na terceira etapa do projeto, solicitamos as certidões de nascimento, conforme havíamos combinado anteriormente, mas nem tudo sai como planejamos, alguns alunos haviam esquecido de tirar a xerox. Solicitei que a líder fosse até a secretária com um bilhete pedindo para a secretária se fosse possível providenciar as cópias de certidões dos alunos que esqueceram, visto que o assunto havia sido tratado com antecedência com os pais, o que foi prontamente atendido.

Os alunos ao lerem suas certidões descobriram os nomes de seus avôs, que muitos deles não sabiam; observaram como foram constituídos seus sobrenomes a partir de seus antepassados. Alguns se impressionaram com a hora de seus nascimentos, muitos deles disseram que nunca tinham visto esse documento antes, outro disseram que aquilo era um registro de sua história que ele não pensava assim. Uma aluna questionou por que uma criança, ao ser registrada, não tem testemunha como em casamento, contou que sua avó disse que havia escolhido um nome para o seu filho, mas quando o avô foi registrar, a criança recebeu outro nome, dado pelo funcionário do cartório, sob o argumento de que o nome que escolhera era mais bonito. A aluna argumentou que se tivesse testemunhas ao registrar uma criança evitaria esse tipo de problema. Foram bem interessantes os apontamentos apresentados pelos alunos.

Levamos uma aula conversando sobre a certidão de nascimento, alguns questionavam por que entre todas essas opções de sobrenomes que tinha de seus avôs foram escolhidos esses para seus nomes e não outros, se havia uma regra para isso, me coloquei na posição de pesquisadora e os convidei para descobrirmos juntos.

Trabalhamos com o texto “Por que temos sobrenomes?”², de Raquel Teixeira Valença, da Fundação Rui Barbosa. O texto abordava como os nomes e sobrenomes vem se constituindo ao longo da história e que os sobrenomes surgiram no final da Idade Média. Em primeiro lugar foram utilizados pela burguesia e estavam relacionados a posses, algum tempo depois os proletariados adquiriram um “sobrenome”; em alguns países no Vietnã, assim como em países da Ásia, a ordem dos nomes é o oposto da

ordem na América do Norte e Europa. Vietnamitas colocam os nomes de seus familiares primeiro, então o nome do meio, e depois o seu primeiro nome.

No passado, a maioria dos sobrenomes europeus identificavam a localização (Atwood = perto da floresta), uma ocupação (Baker = pessoa que faz pães), ou uma relação (Johnson = filho de John). Sobrenomes na Scandianavia como Norway e Swden frequentemente referia-se à informação sobre parentesco. Por exemplo, “sen” significa filho de, então o último nome Larsen remete a “filho de Lars”.

O texto mostrou também que na cultura Hispânica é frequente o uso de dois sobrenomes. Uma criança tem o sobrenome de ambos mãe e pai. Por exemplo se o sobrenome da mãe era García e o do pai era Santiago o sobrenome da criança poderia ser Santiago García.

Tradicionalmente na América do Norte, mulheres levam o último nome de seu esposo e adicionam ao seu próprio nome. Então eles costumeiramente dão a suas crianças ambos os sobrenomes. As crianças de Bill Smith e Cindy Jones pode ser Julie Jones Smith.

Assim como língua e religião, as tradições dos nomes são uma importante parte da herança cultural de uma pessoa. Podemos conhecer, entre outros meios, como alguns povos foram constituídos a partir da historicidade de seus nomes.

Esses assuntos ao serem lidos trouxeram uma série de informações que a maioria deles desconheciam, o que despertou-lhes a curiosidade ainda mais, pois no início do projeto viam o sobrenome como algo evidente, depois dessas leituras e discussões eles começaram a perceber que havia muito mais, que essa constituição do sobrenome tinha toda uma história, ou seja, ele não estava pronto desde que o mundo é mundo.

Os alunos ficaram tão curiosos, em relação ao que pode ou não constatar em um nome, que decidimos mudar a proposta inicial, que era estudar a lei de nomeação 6.015/73 e Novo Código Civil 10.406/02, para convidar um advogado do 2º Serviço Notarial e Registral Nesken da Comarca de Campo Verde – MT, Kahlil Emmanuel Alves Fernandes, para sanar as dúvidas que surgiram no decorrer da leitura das certidões e das discussões em sala de aula.

Para tanto, os alunos, após muita discussão, elaboraram, em conjunto as seguintes perguntas:

²<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-praxis/pdf/n8/TRABALHANDO-IDENTIDADE-POR-QUE-TEMOS-SOBRENOMES.pdf>

Quais são as regras sobre a junção dos sobrenomes para nomear uma criança?

Existe alguma norma em relação à quantidade de sobrenomes?

O que vocês pensam quando os pais têm para registram nomes estranhos?

O cartório pode opinar na escrita ou na escolha do nome?

Quando o nome é registrado errado há possibilidade de alterá-lo?

Qual é o prazo que os pais tem para registrar seu filho?

No caso de os pais estarem impossibilitados de registrar a criança alguém poderá registrar? Quem?

Por que não é necessário testemunhas para registrar uma criança? (Lei 6.015/73)

É obrigatório colocar o sobrenome do pai na criança?

É possível retirar um sobrenome que a pessoa não gosta, que lhe causa constrangimento?

É possível trocar de nome? Em que circunstância?

Como registrar um órfão?

Quais documentos são necessários para registrar uma criança?

Quais são as regras para escolha de sobrenomes quando as pessoas se casam?

Quais os nomes mais comuns registrados em Campo Verde?

A elaboração das perguntas foi de suma importância para o desenvolvimento da entrevista, pois os alunos foram parte do processo e a entrevista veio ao encontro dos anseios que eles tinham no momento que estávamos debatendo. Para nós seria muito mais simples trazer a lei e estudar, mas trazer alguém autorizado para falar no assunto gerou uma expectativa maior.

No dia 04 de julho foi realizada uma entrevista com o tabelião e advogado do cartório local Sr. Kahlil e outras duas pessoas que trabalham na parte de registro, vieram até a escola. Durante a entrevista, que a diretora fez questão de assistir, as crianças participaram ativamente com outras perguntas, que surgiram no momento. Os convidados responderam todas as perguntas, procurando tornar as respostas acessíveis aos alunos. Abaixo registro desse momento (Figuras 4, 5 e 6).

Figura 4: Imagem do dia da entrevista.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 5: Imagem do dia da entrevista.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6: Imagem do dia da entrevista.



Fonte Arquivo pessoal.

Na ocasião, o tabelião explicou a Lei 6.015/73 que rege a nomeação, contou experiências que ele vive no dia a dia com registros, falou sobre nomes que causam constrangimento, disse que nesses casos o tabelião pode interferir e se recusar a registrar, cabe aos pais justificarem perante a justiça se pode ou não nomear a criança com aquele nome, falou sobre nome registrado com grafia errada, principalmente sobrenomes, resultam em problemas graves, disse que a família precisa ser atenta no momento do registro, para que a pessoa não perceba muito tempo depois, quando já tirou outros documentos.

Foram informados que a lei permite ao transgênero (pessoa que nasceu com determinado sexo biológico e não com seu corpo) mudar de nome. Disse também que antes era necessária a intervenção de um advogado para solicitar que a mudança de nome fosse feita, o pedido era enviado pelo registrado ao promotor ou ao juiz, que avaliaria a petição. A partir de 2018, o Supremo Tribunal determinou que a troca de nome poderia ser feita pela pessoa que quer mudar seu nome para um nome masculino ou feminino, indo diretamente ao cartório, fazer a troca de nome, sem precisar obter autorização judicial, desde que seja maior de 18 anos.

Explicou sobre o nome civil, que juridicamente se diz “Prenome” e o sobrenome é conhecido “Patronímico”, apelido da família, porção do nome relacionado a sua ascendência. Conversou sobre o “Agnome”, que tem a função de diferenciar pessoas da mesma família com o mesmo nome e sobrenome, para tanto são utilizados termos como “Filho, Junior, Neto, Sobrinho, Segundo e Terceiro”.

Khalil nos disse, também, que antigamente como os sobrenomes estavam estritamente ligados a bens, as heranças, colocava-se o nome dos pais, avôs, tios para ter parte na herança. Mencionou como exemplos o nome de Dom Pedro I “Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon” e da princesa Isabel “Isabel Cristina Leopoldina Augusta Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga de Orléans e Bragança.” Acrescentou que, na atualidade, embora os números de sobrenomes tenham diminuído, ainda exercem essa função em relação aos bens materiais.

Na oportunidade, o tabelião explicou como são arquivados os documentos de registro no cartório, que embora tenha os documentos digitalizados ainda existem arquivos em papel. Disse aos alunos que levou livros para casa para se preparar para entrevista, para fazer consultas para responder as perguntas elaboradas por eles, bem como solicitou que seus auxiliares estudassem para acompanhá-lo na entrevista, convidou

os alunos para conhecerem o cartório, enfatizou que o local era do povo e que eles eram apenas guardiões dos documentos.

Nas considerações finais disse que nunca havia sido convidado por nenhuma escola para esclarecimentos nesse sentido, nos parabenizou pelo projeto e disse que esse trabalho com certeza irá fazer diferença na vida dessas crianças, que esse projeto prestava um serviço social que ia além da sala de aula e se colocou à disposição da escola sempre que precisasse.

Os alunos gostaram muito da entrevista; foi um momento de muito crescimento para todos nós. Eles puderam perceber o funcionamento da nomeação a quem é dada autoridade para escolher o nome, em situações específicas de adoção quais os procedimentos, entenderam que mudar de nome não é um processo simples, embora sejam amparados por lei, se o nome causar constrangimentos, a mudança é mais complicada quando se trata de sobrenomes.

Pudemos perceber que os alunos participaram ativamente da entrevista e ficaram impressionados com o discurso jurídico no processo de nomeação de uma pessoa, bem como com o conhecimento adquirido que consideraram impressionante. Foi uma grande satisfação ver o envolvimento de todos, as questões elaboradas aos entrevistados e as improvisadas demonstram o efeito do arquivo de leitura e mostram o interesse deles sobre o assunto discutido.

Há um discurso naturalizado na escola de que os alunos não gostam de Português, de que eles são desinteressados, mas é preciso romper com isso. As aulas de Português não podem ficar apenas no estudo da metalinguagem, é preciso avançar. Pudemos vivenciar o entusiasmo e a alegria dos alunos nas aulas, o envolvimento na busca pelo saber, não aquele que está pronto no livro didático e nem na fala do professor, mas um saber que está em construção, na leitura e nas várias práticas de linguagens que o professor pode desenvolver, neste caso específico foram as entrevistas, que podem ser feitas tanto na escola como fora dela.

Depois da entrevista, conversamos sobre os pontos mais relevantes da entrevista, o que eles descobriram que foi novidade, o que concordaram ou discordaram da lei que rege a nomeação. Após esse bate papo aberto e informal, trabalhamos com a origem dos sobrenomes, como segue no próximo item.

3.3.1 Construindo um saber sobre a origem do sobrenome

Para introduzir essa discussão, indagamos os alunos sobre a origem dos sobrenomes. Alguns disseram que os nomes surgiram por necessidade de distinguir as pessoas, outros falaram que os nomes remetem a alguns nomes de árvores, países e localidades. Perguntei sobre o que eles pensavam sobre o sobrenome deles, se eles sabiam a que faziam referência? Após estas discussões iniciais, trouxemos um artigo sobre o assunto do site Brasil Escola, que trata sobre a origem dos sobrenomes

“A origem dos sobrenomes”

Ei! você conhece o fulano?”; “Que fulano?”; “Fulano de Sousa, Guimarães ou Rocha?”. Sem dúvida, muitas pessoas já tiveram a oportunidade de desenvolver um diálogo como esses. Contudo, não ache você que os sobrenomes sempre estiveram por aí, disponíveis em sua função de distinguir pessoas que tivessem o mesmo nome ou revelando a árvore genealógica dos indivíduos. Até por volta do século XII, os europeus tinham o costume de dar apenas um nome para os seus descendentes. Nessa época, talvez pelo próprio isolamento da sociedade feudal, as pessoas não tinham a preocupação ou necessidade de cunharem outro nome ou sobrenome para distinguir um indivíduo dos demais. Contudo, na medida em que as sociedades cresciam, a possibilidade de conhecer pessoas com um mesmo nome poderia causar muita confusão. Imaginem só! Como poderia repassar uma propriedade a um herdeiro sem que sua descendência fosse comprovada? Como enviar um recado ou mercadoria a alguém que tivessem duzentos outros xarás em sua vizinhança? Certamente, os sobrenomes vieram para resolver esses e outros problemas. Entretanto, não podemos achar que uma regra ou critério foi amplamente divulgado para que as pessoas adotassem os sobrenomes. Em muitos casos, vemos que um sobrenome poderia ser originado através de questões de natureza geográfica. Nesse caso, o “João da Rocha” teve o seu nome criado pelo fato de morar em uma região cheia de pedregulhos ou morar próximo de um grande rochedo. Na medida em que o sujeito era chamado pelos outros dessa forma, o sobrenome acabava servindo para que seus herdeiros fossem distinguidos por meio dessa situação, naturalmente construída. Outros estudiosos do assunto também acreditam que alguns sobrenomes apareceram por conta da fama de um único sujeito. Sobrenomes como “Severo”, “Franco” ou “Ligeiro” foram criados a partir da fama de alguém que fizesse jus à qualidade relacionada a esses adjetivos. De forma semelhante, outros sobrenomes foram cunhados por conta da profissão seguida por uma mesma família. “Bookman” (livreiro) e “Schumacher” (sapateiro) são sobrenomes que ilustram bem esse tipo de situação. Quando você não tinha fama por algo ou não se distinguia por uma razão qualquer, o seu sobrenome poderia ser muito bem criado pelo simples fato de ser filho de alguém. Na Europa, esse costume se tornou bastante comum e pode ser visto alguns sobrenomes como MacAlister (“filho de Alister”), Johansson (“filho de Johan”) ou Petersen (“filho de Peter”). No caso do português, esse mesmo hábito pode ser detectado em sobrenomes como Rodrigues (“filho de

Rodrigo”) ou Fernandes (“filho de Fernando”). Hoje em dia, algumas pessoas têm o interesse de remontarem a sua árvore genealógica ou conhecer as origens da família que lhe deu sobrenome. Talvez, observando algumas características do próprio sobrenome, elas possam descobrir um pouco da história que se esconde por detrás do mesmo. Afinal de contas, o importante é saber que a ausência desses “auxiliares” nos tornaria mais um entre os demais. Por Rainer Sousa, Graduado em História - Equipe Brasil Escola (BRASIL ESCOLA)².

Além desse texto, trouxemos exemplos de um texto da Bíblia, do livro de I Crônicas sobre genealogia, mostrando a ausência de sobrenomes, as pessoas eram conhecidas como filho de alguém, como em I Crônicas:

12. E, depois dele, Eleazar, filho de Dodô, o aoíta, ele estava entre os três varões.

(...)

22. Também Benaia, filho de Joiada, filho de um valente varão, grande em obras, de Cabzeel, ele feriu dois fortes leões de Moabe; e também desceu e feriu um leão dentro de uma cova, no tempo da neve (I CRÔNICAS, 11:12 e 22).

Com essas leituras eles começaram a refletir sobre como é séria a questão de sobrenomes por marcar a história de uma família. Alguns ficaram impressionados como foram surgindo os sobrenomes ao longo da história e começaram a encontrar, no texto, ideias para pensar no surgimento do sobrenome da sua família, como ele poderia ter sido constituído historicamente.

Foi então que propusemos uma pesquisa no laboratório de informática em dicionários on-line. O dicionário de nomes traz um saber enciclopédico (NUNES, 2014) sobre a origem e significado dos nomes e sobrenomes. Assim, tendo em mãos as certidões de nascimento os alunos fizeram uma busca nos dicionários online, investigando o que constava a respeito do nome e sobrenomes de cada aluno.

Essa pesquisa despertou tanto a curiosidade dos alunos que eles não se detiveram apenas nos sobrenomes e nomes de seus avôs e pais, eles foram além, queriam saber de alguns amigos e conhecidos, descobriram brasões de sobrenomes de famílias, descobriram que alguns nomes não tinham um significado no dicionário, pois eram junções do nome da mãe com o do pai, ou dos avós.

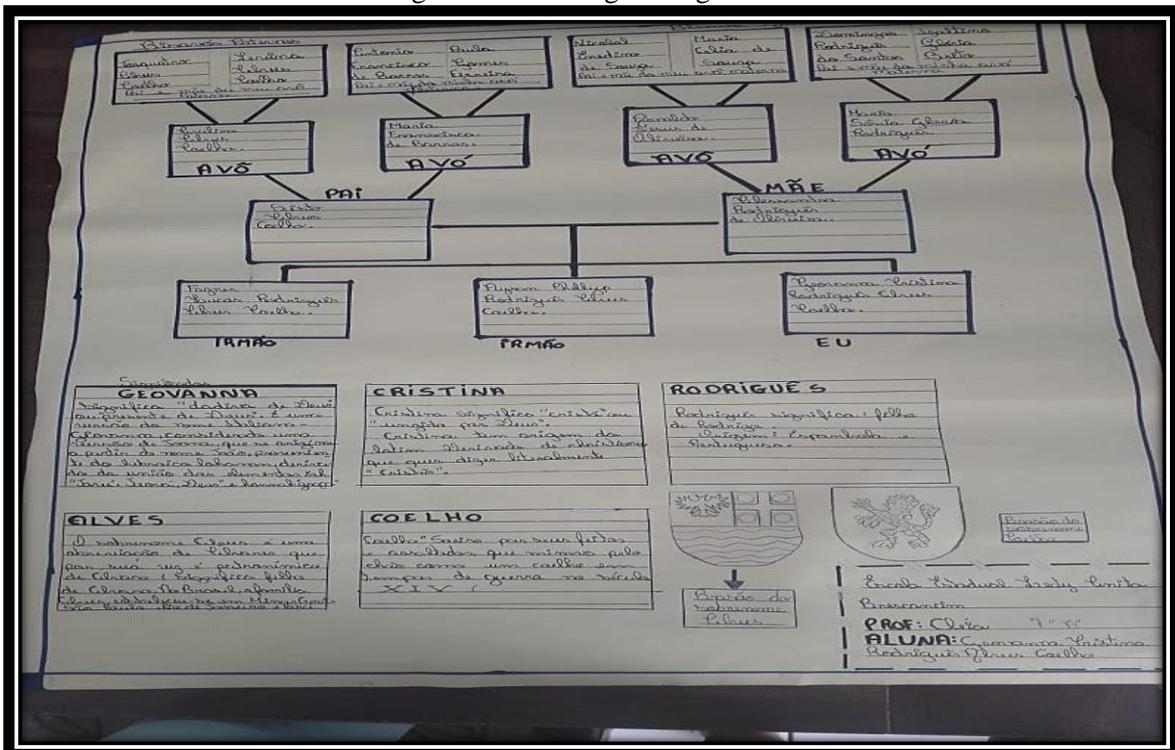
³ Artigo retirado do site: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/a-origem-sobrenome.htm> Acessado em 06/06/2018.

No momento da compartilhar os resultados da pesquisa, alguns que não encontraram seus nomes disseram que gostaria de ter um nome mais comum, pois esses nomes inéditos os colocavam em uma posição de estranhamento, sempre as pessoas perguntam mais de uma vez quando não os conheciam.

A aluna, Maria Eduarda Lutz relatou que após ter feito a pesquisa chegou em casa e questionou os pais sobre seus antepassados, se tinham origem alemã, e para sua surpresa sua bisavó era realmente alemã. Então, seu pai contou a ela um pouco da história da família, fato que ela contou na sala empolgadíssima. Outros alunos viram que tinham os mesmos nomes dos colegas e não eram da mesma família e questionaram sobre esse vazio genealógico deixado na história dos sobrenomes.

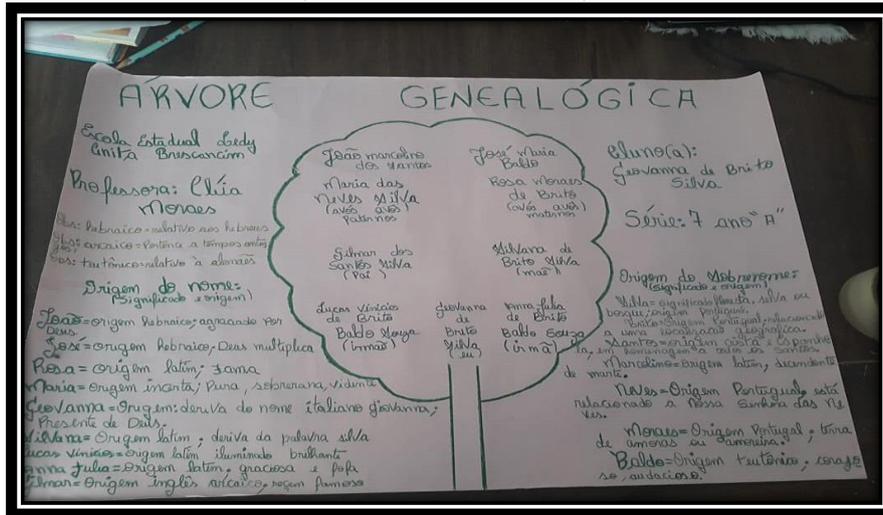
Após a pesquisa, pedi que eles confeccionassem uma árvore genealógica com o nome de sua família. Esse momento foi singular, pois usaram e abusaram de suas criatividade, as ideias borbulhavam. Para confecção, utilizaram dados da certidão de nascimento, bem como da pesquisa online sobre os sobrenomes. A seguir trazemos algumas imagens (Figura 7, 8, 9 e 10) de cartazes com árvores genealógicas, elaboradas pelos alunos.

Figura 7: Árvores genealógicas

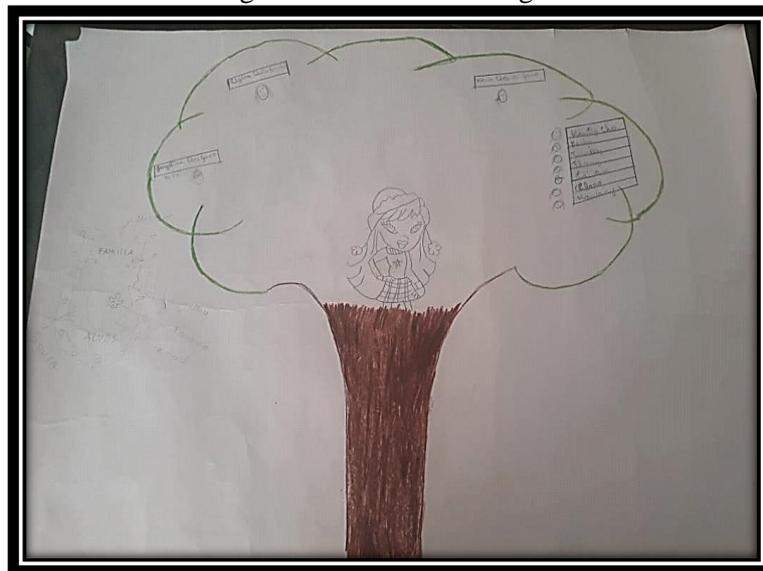


Fonte: Arquivo pessoal.

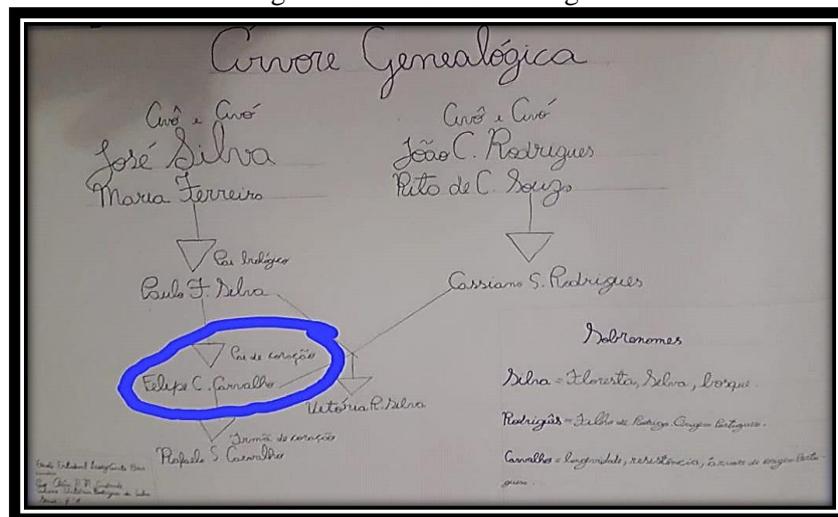
Figura 8: Árvore Genealógica



Fonte: Arquivo pessoal.
Figura 9: Árvore Genealógica



Fonte: Arquivo pessoal
Figura 10: Árvore Genealógica



Fonte: Arquivo pessoal.

As figuras 7 e 8, mostram uma árvore genealógica que representa “famílias tradicionais”, constituídas de pai, mãe e filhos. A figura 9 mostra uma família constituída só por mulheres e a figura 10 apresenta uma família reconstituída. Observamos ainda que os alunos confeccionaram árvores com pessoas que eles tinham vínculos afetivos, e não apenas sanguíneos, e quando perguntado o motivo eles disseram que não seria justo com essas pessoas se as deixassem fora da árvore, pessoas como seus padrastos, madrastas, avós por consideração, tias, dentre outros.

Com isso, muitas árvores não obedeceram aos padrões de famílias consanguíneas. Eles pesquisaram os sobrenomes de seus parentes afetivos e colocaram informações sobre esses sobrenomes também. Um aluno ajudou o outro com ideias de como poderia ficar melhor disposto no cartaz. Foi uma experiência enriquecedora de cooperação e aprendizado, momento em que eles puderam expressar como visualizavam sua família para além da percepção social do padrão pré-estabelecido, ou seja, eles desafiaram o que está posto como verdade e mostraram suas realidades ainda estigmatizadas.

Consideramos importante o gesto de interpretação que os alunos fazem em relação à família. Eles são afetados pela memória discursiva da família, que prevalece o amor e o afeto, promovendo um deslizamento do sentido estabilizado historicamente de famílias por relação consanguíneas. Como alunos de uma instituição escolar, que historicamente é tradicional, conseguem romper com as amarras do conservadorismo? Acreditamos que ao criar espaços de interpretação na sala de aula, os alunos se sentiram à vontade para manifestar aquilo que pensam, que sentem, sem medo de acertar ou errar, expondo suas percepções com espontaneidade. Assim, podemos dizer, que a postura do aluno muda, na medida em que a postura do seu professor também muda, permitindo aberturas para que o aluno possa manifestar o seu dizer.

Na figura 9, podemos observar uma árvore constituída por mulheres, a aluna constatou que em sua certidão não constava nomes masculinos, tem avó materna e o nome de sua mãe. Então ela representou em seu desenho a avó, a tia, a mãe e os irmãos. Essa representação de sua família, mostra uma das novas estruturas familiares. Os alunos fizeram essa leitura que as famílias não obedecem a um padrão fixo, que cada um tem seu estilo, seu sobrenome, sua história. Eles comentaram que devemos respeitar o formato de família seja ele qual for, não cabe a nós julgarmos esse ou aquele formato como sendo um melhor que o outro, todas são famílias dentro de suas singularidades. Percebemos que

os alunos ao produzirem esses desenhos produziram sentidos diversos ao serem confrontados com realidades diferentes.

No dia 14 de agosto, realizamos uma exposição de cartazes das árvores genealógicas (Figuras 11 e 12), momento em que os alunos explicavam à comunidade escolar a origem de seus sobrenomes. Todas as turmas foram conhecer o trabalho dos nossos alunos, os professores elogiaram bastante a iniciativa. Muitos alunos e professores pesquisaram no cartaz a origem de seus sobrenomes, quando não encontravam diziam que iam pesquisar.

Foi uma experiência muito interessante observar que os alunos de sextos e sétimos anos se detinham nas informações sobre sobrenomes e nos desenhos, enquanto que os alunos de oitavos e nonos anos observaram mais a formação das famílias ali representadas, pois conversavam entre si, sobre árvores com formatos de famílias diferentes.

Logo quando foi concluída a exposição, tivemos um momento de troca de experiência, os alunos se mostraram satisfeitos por poderem mostrar suas árvores genealógicas à comunidade escolar, bem como por despertarem a curiosidade dos demais alunos sobre o estudo do seu nome.

A exposição dos cartazes foi muito significativa, mas foi mais significativo o processo de reflexão que o trabalho de construção do cartaz gerou, as indagações, as leituras que eles fizeram de si mesmo, do outro, de seus familiares, ali não importava tanto o significado de seus nomes, mas as relações afetivas que eles estabeleceram com seus familiares. Esse foi um momento que não estava planejado nesse formato no projeto, mas que foi construído com os alunos por sugestão deles, que afetou a sala como um todo, pois oportunizou aos alunos conhecerem um pouco mais o outro.

Figura 11: Imagem da Exposição das árvores genealógicas.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 12: Imagem da Exposição da árvore genealógica.



Fonte: Arquivo pessoal.

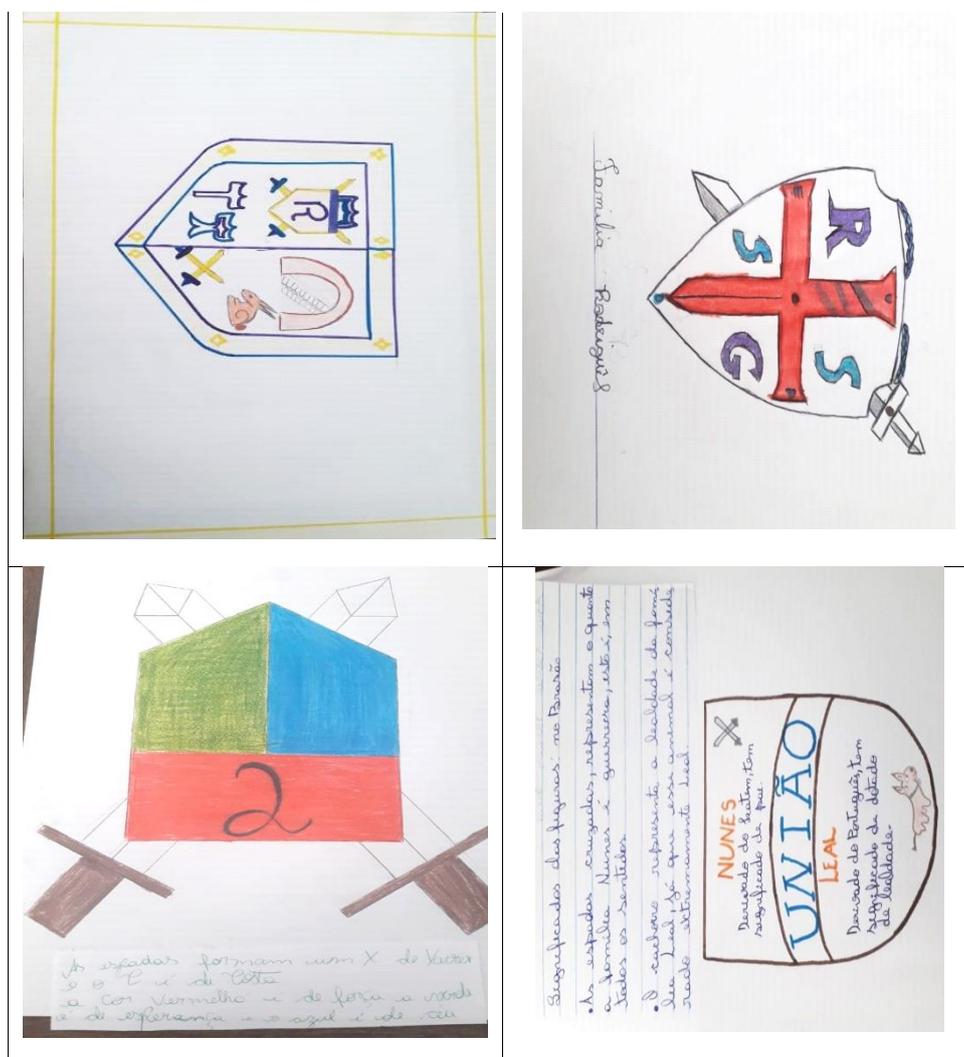
É perceptível que quando os alunos produziram as árvores a assunção à autoria estava em processo, pois eles refletiram sobre a constituição de seus nomes e suas famílias e fizeram leituras acerca de si, do outro e perceberam que essa constituição não era aleatória e se posicionaram ao optar por representar suas famílias dessa ou daquela maneira.

Quanto à pesquisa, os alunos, se depararam com brasões que representavam alguns de seus sobrenomes, vinculados à nobreza e ficaram empolgados, o que os levou a estudar o que poderia ser o significado daqueles símbolos. Pesquisaram no Dicionário

Aurélio, bem como em outros dicionários e descobriram que “Brasão” significa “escudo de armas (de família nobre). Heráldica. Honra; glória”. Foi então, que sugeriram a produção de brasões, que pudesse representar as características de suas famílias. Essa atividade também não estava prevista no cronograma do projeto, mas a ideia nasceu dos alunos e acatamos para observar a leitura que eles estavam fazendo da história de seus nomes, sua relação com a família, bem como de abrir espaços para que eles expressassem aquilo que os representava.

Assim, os alunos produziram os brasões e descreveram o que cada figura representava. Abaixo trazemos um quadro com alguns brasões confeccionados pelos alunos (Figura 13), que mostram os gestos de interpretações deles sobre suas famílias.

Figura 13: Brasão produzido pelos alunos.



Fonte: Arquivo pessoal

Observamos que a aluna, ao desenhar o brasão de sua família e descrevê-lo, ressignifica sua família, mostrando uma leitura das características que a representam. Observamos, também, que para produzir sentido no desenho do brasão, os alunos remetem à memória discursiva da origem e significado do sobrenome e de sua historicidade.

Quando os alunos concluíram os desenhos, eles apresentaram à turma apenas o desenho sem a descrição do brasão, ou seja, os sentidos, as leituras dessas imagens ficaram em aberto. Posteriormente os autores dos desenhos explicaram o significado de cada figura. Foi uma experiência rica, pois de acordo com Lagazzi (2006) é possível espacializar a autoria em diferentes materialidades significantes, como pudemos ver nos desenhos dos brasões.

Na Figura 14 (abaixo), a aluna ao desenhar o brasão de família Coimbra Xavier, faz uma referência a um membro de sua família que representou muito para constituição de seu sobrenome, o seu avô. Destacamos que o avô é representado por uma estrela grande, que dá contorno ao Brasão, que representa o núcleo familiar. Dentro desta estrela, ela acrescenta outras cinco estrelas menores, representando seu pai, ela e seus irmãos. No centro do brasão ela coloca em letras grandes as iniciais de seus dois sobrenomes. Observamos que o símbolo de família, se restringe apenas aos membros e sua casa, com exceção de seu avô, ela apaga os demais membros que seriam os tios, filhos do seu avô e irmãos de seu pai. Em outras palavras, a aluna apaga a genealogia de sua família paterna e de sua família materna. De sua origem ela traz no desenho apenas a memória do seu avô, bem como atualiza os sentidos ao representar o seu nome e de seus irmãos.

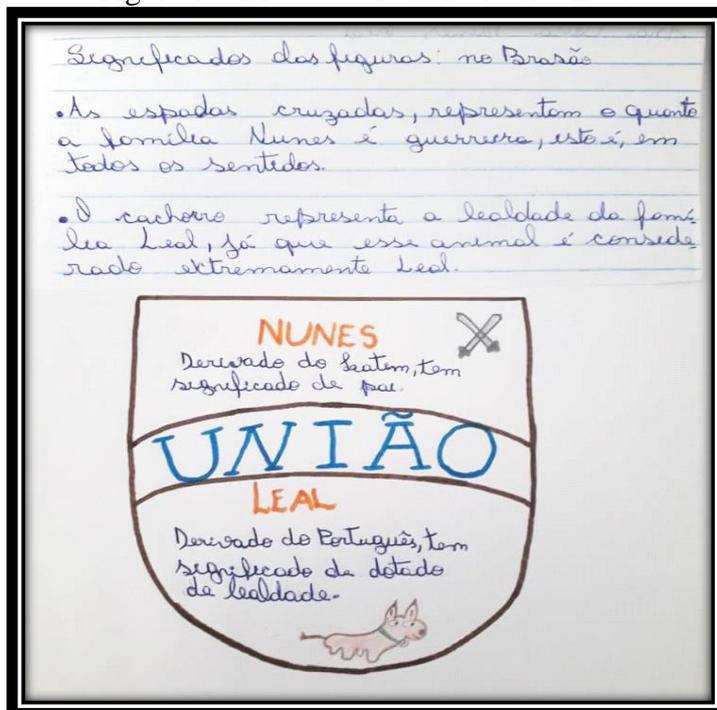
Figura 14: Brasão da Família Coimbra Xavier.



Fonte: Arquivo pessoal

Veamos outro brasão, figura 15,

Figura 15: Brasão da Família Nunes Leal.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na figura 15, o aluno ressalta a característica de sua família por meio de símbolos como a espada, que significa guerreiro, o cachorro, que significa lealdade. No desenho, ele traz os dois sobrenomes, o do pai e o da mãe: Nunes e Leal, entre eles ele coloca uma faixa com a palavra “união”, para representar a junção das famílias. Percebemos uma memória discursiva em funcionamento com a origem dos nomes e a historicidade de sua família.

Ao observar os brasões elaborados pelos alunos, percebemos o gesto de interpretação da história dessas famílias e a origem de seus sobrenomes e suas características. São imagens que conversam com suas crenças, historicidade, ideologia, em outras palavras, pelas suas condições de produção sócio históricas.

3.4 Um pouco de história: repensar os nomes e sobrenomes

Na quarta etapa, trabalhamos sobre os negros escravos que perderam suas identidades, seus nomes, sua cultura, sua pátria. Para tanto, abrimos a aula com o vídeo Poema de Castro Alves “O Navio Negreiro”, narrado por Paulo Autran com cenas do filme *Amistad*³. Em seguida, discutimos com os alunos as condições que essas pessoas eram capturadas, transportadas e catequizadas em meio ao caos, para serem vendidas como animais.

Na sequência, utilizamos o texto “Escravidão no Brasil: a resistência de africanos e descendentes”⁴, de Erica Turci (Anexo II), sobre a história dos escravos após serem capturados e obrigados a aceitar o Cristianismo, como religião. Na África eles foram batizados e receberam um nome bíblico ou de algum santo(a), ou quando desembarcavam no Brasil recebiam um nome e sobrenome, que poderia ser o nome do porto que desembarcou, ou o nome da fazenda de seu dono, aquele que o nomeava tinha poder sobre ele⁵. No batismo cristão atribuía-se um nome europeu comum João, Maria, Manuel e um sobrenome genérico que se referia à origem Étnica ou lugar de origem ou simplesmente o porto de embarque ou desembarque daquela pessoa no ato de comercialização, João Congo, Manuel Benguela, Isabel Angola entre outros. Essa nomeação deslegitima seus nomes, suas origens, pois seus verdadeiros nomes não foram

³ https://www.youtube.com/watch?v=S_EuqG-IT0s/Acesso em 14/08/2019.

⁴ www.educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/escravismo-no-brasil-a-resistencia-de-africanos-e-descendentes.htm. Acessado em 27/07/2018

⁵ Informações retiradas de artigo, Anexo 1, que também consta na bibliografia da dissertação.

considerados como nomes legítimos, que eram considerados nomes pagãos para o cristianismo, na tentativa de apagar suas histórias.

A colonização Europeia das Américas, ao apagar o nome do Africano, realizava parte do próprio processo de dominação, buscava despersonalizar ou des-socializar o indivíduo para sua inserção como escravo ou subordinado na sociedade colonial. No entanto, muitos deles utilizavam seus nomes de origem entre eles e com seus pares, como forma de resistência, ou se apropriavam de nomes “cristãos” em sinal de obediência, ou na tentativa de serem aceitos, ou ainda para simplesmente permanecerem vivos.

O apagamento do nome do africano se dá por relação de forças, entre raças - branco e negros - e entre religiões - o cristianismo e a religião dos africanos. Há um processo de determinação no funcionamento da nomeação, o político e o religioso sustentam esse processo de mudança de nomes dos escravos aqui na Colônia Portuguesa.

Para falar sobre relações de forças, trazemos Orlandi (2007, p. 39) “Como nossa sociedade é constituída por relações hierárquicas, são relações de forças sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação”. Nesse sentido, na sociedade da época, a voz da Coroa e da Igreja vale mais do que a de um escravo africano.

Além disso, a mudança de nome do escravo promove um apagamento do nome de nascimento do africano. Isso pode ser observado ao longo da história de nomes e sobrenomes africanos no Brasil, bem como na história dos judeus, quando foram perseguidos pelos nazistas; eles foram obrigados a fugir e mudar de identidade. Os próprios índios tiveram suas culturas dilaceradas e como consequência perderam seus sobrenomes que eram extremamente significativos sócio historicamente, pois são parte da constituição do Brasil. Esse apagamento nos nomes de pessoas é muito forte, pois apaga-se também a cultura, a história de pessoas que foram obrigadas a se calarem em detrimento de outros povos e outras culturas que lhes foram impostas, que os obrigava a se sujeitarem.

Os alunos pesquisaram esses assuntos e foram discutidos em sala de aula, como parte de documentários sobre um pouco da historicidade do sobrenome. Assim eles acabaram desnaturalizando a ideia de que para conhecer o nome e sobrenome bastava acessar seu sobrenome na internet e pronto, que de um modo simplista seria “sou descendente deste ou daquele povo”.

Vimos também que de acordo com o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) realizada em setembro de 2016 que analisou 46 milhões de nomes de

trabalhadores do cadastro da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) 87,5% dos cadastrados tinham nomes de origem ibérica (da Espanha ou Portugal).

Esses dados são extremamente significativos, pois, somos uma sociedade que não é constituída somente por descendentes de europeus, temos afrodescendentes e índios, como poderia ter um percentual de descendentes europeus tão grande.

A essa altura os alunos já estavam pesquisando por conta própria e trazendo informações para sala de aula, tamanha a curiosidade que eles estavam, ficavam perguntando o que faremos na aula seguinte, eles queriam chegar a um denominador comum de sua genealogia. Vemos aí um imaginário em funcionamento - um sujeito consciente que quer ter o controle de tudo.

Todos esses saberes partilhados fizeram como que os alunos discutissem, opinassem, questionassem sua realidade, muitos deles se posicionaram com indignação, outros disseram que não conheciam essa versão da história.

Em meio a tantos questionamentos alguns manifestaram que não fazia sentido a pesquisa nos dicionários sobre os significados dos sobrenomes, pois, a maioria da turma era afrodescendente. Isso significava que os sobrenomes deles poderiam também ter sido impostos aleatoriamente, ou seja, eles não tinham garantia da origem de seus sobrenomes, e que esse significado do dicionário pode não ter relação com a histórias deles e de seus familiares.

Mais uma vez se indignaram com os sobrenomes “nobres” que tem seu fundamento histórico, como de príncipes e princesas, pessoas abastadas que mantêm sobrenomes em suas famílias e lhes garante toda uma história de suas descendências. Outra vez voltaram a discutir a questão de muitas pessoas serem considerados “sem nomes”, por questões socioeconômicas.

Esse foi um momento de desestabilização, pois até o momento da criação da árvore genealógica tudo estava em seu devido lugar, mas após conhecer um pouco da história de mudança dos africanos que eram trazidos como escravos ao Brasil, eles ficaram em posição de desconforto. Como se a atividade com a árvore no quesito relação origem de sobrenomes não tivesse mais a importância que eles atribuíram no momento da execução do trabalho. Os significados que estavam postos como verdade e devidamente organizados passaram a ser questionados, ao serem confrontados com a realidade, ou seja, esse aluno começa a perceber que essa aparente organização não é um processo tão obvio que existe muito mais a ser questionado, pesquisado.

Os sujeitos-alunos estavam produzindo gestos de interpretação, os sentidos não se apresentavam para eles de forma transparente, a história mostra o sobrenome enquanto um nome para distinguir a que família pertence aquele sujeito, para eles era muito mais que isso, não era verdade absoluta, pois muito foi ocultado, ficou no não dito. Eles questionaram duramente a veracidade de seus sobrenomes.

Outros, em contrapartida, disseram que a atividade da árvore genealógica foi significativa, pois seus familiares de fato eram de origem Alemã, ou Portuguesa ou Espanhola como sugere a pesquisa, bem como eles tiveram acesso a conhecimento que antes não tinham sobre esses nomes. Uma aluna observou que algumas profissões enfatizam o sobrenome e mencionou, como exemplo, os militares e os pesquisadores, que quando publicam é dada ênfase ao sobrenome. Para alguns, esse funcionamento demonstra status.

Uma aluna comentou que temos um nome na hora de votar, pois somos reconhecidos como pessoas. Disse: “Temos que mostrar que queremos fazer valer nossos nomes, com a nossa postura de resistência frente à sociedade que nos esquece em diversas situações”. Podemos observar no dizer da aluna um discurso de militância em defesa de seus direitos. Uma luta pelo direito de ser reconhecido pelo nome. Percebi que essas questões são muito fortes para eles, pois historicamente o sujeito sofre o apagamento do nome nas relações sociais, e isso está muito latente no meio que esses alunos vivem. Compreendemos que isso talvez fosse até então naturalizado entre eles, mas com as leituras isso se intensifica, por meio da desconstrução da naturalização e da constatação de não ser chamado pelo nome e sobrenome, conforme alguns relatos.

Em relação à indignação com os significados dos nomes e sobrenomes, consideramos muito interessante, pois colocou em xeque o próprio sentido de dicionário como portador de verdades inquestionáveis. Uma vez que o dicionário é produzido por sujeitos que também são afetados ideologicamente, como diz Orlandi ao falar sobre incompletude,

A condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeito nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível (2015, p. 50).

Em outras palavras, é preciso que tenhamos a noção de que um dicionário não contém todas as possibilidades de sentidos de uma palavra ou de um nome.

Outro dado importante a considerar é que os sobrenomes das famílias de afrodescendentes, que tiveram seus nomes verdadeiros alterados, mesmo que de forma imposta, assumiram suas identidades e construíram nova história aqui no Brasil e por sua posição de resistência permaneceram com suas tradições. Foi lhes imposto o silenciamento de seus nomes, que pode ser explicado por Orlandi,

Silencio Local ou Censura, que remete propriamente à interdição: apagamento de sentidos possíveis, mas proibidos, aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura (2012, p. 128).

Nas discussões os alunos concluíram que, mesmo que não se saiba qual o nome real dos Africanos na época em que foram traficados, o importante é saber que o apagamento significa, na medida em que devido a resiliência eles deixam sua marca na história do Brasil com sua cultura tão fortemente arraigada, na culinária, na dança, na arte entre outros aspectos. Assim, podemos entender que embora houvesse a imposição da mudança do nome e sobrenome, eles resistiram e fazem parte da história, ou seja, deixam sua marca na cultura local.

3.4.1 Bullying em relação aos nomes e sobrenomes

Como os alunos ficaram desconfortáveis com as leituras do apagamento dos sobrenomes dos africanos, levantaram outra questão de apagamento do nome. Disseram que a maioria das pessoas menos favorecidas eram conhecidas por apelidos, que nem um nome tinham, muito menos, um sobrenome

Diante desse assunto, propusemos trabalhar com o bullying, iniciando com uma atividade que proporcionasse um pouco de movimento, pois não podemos ficar inertes diante de um assunto tão sério como o bullying. Pedimos que a cada pergunta, se fosse verdade para o aluno, que ele desse um passo à frente, e que fossem sinceros ao responder. Então, questionamos sobre se gostavam de seus nomes, se praticaram algum tipo de bullying, se já sofreram bullying, se já foram apelidados, se se sentiam bem com esses apelidos. A maioria dos alunos se posicionou como vítimas de bullying.

Logo depois, iniciamos um debate sobre o bullying em relação ao nome, perguntando o que representa um apelido? Um aluno disse que o lugar do apelido é para grupos de marginais, pois não podem se identificar com um nome, por isso os próprios grupos os batizam com apelidos. Outros alunos ficaram chocados com a resposta do

colega e se colocaram contrários à opinião dele, dizendo que apelidos são formas carinhosas dos amigos se tratarem. Outro questionou por que nas classes mais abastadas os apelidos são menos frequentes ou não tão ofensivos.

Foi uma discussão bem interessante, pois esses alunos estavam dando vazão a angústias e sentimentos que eles em suas condições de produção e em sua posição sujeito-aluno nem sempre tiveram oportunidade de manifestar. Eles falaram sem medo e sem a obrigação de acertar, assim nos colocamos na posição de professor, sem ocupar o lugar de detentores do conhecimento, mas em processo de aprendizagem junto com eles em relação ao saber, demonstrando curiosidade acerca das opiniões por eles manifestas. O importante foi perceber que as perguntas não continham uma única resposta, e que abria para uma variedade de sentidos possíveis, mas não qualquer um, como se pode observar nas várias opiniões a respeito dos apelidos.

Discutir sobre apelidos nos levou a pensar com os alunos sobre como a sociedade historicamente classifica o sujeito pelas características físicas, sexualidade, deficiências, aspectos da personalidade, demarcação geográfica entre outras marcas de identificação, como: Gordinha, Esqueleto, Manquinho, Neguinho, Gueizinho, Bicha, Pé na Cova, Caveira, Fumega, Paraiba. De acordo com Melo, em teoria da enunciação, ao se referirem aos apelidos diz,

Constatamos que as designações não tem os mesmos referentes, e nem os mesmos sentidos. Assim podemos observar que cada uma tem uma particularidade e uma temporalidade. Ou, seja, esses apelidos emergem em um dado momento, em uma dada circunstância, que nos remete a um passado e a uma futuridade, funcionando a partir de uma historicidade, movimento que dá sentido as designações (2014 p. 43).

No decorrer das discussões, sempre enfatizamos que o importante era o aluno expor seus pontos de vista, mesmo que eles fossem contrários à maioria. Compreendemos que essa relação de sentidos é produzida na interação, no jogo de interesses e até mesmo está presente quando o sujeito aluno apenas observa sem opinar, o silêncio também significa.

Trouxemos uma intérprete que é surda (Figuras 16 e 17), que fez um depoimento sobre sua trajetória enquanto sujeita-surda, que sofria bullying na escola desde a infância pela sua deficiência, e que teve seu nome silenciado devido à deficiência, assim como muitos outros que são reconhecidos apenas como “Mudinho”, “Surdinha”, “Doidinho”, “Lelé-da-Cuca”, “Sem parafuso”. Esses sujeitos são ignorados, muitas vezes, e têm também os nomes apagados na sociedade, dado, a sua deficiência.

Hoje ela conta com orgulho sua história de superação e faz questão de ser chamada pelo seu nome, trabalha como intérprete de Libras e defende a causa das pessoas com deficiência, que precisam ser reconhecidas como qualquer outro sujeito e respeitadas com igualdade.

Figura 16: Imagem da intérprete de Libras dando o seu depoimento.



Fonte: Arquivo próprio.

Figura 17: Alunos assistindo depoimento da intérprete de Libras. Fonte: Arquivo próprio.



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao termino do depoimento, realizamos leitura de texto sobre nomes que causavam constrangimento. Para isso, levamos uma lista de nomes bem diferentes e

discutimos sobre o bullying em relação a esses nomes, bem como sobre a responsabilidade de nomear. Um aluno disse que os pais deveriam pensar sobre esse assunto e analisar se é um nome coerente ou não, para então nomear. Entre a lista de nomes que causam desconforto, de acordo com o site [interneta.com](http://www.interneta.com)⁶, temos alguns exemplos de nomes que foram registrados em cartórios do Brasil. São eles: Abrilina Décima Nona Caçapavana Piratininga de Almeida, Aeronauta Barata, Amor de Deus Rosales Brasil (feminino), Benedito Frôscolo Jovino de Almeida Aimbaré Militão de Souza Baruel de Itaparica, Cafiaspirina Cruz, Céu Azul do Sol Poente, Chevrolet da Silva Ford, Colapso Cardíaco da Silva, Himeneu Casamenteiro das Dores Conjugais, Janeiro Fevereiro de Março Abril, Liberdade Igualdade Fraternidade Nova York Rocha, para mencionar apenas alguns.

Após a leitura do texto, questionamos os alunos a respeito desses nomes registrados em cartório, o que eles pensavam sobre isso? No momento da leitura, alguns alunos riram dos nomes, outro disseram que esses pais deveriam odiar seus filhos para nomeá-los dessa forma.

Outros ficaram sensibilizados e disseram que com certeza essas pessoas sofriam bullying, uma menina disse que devemos nos colocar no lugar do outro e da mesma forma que eles sofriam ao serem apelidados essas pessoas também sofriam uma vida toda por terem esses nomes. Outro aluno falou que esses nomes eram fruto de ignorância, ou falta de conhecimento dos pais. Esses comentários são bem significativos, pois os colocavam em uma posição de que os fatos simplesmente não acontecem e são naturais, mas são parte de um processo de constituição. Ou seja, essas pessoas que nomearam esses sujeitos vinham de determinadas condições de produções que justificava a escolha daqueles nomes.

Esses comentários por parte de alguns alunos foi muito importante para perceber como os sentidos produzidos pelo sujeito-leitor-aluno estavam sendo mobilizados para novas direções, que não apenas a interpretação superficial do texto tal como ele está escrito, eles leram uma lista de nomes que poderia apenas provocar risos, mas ao contrário eles questionaram, discordaram, problematizaram o que tinham lido, posicionando-se em relação à leitura, também não ficaram questionando o porquê estavam lendo aquele texto, nem que atividade teriam que produzir com aquela lista.

⁶ <http://www.interneta.com/2010/08/nomes-estranhos-engracados-registrados-cartorio.html> acessado em 27/07/2018

3.4.2 Enquete sobre o bullying

Em seguida aos nomes estranhos registrados em cartório, resolvemos fazer uma enquete para saber a opinião da comunidade escolar sobre o bullying, a enquete foi elaborada pelos alunos e constava das seguintes perguntas:

1. Você gosta de seu nome?
() Sim () Não
2. Você tem apelido?
() Sim () Não
3. Você já sofreu algum tipo de bullying em relação ao seu nome?
() Sim () Não
4. Você já praticou bullying com colegas e amigos, você chama seus colegas por apelidos ofensivos?
() Sim () Não

O objetivo da atividade era saber se os alunos tinham uma boa aceitação de seus nomes e saber como eles lidavam com o bullying na escola. Os alunos foram divididos em equipes e passaram de sala em sala fazendo a enquete, foram entrevistados alunos de 6º ao 9º ano. Com ajuda da professora de matemática construíram gráficos, mostrando dados da pesquisa (Figuras 18, 19, 20).

Figura 18: Foto de alunos coletando dados para pesquisa.



Fonte: Arquivo próprio.

Figura 19: Fotos de alunos contando os dados da pesquisa.



Fonte: Arquivo próprio

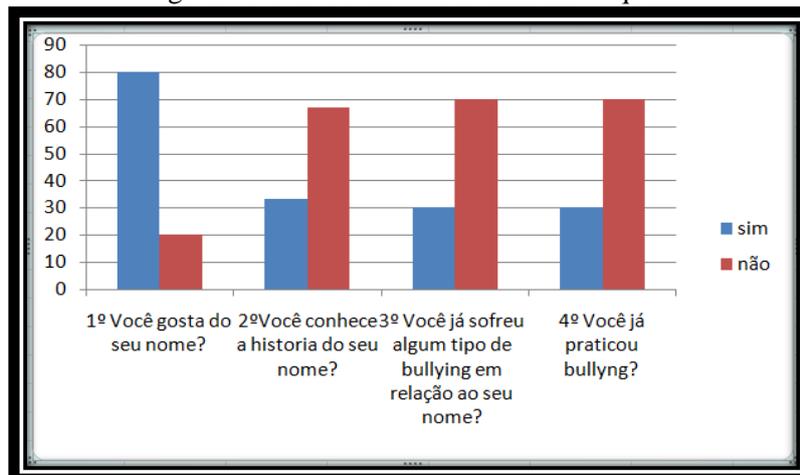
Figura 20: Alunos tabelando dados da pesquisa com orientação da professora Josiane.



Fonte: Arquivo próprio

Posteriormente os alunos apresentaram para a sala os números coletados, conforme imagens (Figura 21). Os alunos entrevistaram 300 alunos do ensino fundamental e obtiveram os seguintes resultados:

Figura21: Gráfico com Resultado da Enquete



Fonte: arquivo pessoal

De acordo com a pesquisa, 75% dos alunos disseram nunca ter praticado bullying e 80% dos alunos disseram que nunca sofreram bullying; 80% afirmaram que se identificam com seus nomes. Os alunos gostaram de participar da enquete porque, dessa forma, mais uma vez envolvemos a comunidade escolar no projeto, o que foi bem significativo pois despertou a curiosidade de alunos de outras turmas que nos abordavam na escola querendo saber mais sobre o projeto.

Os alunos compartilharam suas opiniões sobre a pesquisa, alguns não concordaram com os dados porque bem poucos alunos, apenas 20% deles responderam que praticavam bullying ou eram vítimas. Eles acreditam que mesmo com a identidade sendo preservada, isso era assumir a culpa ou assumir ser vítima do bullying, pois na maioria das turmas o número de vítimas e agressor foram mínimos em relação ao que os alunos relatam que veem ocorrer no ambiente escolar. É interessante observar que os alunos questionaram o resultado das pesquisas, ou seja, não concordaram com as repostas dadas pelas demais turmas, uma vez que, para os alunos, o resultado difere do real da escola.

Depois da reflexão em sala, os gráficos foram expostos para a comunidade escolar através de um mural com os resultados da pesquisa e frases antibullying produzidas pelos alunos (Figuras 22, 23, 24). Entre os enunciados, destacamos alguns:

DIGA NÃO AO BULLING

“Não pratique o bullying isso pode mexer com os sentimentos de alguém”.

“Ser do bem é sorrir sem medo, agir sem preconceito e procurar ser feliz em qualquer tempo”.

“O bullying é falta de educação e respeito, tudo se resolve com uma boa conversa”.

“Se você ver alguém praticar bullying, denuncie”.

Ao ler a formulação dos alunos, podemos perceber que eles remetem à memória discursiva de que praticar bullying magoa pessoas, portanto não é uma coisa boa, é falta de educação, de respeito, e é crime, por isso deve ser denunciado. Vimos que a leitura de arquivo que fomos construindo no decorrer da intervenção estava produzindo efeitos, pois os alunos ao se manifestarem em relação ao bullying emergiam do já-dito para sustentar o seu dizer.

Figura 22: Alunas organizando mural



Fonte: arquivo pessoal

Figura 23: Foto do mural com resultado de enquete.



Fonte: arquivo pessoal.

Os cinco nomes mais comuns apontados pela pesquisa do IBGE/2010 foram:

| | |
|---------|------------|
| Maria | 11.734.129 |
| José | 5.754.529 |
| Ana | 3.089.853 |
| João | 2.984.119 |
| Antônio | 2.576.348 |

Os alunos observaram que esses nomes que constam na pesquisa estão na moda novamente. E ficaram perguntando, entre eles, por que esse ciclo de nomes de tempo em tempo ia se repetindo, e perceberam que hoje ao serem usados, eles adquiriram um aspecto atual. Hoje, por exemplo, é chique chamar um bebê de Antônio. Discutimos com os alunos que esses nomes remetiam a uma memória discursiva religiosa. Que antigamente os pais afetados pelo discurso religioso que era dominante, nomeavam seus filhos com nomes Bíblicos e com nomes de Santos. Hoje, esses nomes voltam, mas produzem além da religiosidade, outros efeitos, por uma tendência ao que é nacional, nomes simples, fácil de pronunciar, sem estrangeirismo, muito utilizados por filhos de famosos. Ou seja, esses nomes retornam uma memória discursiva, porém produzindo novos sentidos.

Após conversarmos sobre esses nomes e relacionarmos os nomes dos alunos com as pesquisas realizadas, assistimos ao curta metragem “Vida Maria”, de Marcio Ramos (Figura 25), que mostra a repetição do nome Maria, por várias gerações da mesma família. Maria Jose, Maria de Lurdes, Maria da Conceição... uma longa lista de Marias que perpetuam uma ideologia machista em que o lugar da mulher é em casa, cuidando dos trabalhos domésticos e da família, sem a necessidade de estudo, nomes carregados pelo peso da religião que simultaneamente ecoam o destino trágico de tantas mulheres de diferentes gerações, mas que trazem sinas extremamente parecidas.

Figura 25: Cena do curta metragem Vida Maria



Fonte: <https://www.culturagenial.com/filme-vida-maria/>

Para alguns alunos o curta metragem representou apenas a vida de mulheres nordestinas. Outros, porém, fizeram uma leitura trazendo para a atualidade; disseram que essas Marias representam as pessoas acomodadas, que pensam que porque nasceram pobres, não há nada a ser feito, têm que se conformar. Houve uma aluna que disse: “Não é porque a sociedade não reconhece meu nome, que vê apenas minha condição financeira, que eu vou ficar de braços cruzados”. Outros alunos interpretaram essas Marias como as meninas que abandonam a escola por engravidarem precocemente e, mesmo vendo muitas outras Marias agindo assim, seguem o mesmo caminho. Como se pode ver, os sentidos são múltiplos e variados.

Trouxemos duas expressões populares muito conhecidas para estabelecer relação com o curta metragem: “Maria vai com as outras” e “João ninguém”. Em seguida, questionamos os alunos a respeito do que eles entendiam dessas expressões? Eles estabeleciam alguma relação com o curta “Vida Maria”?

Eles comentaram que “Maria vai com as outra” se referia a pessoas sem opinião, que se deixam levar. Outros disseram que é pessoa que veste somente o que a moda diz que é bonito; outros falaram que eram as meninas que andavam juntas e faziam sempre as mesmas coisas. Insistimos em questioná-los se havia alguma relação entre esses nomes e o vídeo. Houve alguns que disseram que as Marias do vídeo, bem como os nomes da expressão representavam todas as pessoas, não necessariamente as pessoas que se chamam Maria, pois como esse nome é comum e muito utilizado, como mostra o IBGE, esses nomes representam todos os que têm essa postura de não ter opinião, pessoas conformadas com sua realidade e se deixam guiar/levar pela mídia, pelo meio social, pelas circunstâncias, isto ocorre tanto no curta quanto na expressão “Maria vai com as outras”. Percebemos que esse sujeito-aluno se coloca na discussão como se estive parafraseando o discurso do vídeo, mas ele rompe esse processo quando ele atualiza seu discurso com a realidade. Pois, conforme Orlandi,

Os sujeitos “esquecem” que já foi dito – e esse não é um esquecimento voluntário – para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que suas palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas, ao mesmo tempo, sempre outras (2015, 34).

Então questionamos e o “João ninguém”, como podemos compreender? Alguns disseram são todas as pessoas desconhecidas pela sociedade, por não terem profissão de

prestígio, que não tem poder aquisitivo e que necessariamente não representam a pessoa específica que recebe o nome João. Um aluno definiu: “Essa expressão não determina a vida das pessoas que chamam João, muito pelo contrário, as pessoas se definem pelas escolhas que fazem”, ou seja, pelo o que no momento pareceu ser o certo a ser feito, o possível.

Uma aluna comentou que esses nomes, “João” e “Maria”, que são usados para generalizar pessoas, no momento em que são ditos faz uma referência e, nesse sentido, ele especifica e traz toda essa carga negativa, o que vem a caracterizar o bullying, o desrespeito ao ser humano. A aluna traz à tona que a recorrência e a atualização de um discurso a coloca em posição de especificidade. Essa mesma aluna se posicionou por meio de um texto dizendo,

“Eu já sofri bullying em relação ao meu nome, pois, me chamam de “Maria gasolina, Maria loca, Maria vai com as outras e muito mais”; quando isso acontecia eu ficava triste e brava, as vezes reagia com agressão, até mesmo com pessoas que estavam tentando me ajudar. Mas hoje eu não sofro mais bullying como antes, agora eles me respeitam mais e o que eu acho muito lindo disso tudo é que antes eu não gostava do meu nome, mas agora eu o amo, é importante para mim.”

A aluna menciona outras expressões muito utilizadas com o nome Maria, como “Maria gasolina”, “Maria vai com as outras”, mas quando as expressões são direcionadas para uma determinada pessoa, que se chama Maria, tem um caráter ofensivo, desrespeitoso, que passa a ser bullying, pois foi um dizer específico para ela.

Essas discussões sobre bullying, relacionada a nomes de pessoas, foi muito produtiva, pois ajudou os alunos a formularem uma opinião sobre o assunto. Um deles disse: “Temos que rever o que dizemos, pois na maioria das vezes não pensamos no outro”. Percebemos nesse dizer que o aluno remete o seu dizer ao interdiscurso, uma memória discursiva que fala antes, em outros lugares, independente, que apontam para pessoas que sofrem com bullying, que isso não é brincadeira, é ofensa, um crime. Por isso, as pessoas devem pensar antes de dizer.

3.5 Entrevista com a família sobre os nomes dos alunos

Na quinta e última etapa, propomos a realização de uma entrevista com a família sobre o nome do aluno. É importante observar como a Análise de Discurso considera o

nome próprio para então compreendermos como se deu esse processo. Buscácio (2019, p.102), ao mencionar Haroche, diz,

Conforme Haroche (1992/1984) um nome próprio é ceifado por uma evidência, um colamento com o sujeito nomeado pelo funcionamento do discurso jurídico. Seguindo com Pêcheux (2009/1988), nomes próprios carregam memória, de um antes que ressoa pelo funcionamento do pré-construído. Assim, se um sujeito é a partir de um nome de registro, responsável e responsabilizado pelo dizer que assina, no efeito de evidência do discurso jurídico, por outro, sob este efeito uma memória do dizer incide sobre o nome, atravessando o dizer do nomeado. Enfeitiçado pela origem e pelo controle do dizer (PÊCHEUX, 2009/1988), propomos que o sujeito é resguardado (e penalizado) pelo efeito da responsabilidade discursiva no nome próprio. Assim, um sujeito pode ser responsável ou responsabilizado pelo dizer, sob a assinatura do nome próprio, ou ainda, estar sob o efeito da tutela de outro, sendo alocado no lugar de não poder dizer e de não poder ser responsável ou responsabilizado pelo dizer, mas com um nome próprio, ou mais, no efeito da perda do nome, em lugar do anônimo.

Como podemos ver o nome próprio carrega uma memória de um antes, pelo funcionamento de um pré-construído que atravessa o sujeito nomeado. Assim, nesta etapa, os alunos foram direcionados a fazer uma pesquisa sobre os seus nomes, entrevistando pessoas de suas famílias. A finalidade era descobrir quem escolheu seu nome, por que escolheram esse nome e não outro, o que os motivou na escolha desse nome, o que os pais sabiam sobre esses nomes, se houve algum fato que foi determinante para essa escolha e se tinham algum conhecimento sobre a história de seu sobrenome.

Além disso, eles buscaram saber com os pais sobre suas famílias, se os avós são brasileiros, se são imigrantes, de onde vieram? Se eles moram na cidade, há quantos anos? Qual profissão exerciam seus familiares. E também se havia alguma característica particular que os distinguia das demais famílias, algo que marca sua família, por exemplo, se eram honestos, amigos, trabalhadores, alegres, inteligentes, se gostam de brincar, de festas, de pescaria, de churrasco etc.

Logo que concluíram as entrevistas com os familiares, os alunos, em sala, compartilharam com os colegas a impressão deles sobre as entrevistas. Foram momentos de descontração e aprendizado. Muitos descobriram coisas que antes nem imaginavam.

Os alunos puderam perceber que as histórias de seus nomes são determinadas pelas condições de produção. Que alguns fatores foram determinantes para escolha dos nomes, que variaram desde homenagem ao médico que fez o parto, nomes de jogadores, artistas, cantores famosos, nomes bíblicos até nomes inusitados criados a partir de letras

dos nomes dos pais, como diz Guimarães (2002, p.69) em *Semântica do Acontecimento* “Dar nome é assim, identificar um indivíduo biológico enquanto indivíduo para o Estado e para sociedade, é torná-lo como sujeito.”

Os alunos perceberam através do cruzamento de dados do IBGE, o momento histórico de seu nascimento e na entrevista com os pais que seus nomes não foram uma escolha aleatória, a nomeação significou para aquele dado momento na história, bem como pode-se dizer que os pais ao nomear com um nome de famosos, além de homenagear alguém que admira, projeta no nome dos filhos um futuro profissional talvez semelhante ao homenageado como o de ser jogador, cantor, ator, atriz, pastor, médico, entre outras profissões, ou ainda as qualidades do homenageado, nos casos de nomes de santos. Isso pode ser percebido nesse trecho da entrevista, onde foi perguntado aos pais qual foi o motivo da escolha do nome de sua filha, a mãe respondeu “Porque o nome dela faz uma homenagem a santa, que se chama Nossa Senhora Aparecida”.

Muitos pais responderam que a escolha do nome do filho era porque achavam bonito, outros para ter a inicial do nome do pai ou do outro irmão, mas mesmo esses nomes foram nomes que naquele momento estavam em alta, como nomes muito utilizados na época, ou seja, não fugiram do leque de opções disponíveis naquele momento histórico

Um aluno comentou que depois que os famosos começaram a utilizar nomes simples como João, Pedro, Maria, Manuel as pessoas voltaram a usar esses nomes também, ele comentou que alguns pais apenas repetem aquilo que a mídia coloca como bonito. Observamos que o aluno consegue perceber os processos de interpelação ideológica que os pais sofrem ao nomear os filhos. Como diz Pêcheux (1997), não há língua sem sujeito e não há sujeito sem ideologia.

Alguns nomes, ao se referirem a nomes bíblicos, de artistas, esportistas, nomes estrangeiros entre outras, mostra muito sobre as famílias, pois o sujeito (pai e mãe) ao escolher um nome e não outro é determinado pelo interdiscurso, pela memória discursiva, como diz Orlandi (2007) um dizer que fala antes, em outro lugar e determina o que dizemos. Porque o sujeito, para a perspectiva discursiva, é compreendido como sujeito atravessado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia, seja ela religiosa, midiática, esportiva ou até mesmo na busca de igualar-se a pessoas de prestígio; essas escolhas não são transparentes, elas fazem sentido de acordo com as condições de produção das pessoas envolvidas na nomeação.

Mais adiante vamos analisar os processos de significação na nomeação de alguns alunos. Antes, é necessário explicitar como se deu a produção escrita do aluno e a elaboração do produto final.

3.5.1 Processo de elaboração do produto final

Os sujeitos alunos foram convidados a produzir um relato, contando a história de seu nome, levando em consideração todas as leituras realizadas. Eles foram orientados a abordar sobre o sentido de seu nome em relação ao social, as características de sua família, a sua opinião, após todas essas reflexões. Nosso objetivo com essa escrita foi o de buscar compreender como o aluno se relaciona com seu nome, se há identificação ou não com o nome atribuído pelos pais. Além disso, gostaríamos de observar a escrita do aluno para perceber o efeito do arquivo e a constituição da autoria.

Na ocasião levei para a sala de aula como é o funcionamento do relato. Lemos alguns relatos para que eles compreendessem como é construído esse tipo de texto. Um deles foi o texto “Um texto sobre o meu nome”⁷ (Anexo III). Esse foi um momento bem desafiador, pois eles expuseram como eles compreenderam seus nomes a partir de todos as discussões, confrontos e leituras.

Podemos dizer que os textos puderam mostrar o que significou o projeto para os alunos e, por outro lado, foi delicado pois alguns alunos tomaram como referência os relatos apresentados, tomando-os como modelo, uma prática já institucionalizada na escola, que os alunos já estão habituados a fazer durante grande parte de sua vida escolar. Não produzindo deslocamentos, não se revelando no texto, não produzindo a autoria, pois estavam acostumados com cópias.

E isso nos proporcionou uma retomada ao texto, revisar, refletir, refazer e fazer textos o que os deixou um pouco descontentes. Chamei os alunos no contra turno para conversar com eles individualmente sobre os textos, questionando-os porque tentaram “imitar” os textos lidos que foram utilizados apenas como ilustração, alguns responderam que era a forma mais fácil, outros que pensavam que era assim que era para fazer. Então, ressaltei que eles deveriam contar a história de seus nomes, escrever a partir de suas experiências, e que aquelas lidas em sala eram histórias de vidas de outras pessoas, não

⁷ Disponível em: <<http://medium.com.br>> acessado em: 20 de março de 2018

as deles. Isso também me fez refletir sobre a escolha de textos para trabalhar com os alunos e a ter muito cuidado para que eles não tomem o que propomos como leituras modelos. São questões que precisamos trabalhar com os alunos, para romper com os “modelos”, historicamente instalado na escola.

Retomei com os alunos, comentando o quanto eles foram participativos no decorrer do projeto, como produziram e que a escrita dos relatos era apenas uma ideia de fecho para o projeto, era a oportunidade de mostrar para sociedade a história de seus nomes, como diz Guimarães (2017) um nome é carregado de histórias.

Após esse momento de esclarecimento sobre o objetivo do texto, procuramos nos limitar a discutir os aspectos linguísticos do texto como coesão, coerência, clareza e unidade. Então, mostramos ao aluno, no seu texto, o que não estava claro, aquilo que para ele estava compreensível, mas, para o leitor, não fazia sentido. Ao conversar com os alunos, em particular, eles explicavam o que queriam dizer, mas não era o que estava escrito, então eu falava: “Escreva isso que você me explicou”, “Não está escrito isso no texto”, “Seu leitor não estará com você para você explicar”, assim, fomos dialogando com os alunos para que eles refletissem ao produzir o relato, sem se esquecer do seu leitor. Procuramos mostrar que eles eram capazes, que sabiam o que precisava ser escrito para torná-lo mais claro e que ainda não estava no texto.

Essas orientações ocorreram em muitos momentos de atividades escrita, momentos em que procuramos dialogar com os alunos para que eles melhorassem a escrita, pedindo que eles se preocupassem que o texto tem um começo, meio e fim, ainda que imaginários, mas como diz Orlandi (2015) essa é uma das condições para a autoria. No entanto procuramos não interferir na produção do aluno, ou seja, na ideia formulada para a escrita do texto. De acordo com Lagazzi-Rodrigues,

Assumir a autoria colocando-se na origem de seu dizer é fazer do dizer algo imaginariamente “seu”, com “começo, meio e fim”, que seja considerado original e relevante, tenha clareza e unidade. E, dessa maneira, responsabilizar-se pelo que foi dito e pelo que foi silenciado. Como ressalta Eni Orlandi, é tornar-se visível e, com isso, ser identificável e controlável. Mas colocar-se na origem do seu dizer não é um gesto de vontade. É uma prática num processo (2015, p.102).

Percebemos que a preocupação deles foi em relação ao imaginário que eles tinham de seu leitor, a comunidade escolar, seus pais, seus colegas e professores, isso, de certo modo, gerou uma barreira para escrita, pois agora o seu texto ia ser lido, não era só para o professor. A ideia de transformar os relatos em livro deve ter assustado o aluno,

coisa que não percebemos nas etapas anteriores do projeto. Sabíamos que o desafio era realmente grande, tendo em vista a maneira que historicamente a leitura e a escrita são ensinadas. Embora tenhamos desenvolvido um trabalho de intervenção que abrisse espaços de significação em sala de aula para o aluno se posicionar, eles, como vimos nas práticas anteriores, demonstraram interesse e participaram efetivamente, mas ainda assim a escrita é um processo e precisa de muito trabalho e orientação.

Segundo Gallo, em *Discurso da escrita e ensino* (1992), ao relatar sua experiência sobre escrita e autoria, realizada em 1987, ressalta que o a passagem do discurso da oralidade para o discurso da escrita somete se faz pela “assunção a autoria”,

O que está envolvido aqui é a questão de “acreditar-se” autor, “sentir” que produziu, realmente, um livro etc., o que, do ponto de vista da Análise do Discurso, é percebido pela forma de representação do sujeito que nesse caso “coloca-se no lugar de autor”, “representa-se como tal”, ocupa uma “posição”. Essa forma de constituição do sujeito é que permite reconhecer a assunção a autoria, realmente. Quando, no entanto, a autoria se “elabora” mas não é “explicitada” para o sujeito, este não se constitui como sujeito-autor (aquele que se representa como tal) e a autoria é nesse caso, é apenas o efeito de sentido produzido pelo D.E(...) sendo assim, o que está em jogo, aqui, são as formações imaginárias que presidem toda a produção. Portanto, como se trata de uma “passagem” o que procuramos mostrar é a “autoria”, sendo construída enquanto efeito de sentido, para em seguida mostrar o sujeito se constituindo enquanto sujeito-autor (GALLO, p. 99 -100).

Após o momento da escrita foi o momento de selecionarmos a capa da Coletânea, que foi outra situação muito especial. Tínhamos um aluno que sempre se envolveu com a parte artística do projeto, nunca participava nas propostas de oralidade, fazia às vezes as atividades escritas, mas não as organizava no portfólio, tanto que no dia da entrega dos portfólios para análise e escrita da dissertação ele nos entregou em branco. Mas na atividade da árvore genealógica, na construção do brasão e na seleção da capa participou ativamente. Ele trouxe seu posicionamento através de desenho (Figura 26), que acabou sendo selecionada para ser capa do livro.

Figura 26:



Desenho da capa do livro
 Fonte: Arquivo próprio.

Podemos notar no desenho do aluno, uma riqueza de detalhes. As imagens se inter-relacionam e mostram representações da nobreza com castelos, coroas, navegações, natureza, etc. O desenho faz um recorte do percurso do projeto como um todo, somos constituídos sócio-histórico-ideologicamente, não somos uma ilha, nossas histórias se entrelaçam. Quando o aluno se pronunciou na sala para explicar o seu desenho ele disse que o desenho representava tudo o que ele tinha entendido do projeto, todos os colegas o aplaudiram.

Esse aluno era considerado desinteressado, sentava no último lugar da sala e deitava na cadeira na maioria das aulas, mas quando teve oportunidade, e foi respeitado dentro de seu processo de aprendizagem e criação, sentiu-se reconhecido pelos seus colegas e por todos que tiveram acesso à Coletânea.

Por fim, os relatos produzidos pelos alunos formaram uma coletânea (Anexo IV), em seguida foram impressos. Para nos ajudar com os custos da gráfica, contamos com a colaboração, de parte do valor, com o 2º Serviço Registral e Notarial da Comarca de Campo Verde, por intermédio do Sr. Kahlil Emmanuel Alves Fernandes e com meus próprios recursos.

Para o momento da culminância, organizamos uma noite de autógrafos (Figuras 27, 28, 29 e 30) com o apoio da equipe da escola, momento em que foi apresentado para os pais, alunos, professores e gestão da escola, o nosso produto final.

Figura 27: Noite de autógrafos



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 28: Noite de autógrafo: apresentação do projeto.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 29: Noite de autógrafo: Alunos autografando



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 30: Noite de autógrafo: foto da turma com a professora



Fonte: Arquivo pessoal.

Esse foi um momento único na vida dessas crianças, pois se sentiram importantes, porque seus textos seriam conhecidos pela comunidade escolar, os pais ficaram muito felizes, pois se sentiram parte do projeto, eles nos parabenizaram e comentaram que o projeto despertou reflexões para toda a família.

Percebemos que o crescimento dos alunos em relação à leitura, escrita e oralidade se deu durante todo o processo, a culminância foi apenas um momento de partilha com a sociedade sobre como chegamos ao produto final. A escola patrocinou um coquetel onde os alunos autografaram a Coletânea com muito entusiasmo, para os presentes.

A seguir vamos analisar algumas produções dos alunos, procurando compreender a história dos nomes e a constituição da autoria.

3.6 Processos de significação dos nomes próprios e constituição da autoria

Analisamos neste item alguns relatos produzidos pelos alunos, procurando compreender os processos de significação dos nomes próprios, buscando perceber se houve a constituição da autoria nos textos dos alunos e se eles se mostram como sujeito-autor.

De acordo com a Análise de Discurso tomar a palavra é inscrever-se em uma rede de diferenças e é, também, entrar em redes de produção de sentidos, entrar no

simbólico e tornar-se responsável – na sociedade, na cultura – por seu próprio dizer, um dizer marcado pelo eu devo e também pela falta. E é nesse processo de desnaturalizar o mundo à sua volta que o aluno produz deslocamentos e se posiciona quanto à sua autoria

Vejamos o relato do aluno Ivan:

Por que me chamo Ivan?

Ivan Camargo de Siqueira

Eu sou Ivan, tenho 13 anos e moro com minha família, meu irmão de 18 anos, Danilo, minha mãe de 35 anos, Ivani e meu pai de 37 anos Divino.

A história de como foi que meu nome foi escolhido foi assim: meu pai e minha mãe combinaram que o primeiro filho, o meu pai é que escolheria o nome e o segundo, a minha mãe; então eu fui o segundo e minha mãe colocou o nome igual ao dela, somente tirou o “i” do nome dela.

O sobrenome do meu irmão é o mesmo que o meu, temos sobrenomes iguais: é Camargo Siqueira, Camargo da minha mãe e Siqueira do meu pai.

Meus pais não sabiam o significado de Ivan, então pesquisando descobri que esse nome tem origem russa e significa graça e o Siqueira é português e quer dizer “lugar seco que não é regado” e Camargo vêm do espanhol, refere-se a uma região da Espanha, portanto é um sobrenome toponímico, ou seja, de origem geográfica.

Quanto a minha opinião sobre meu nome, acho Ivan Camargo Siqueira um nome muito bonito e difícil de encontrar outra pessoa com esse nome na cidade que eu moro. Isso fica legal, parece que você fica mais único como se fosse somente você com esse nome no local onde vivo, embora, eu penso que mesmo as pessoas tendo esse nome incomum elas são únicas porque cada um tem as suas diferenças, e cada Ivan terá a sua própria história, independente do significado de seu nome, sendo assim, sou único.

Um discurso remete sempre a outros discursos, nesse sentido é que propusemos a construção de um arquivo de leitura sobre nomes próprios de pessoa com os nossos alunos. Um arquivo aqui pensado como um espaço de conflitos sobre um determinado assunto, uma vez que se constitui de diferentes materialidades significantes, de modo a possibilitar diferentes direcionamentos de sentido que funcionam em um mesmo espaço discursivo.

Nessa compreensão, observamos no discurso do aluno o efeito do arquivo de leitura, como as pesquisas do dicionário de nomes ao mencionar a origem do seu nome e do sobrenome de família e também pelas entrevistas com familiares, quando o aluno diz “cada Ivan terá a sua própria história independente do significado de seu nome”. Observa-se, que o aluno faz uma retomada do discurso do significado do nome, mas em seguida promove um deslocamento pra dizer que cada um tem a sua própria história. Em outras palavras é a historicidade do sujeito que determina o nome próprio de uma pessoa.

O significado do nome não define o sujeito, conforme Magalhães e Mariani, o nome próprio traz uma historicidade, mas nunca expressará um sentido único e definitivo. Vejamos,

Pensemos no significante “nome próprio”, que hipoteticamente diria de cada um o que cada um é. Sabemos que o nome próprio pode indicar uma filiação, pode indicar algumas histórias sobre seu portador, mas nunca expressará em si um sentido único e definitivo. Não só porque ele vem do outro, mas sobretudo porque nenhum significante portará um sentido completo ou positivo sobre o ser de um sujeito. Esse significante não há, ou seja, no Outro “está sempre faltante o significante que diz o que o sujeito é” (LEBRUN, 2008, p. 123).

Em suma, como Lacan afirmou ao longo de sua obra, o Outro é faltoso, é marcado pela falta. Se é necessário o Outro para haver sujeito, e se o Outro é não-todo, é nessa falta, nessa ausência de um significante que diga o ‘quem o sujeito é’ que se encontra a singularidade de cada um, a não radicalidade do assujeitamento e a possibilidade de invenção e de liberdade (MAGALHÃES E MARIANI, 2010, p.397).

É importante observar que o aluno se responsabiliza pelo seu dizer, quando diz: “Quanto a minha opinião” e “eu penso que”, assumindo a assunção da autoria. Ao mencionar sua opinião sobre o seu nome, percebemos que o aluno se identifica com o nome porque considera ser um nome bonito e difícil de encontrar em outra pessoa, tornando o nome dele único. Sobre esse efeito de unicidade do nome, Guimarães (2017) em um estudo enunciativo da designação diz,

É importante ressaltar que no interior de todo grupo há necessidade de se instalar o único relativamente ao nome próprio. Numa família não se dá o mesmo nome duas vezes, etc. aqui se poderia inclusive lembrar que quando se dá o nome de alguém ao seu próprio filho, acrescenta-se, ao final, Filho ou Júnior. Isto leva a considerar o fato de que o funcionamento do nome próprio de pessoa, na nossa sociedade, inclui uma hipótese de unicidade que não tem, no entanto, procedimentos de diferenciação suficientes a não ser no interior de cada família, ou seja, o nome próprio funciona como se fosse único, embora não o seja. E a não unicidade se dá pelo cruzamento de lugares enunciativos diferentes que levam à nomeação: o da corporação, o coletivo, o da atualidade, etc., relacionados com uma história de enunciações que vai afetando o nome (GUIMARAES, 2017 p. 52-53).

Como diz Guimarães (ibidem), o funcionamento do nome próprio produz um efeito de unicidade, ou seja o aluno tem a ilusão de ser único, uma unicidade que se busca como efeito de identificação, que segundo o autor, “Assim é possível referi-lo, identificá-lo, responsabilizá-lo, etc. “sem possibilidade de erro, de equívoco”” (p. 53).

Nesse outro relato, a aluna Natalya, ao falar sobre o seu nome, diz:

Natalya, é o meu nome

Natalya Figueredo de Almeida Moreira

*E*u amo meu nome, foi minha mãe que escolheu e quando eles foram ao cartório uma mulher muito bonita que os atendeu, insisti para minha mãe colocar meu nome de Natalya e eles gostaram desse nome; embora minha mãe queria Isabela e meu pai queria Iasmim, eles estavam indecisos e não resolviam. Então veio a mulher do cartório e decidi meu nome NATALYA.

Foi muito bacana, pois meus pais gostaram muito desse nome e eu também gosto.

Quanto ao meu sobrenome meus pais colocaram um super grande porque é Natalya Figueredo de Almeida Moreira. No cartório falaram para minha mãe que eu ia carregar um nome bem pesado devido ao tamanho desse sobrenome, mas mesmo assim eles não quiseram mudar.

Ah, pesquisando descobri o que Natalya significa “nascida no dia de natal” nada a ver, pois nasci no dia 27 de junho, mas tudo bem amo meu nome mesmo assim, acho que nem sempre as pessoas pensam em significados na hora de atribuir um nome, simplesmente elas acham bonito e pronto, escolhem.

A aluna discorda do significado enciclopédico do seu nome, “nascida no dia de natal”, atribuído pelo dicionário de nomes próprios. A palavra “natal”, também significa “dia de nascimento”, “o dia que alguém nasceu”, mas ele remete à festa religiosa, ao nascimento de Cristo.

Segundo Nunes (2010),

Os dicionários são considerados bons ou ruins de acordo com as necessidades imediatas de consulta, e conforme se encontrem ou não as palavras buscadas, mas poucas vezes suas definições são questionadas. A escola também não se preocupava, até muito recentemente, com a leitura dos dicionários em sala de aula; eles eram apenas consultados em caso de dúvidas ou para se saber os sentidos supostamente “corretos” das palavras. Assim, não se ensinava o dicionário, pelo contrário, era o dicionário que “ensinava” como uma autoridade pouco questionada (NUNES, 2010, p. 7-8).

A escola historicamente tomou o dicionário como portador de verdades e de um único sentido. No nosso trabalho com os alunos, criamos espaços de interpretação de modo a abrir possibilidades para os alunos questionarem os sentidos do dicionário, pois, para a Análise de Discurso, o dicionário é compreendido como um “objeto discursivo”, ou seja, o dicionário é produzido por sujeitos em dadas condições de produção, as palavras significam em relação aos sujeitos e às circunstâncias em que eles se encontram (NUNES, 2010). Nesse sentido, ele é determinado pelas questões sócio históricas.

Assim, é importante entender que o dicionário se constitui pela sua incompletude, dada a incompletude da língua e do sujeito que o produz, o lexicógrafo.

Por isso o dicionário não traz todos os sentidos de uma palavra, porque a língua está sempre em movimento, o que abre sempre para novos, outros sentidos. O dicionário de nomes próprios traz um saber enciclopédico, como dissemos anteriormente; segundo Nunes (2014), esse tipo de dicionário traz um discurso de divulgação, nos dicionários consultados, traz um dizer sobre a origem dos nomes.

Nessa perspectiva, quando a aluna discorda do significado que o dicionário atribui ao seu nome, ela coloca em questionamento a data de Natal com a data de seu nascimento, que é diferente. Na opinião da aluna essa relação com o sentido dado pelo dicionário não é a única para compreensão do sentido do seu nome, ou seja existem outros fatores mais relevantes que determinam a escolha desses nomes, como a história que a família conta, por ser um nome bonito, ter sido escolhido pelos pais, dentre tantas outras possibilidades de sentidos. Como diz Orlandi (2007, p. 15), “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial, com sua capacidade de significar e significar-se”.

É importante ainda mencionar o que diz Guimarães sobre o funcionamento do nome próprio de pessoa,

Pensar o nome próprio de pessoa nos coloca diante da relação nome/coisa, na qual se considera que se está diante dos casos em que se tem um nome único para um objeto único. Por outro lado, se coloca a questão de que há uma relação particular: o nome único é nome de uma pessoa única. Ou seja, estamos na situação em que o nome está em relação com aqueles que falam, que são sujeitos no dizer. Isto por si só ressignifica a questão da relação nome/coisa, na medida em que a relação é nome/pessoa, nome/falante, nome/sujeito (2017, p. 43).

Como se pode ver em Guimarães (ibidem), por meio da teoria da enunciação, estudar o nome próprio de pessoa recoloca em discussão a questão da relação da linguagem com o mundo e com o sujeito. Nome de pessoa em nossa sociedade, se constitui por nome e sobrenome, no texto da aluna ela menciona que o seu nome dado pelos pais é Natalya Figueredo de Almeida Moreira. Segundo o autor, o sobrenome determina o nome, assim a determinação diz que Natalya pertence à família Figueiredo de Almeida Moreira. Um nome que ela se identifica quando diz “eu amo o meu nome”.

Trazemos aqui dois relatos que nos chamaram a atenção em relação à justificativa das escolhas dos nomes, dentre outras coisas, o da aluna Celine e do aluno Pedro. Vamos ao primeiro.

A escolha do meu nome

Celine Galdino Brito

O ano era 2005, quando minha mãe descobriu que estava grávida de mim, ela teve uma surpresa, porque já tinha quatro filhos: um filho com 5 anos, outra de 10 anos, mais uma de 13 e a mais velha tinha 15 anos. Foi por isso, que minha mãe se assustou porque ia ter mais um filho, e tipo, no meio do desespero, ela queria me abortar, mas aí ela me teve. Eu nasci no ano de 2006, no dia 30 de janeiro, às 11h10 quando ela deu à luz; eu fico grata a ela por me ter e não ter me abortado eu devo muito a minha mãe, pela sua coragem.

Quando meu pai e minha mãe iam escolher o meu nome, eles pensaram em vários nomes tais como: Camila, Kendaly, Kew, Cida, Aline, Celine, mas o que eles gostaram mesmo foi Celine. Minha mãe gostava muito da cantora Celine Dion, e porque era o nome da cantora, famosa, que ela admirava, colocou em mim.

Minha mãe tem o sobrenome Galdino: Marcelene Galdino e meu pai têm Fernandes Brito: Antonio Fernandes Brito. Quando eles foram colocar o meu sobrenome no meu nome, ficou assim: Celine Galdino Brito, eu não sei porque eles não quiseram colocar “Fernandes” mas essa é a história do meu nome.

Quanto ao significado, descobri que GALDINO é de origem italiana e significa “comandante”, BRITO tem origem portuguesa, significa “forte e resistente”. Muito legal esses significados.

Enfim, esta sou eu, Celine Galdino Brito, amo meu nome.

No relato, a aluna dá ênfase a história do seu nome, foram vários os nomes pensados pelos pais, mas prevaleceu o nome Celina, em homenagem à cantora Celine Dion, que a mãe admirava. No caso do aluno Pedro, no relato abaixo, a mãe escolheu por dois motivos, por ser um nome bíblico, o nome do Apóstolo Pedro, e por ser o nome do pai dela, falecido quando ela ainda era criança.

Meu nome é Pedro da Silva Maia Neto

Pedro da Silva Maia Neto

Meu nome é Pedro da Silva Maia Neto, meus pais se chamam Osivan dos Santos Martins e minha mãe Maria Luiza Maia Neta. Meu pai é da região do Piauí, e minha mãe é do Mato Grosso, assim como eu.

Eu tenho 13 anos, tenho 2 irmãos se chamam HesleyWann Maia Martins e minha irmã Heloyza, meu irmão tem 16 anos e minha irmã 20.

A origem do meu nome é por causa do meu avô o nome dele era Pedro da Silva Maia. No meu nome adicionaram só o Neto. O Silva vem do Latim e significa “Selva, Floresta” e o Maia é do Hebraico que significa “mata”.

Os dois nomes são mais conhecidos em Portugal. Minha mãe escolheu também meu nome por causa do Pedro da bíblia que significa pedra. Eu até gosto do meu nome, mas queria Israel, rocha que é a cidade Israel, a cidade escolhida por Deus. Foi minha mãe que escolheu meu nome, outro motivo pelo qual ela escolheu meu nome foi por ela ter perdido o pai dela com 6 anos, ela colocou o nome dele em mim, e meu pai concordou com esse nome.

Eu sou considerado o mais chegado da minha avó materna, agora entendo o porquê, pois meu nome homenageia seu falecido esposo, o qual não cheguei a conhecer. Os meus avôs se chamavam: parte da minha mãe Pedro da Silva Maia Neto e Iracema Amorim Lucas. Por parte do meu pai Osias dos Santos Martins e Maria das Dores.

Enfim, essa é um pouco da história do meu nome e da história da minha família.

A escolha dos nomes Celina e Pedro são determinados por dadas condições de produção, que faziam um sentido na época em que foram nomeadas. Ou seja, o sujeito de direito, os pais, responsáveis por fazer uma escolha, no momento que vincula o nome de seu filho a nomes da moda deixam de escolher, e delegam ao modismo o direito de escolha. Nesse sentido há um apagamento do pai, conforme explica Guimarães, seguindo um viés da Semântica do Acontecimento, ao mencionar os nomes Bruno e Donizete,

O processo enunciativo da nomeação pode, então, envolver lugares de dizer diferentes, o que diz respeito ao fato de que uma enunciação que nomeia pode estar citando enunciações diversas. No caso de Bruno há alguns anos, a enunciação do pai cita a enunciação daqueles que são tidos como modernos, engajados no presente. Lembremos também como muitas crianças chamaram-se Donizete, no Brasil, num certo momento, por causa de um padre cujo sobrenome era Donizete. As nomeações dos pais citam as enunciações que nomearam tal padre Donizete. Isto se dá por um acontecimento que recorta uma outra memorialidade de nomes no espaço da contemporaneidade, o das celebridades. Em oposição a isso se pode ter, e se tem, casos de pais que adotam nomes que parecem não estar disponíveis num certo momento. Neste caso são outras as enunciações citadas. Esta questão mostra, ao mesmo tempo, que nas nomeações podem-se cruzar regiões diferentes do interdiscurso (posições de sujeito diferentes). No caso do nome Bruno a posição de sujeito é a jurídico-liberal, no caso de Donizete cruzam-se duas posições de sujeito, de um lado a jurídico-liberal (aquela da qual se nomeia por obrigação do Estado) e de outro a posição de sujeito religioso. O agenciamento enunciativo específico é afetado pela memória do dizer, pelo interdiscurso (GUIMARÃES, 2017, p. 48-49).

Nos relatos em análise, os nomes dos alunos reportam à diferentes discursividades, que determinaram a escolha desses nomes e não outros. O nome Celina, remete à enunciação que nomeia a cantora famosa Celina Dion, isto se dá por um acontecimento que recorta uma memória de uma celebridade. O mesmo se dá em relação a escolha do nome Pedro, que remete a duas outras enunciações, a do avô e a do apóstolo.

Assim, para a Análise de discurso, é possível dizer que a nomeação dos alunos remete a memória discursiva que é constitutiva do meio familiar de cada nomeado que foram determinantes para escolha desses nomes. Há um memorável da atualidade em relação à celebridade, “Celine Dion”, que estava em seu auge na época da nomeação; e no processo de nomeação do aluno Pedro sofre a interpelação do discurso religioso e do discurso familiar.

Ao manifestar sobre a escolha do seu nome, Celina remete ao interdiscurso dizeres sobre a narrativa do meio familiar e as pesquisas da origem dos nomes. Diz no

seu texto que: “Quanto ao significado, descobri que GALDINO é de origem italiana e significa “comandante”, BRITO tem origem portuguesa, significa “forte e resistente”. Muito legal esses significados. Enfim, esta sou eu, Celine Galdino Brito, amo meu nome”. Percebemos, que o processo de identificação se dá pela relação do aluno com a discursividade que determina o seu nome.

Em relação ao processo de produção dos textos Orlandi (2015, p.76) diz,

Como autor, o sujeito ao mesmo tempo em que reconhece uma exterioridade à qual ele deve se referir, ele também se remete a sua interioridade, construindo desse modo sua identidade como autor. Trabalhando a articulação interioridade/exterioridade, ele “aprende” a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica. A esse processo, chamei (1988) assunção a autoria.”

Percebemos nos textos dos alunos as condições sócio históricas, bem como eles imprimem em seus textos certa subjetividade, ao se posicionar a respeito de seu nome como forma de identificação ou não identificação. Como diz Pêcheux ao afirmar que o fato de se considerar origem do que diz é uma ilusão necessária, esse princípio está em funcionamento na escola quando os alunos ao produzirem seus textos se consideram fonte de seu dizer.

O texto a seguir é um relato que mostra um processo de identificação do aluno com o significado do seu nome. Vejamos:

Um pouco sobre mim

Eduardo Rodrigues de Souza

Era algumas horas da noite quando nasci. O médico saiu da sala de parto e perguntou: Qual é o nome da criança? Mas meu pai não soube responder. Segundos depois o médico retornou a sala de espera e perguntou: Qual será o nome do menino? Talvez seja Wesley ou Eduardo respondeu meu pai. No dia seguinte eu e minha mãe recebemos alta do hospital e ficou resolvido que meu nome seria “Eduardo”.

Eduardo, que nome bonito! Pelo menos eu acho, e você? O meu nome é muito legal, seu significado é “guardião das riquezas”, muito interessante, então tirei a conclusão que eu serei protetor do dinheiro e o defensor dos tesouros, talvez venha a ser um banqueiro.

Então, muito prazer, eu sou Eduardo Rodrigues de Souza! E você, como se chama? É verdade que eu gosto do meu nome. Mas, eu gosto mesmo é dos significados dos meus sobrenomes: Rodrigues significa “rico em glória” ou “senhor da glória”. Ele é de origem portuguesa, esse sobrenome é da época medieval. E também tem o sobrenome Souza, que significa “seixo” ou “pedra” e esse nome é o que eu mais gosto porque eu acho que o significado fala que eu sou forte e estável como uma pedra.

E é isso aí pessoal, isso foi um pouquinho sobre meu nome e meus sobrenomes. Espero que tenham gostado de conhecer um pouco da minha história que está apenas começando, vocês ainda vão ouvir muito falar de mim por aí, então até mais.

Nesse texto percebemos que o sujeito autor estabelece um diálogo com seu leitor, ele faz uma ideia de um leitor imaginário e propõe reflexões à medida que ele mesmo responde seus questionamentos imprimindo seu posicionamento de identificação com seu nome e se projetando para o futuro.

O aluno ao referir-se aos significados dicionarizados referentes ao seu nome remete à memória de leitura, o efeito do arquivo, realizado durante o projeto. Para Pfeiffer (1995, p.74),

Desse modo o aluno imprime sua autoria ao dizer-se, ao produzir sentido em relação ao seu nome. Todo sujeito possui um corpo social discursivo que lhe forma uma memória de leitura (no caso uma memória de leitura) permitindo-lhe que, por exemplo, na prática de leitura e escrita, formule os sentidos que estão em funcionamento (os implícitos, os estereótipos, os não ditos etc.

No texto seguinte, podemos observar também os efeitos do arquivo.

Nome e sobrenome – a história

Graziele Bento Gonçalves

Meu nome é Graziele Bento Gonçalves eu nasci no dia 14 de abril de 2006 aqui mesmo em Campo Verde, meus pais se chamam Maria Cicera Bento de Jaciara e Ezi Pereira Gonçalves da Bahia. A minha família por parte do meu pai veio todos da Bahia e por parte de mãe, todos de Jaciara.

O meu nome Graziele foi escolhido porque meus pais gostavam de uma atriz chamada “Grazi Massafera”, por isso que meu nome é Graziele.

Quando eu conheci a história do meu nome e do meu sobrenome eu achei muito legal e os meus pais acharam bem interessante. O sobrenome Bento é de origem portuguesa e significa “abençoado, bendito louvado” é ele muito difundido na terra de origem e por todo o mundo. Gonçalves é um nome patronímico que tem origem na Era Medieval Gundisalvus forma em latim que surge a partir do germânico, que significa filho de Gonçalo “guerreiro”.

Muita gente pergunta se eu gosto do meu nome, eu respondo que sim, eu gosto, pois, tem 46,991 pessoas com esse nome e o estado que tem mais pessoas com o meu nome é Sergipe, de acordo com os dados do IBGE.

Mas, infelizmente eu já sofri bullying em relação ao meu sobrenome eles me chamavam de “Bentão” eu me sentia muito magoada. Agora que as pessoas pararam de fazer bullying eu sinto que sou uma pessoa livre.

Hoje eu nem me importo das pessoas falarem mal do meu sobrenome por que eu aprendi a gostar dele igual aos meus pais. Eu hoje em dia, apenas agradeço aos meus pais por terem me dado esses sobrenomes que identificam minha família na sociedade.

A aluna no texto mobiliza os dados estudados como a pesquisa do IBGE e demonstra aceitação quanto à popularidade de seu nome, ela traz no seu texto a temática do bullying assunto trabalhado nas aulas e demonstra superação em relação a ter sido

vítima de bullying. A aluna reconhece que seu sobrenome está ligado à história de sua família. Como diz Orlandi (1996) “a pratica escolar deve abrir espaços para a repetição histórica, criando condições para que o aluno possa reconhecer o seu dizer como parte da sua história”.

Foi importante perceber a compreensão que os sujeito-alunos tiveram acerca da produção da coletânea, produziu neles um imaginário de que são autores, produziram textos, publicaram, fazendo circular na comunidade escolar

Para a Análise de Discurso, o sujeito é interpelado pela ideologia e os sentidos são determinados ideologicamente. Como diz Orlandi (2007, 46) “a ideologia faz parte, ou melhor é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para produzir o seu dizer. Para mostrar essa relação do sujeito afetado pela ideologia, trazemos um relato a seguir.

Fatos sobre meu nome e sobrenome

David da Silva dos Santos

Olá, meu nome é David da Silva dos Santos! Quem escolheu o nome foi minha mãe, e a razão dela ter escolhido esse nome é porque ela é evangélica, conhecia a história do rei Davi, na bíblia. Ela gostava das histórias de Davi, por isso colocou esse nome em mim.

Meu sobrenome Silva é comum porque quase 80% da minha família por parte de parte de mãe e de pai tem Silva. Esse sobrenome é o mais comum no Brasil e em Portugal, onde teve origem; ele deriva do Latim que tem o significado de “selva” ou “floresta”; muitos lusitanos incorporaram esse sobrenome como nome próprio.

Quando eu ia ser registrado no cartório, meus pais contam que a atendente escreveu Davidi com “i” no final. O meu pai olhou no computador e falou para a mulher retirar aquele “i”, e a mulher argumentou que ia ficar bonito, porém meu pai insistiu para mudar, e como não era filho dela ela tirou a letra “i”, imprimiu a certidão do jeito que meu pai queria, David, com “d” mudo.

Depois do nome David, vem o sobrenome Santos, que significa “santo ou consagrado”, esse sobrenome vem de origem religiosa e deriva de “sanctus”. Fiquei chocado quando eu soube, pois as pessoas me consideram um menino levado, ou seja, é exatamente o contrário do significado de Santos.

Refletir sobre o sobrenome é interessante, pois quando a mulher casa o sobrenome dela, na maioria das vezes, não vai para o marido e, por conseguinte seus filhos não perpetuam o sobrenome da família, já o homem perpetua o sobrenome da família, isso é bem legal.

Enfim, eu acho que meu nome é comum, respeitado, bonito, legal e eu não tenho nenhum motivo para mudá-lo, mas se eu fosse obrigado a mudá-lo seria Jesus ou Silvano, como não existe uma lei que me obriga a mudá-lo fico com DAVID DA SILVA DOS SANTOS.

Desse texto, recortamos para reflexão o trecho: “Refletir sobre o sobrenome é interessante, pois quando a mulher casa o sobrenome dela, na maioria das vezes, não vai para o marido e, por conseguinte seus filhos não perpetuam o sobrenome da família, já o homem perpetua o sobrenome da família, isso é bem legal”.

Para produzir sentido sobre o sobrenome de família, o aluno sofre a interpelação da ideologia ao dizer que a mulher ao casar recebe o nome do marido, deixando de

perpetuar o seu nome de família. Esse modo de mudança de nome pelo casamento é estabelecido juridicamente na sociedade, e assim a mulher durante muito tempo adotava o sobrenome do marido. Como se pode ver, a lei é determinada pela ideologia machista, e o aluno, por ser menino, é atravessado por essa discursividade ao dizer: “já o homem perpetua o sobrenome da família, isso é bem legal”.

O nome do homem na sociedade tem valor para posteridade, enquanto a mulher se apaga na história, durante muito tempo as mulheres tinham a obrigatoriedade de adotar o nome do marido de acordo com o Art. 240 do CC/16, depois a mulher pode acrescentar o sobrenome do marido ao seu conforme a lei 6.015/73, e foi apenas alterado a partir do Novo Código Civil 10.406/2002 onde prevê no Art. 1.565 §1º- “Qualquer dos nubentes, querendo, poderá acrescentar ao seu o sobrenome do outro”. Ou seja, atualmente as mulheres podem optar por acrescentar ou substituir um de seus sobrenomes pelo do cônjuge ou ficar com seu nome sem alteração e vice versa. Dessa forma, vimos o discurso jurídico se instituindo pelo princípio de igualdade dos cônjuges. Embora, mesmo com a mudança da lei, a tradição permanece, pois na maioria dos casos as mulheres ou permanecem com seu nome, ou optam em acrescentar o sobrenome do marido.

O sobrenome do marido é atribuído aos filhos, que serão pais e perpetuarão a tradição de colocar seus sobrenomes nos próximos filhos. Isso significa que no momento de registrar uma criança a ordem geralmente é primeiro o sobrenome da mãe e depois o do pai. Que o filho homem levará para outras gerações. Essa é uma das heranças que recebemos de nossa sociedade machista.

Quando o aluno coloca seu posicionamento ele o faz na condição de ter vantagem em relação à mulher, por ter nascido homem tem como perpetuar seu sobrenome, sua história em detrimento da mulher. Esse discurso machista ainda é muito forte na sociedade, é constitutivo da nossa história. O aluno se coloca no texto ao dizer sua opinião, bem como quando se identifica com o seu dizendo que seu nome é “comum, bonito, respeitado, legal”.

Em relação à experiência da escrita e reflexão sobre a produção dos textos, os alunos perceberem que o texto tem começo, meio e fim, que muito embora eles pudessem explicar para o professor o que eles queriam dizer não estava explícito no texto, muitas vezes eles pediam para o colega ler e ver se entendeu, outras vinham até a professora e perguntava se estava compreensível. Os alunos em sua maioria conseguiram dar uma ideia de fecho para seus textos, observamos também que eles se responsabilizaram pelo que estavam dizendo, assumindo o dizer como seu, um efeito imaginário, mas necessário.

Desse modo, compreendemos que todo esse processo de leitura, de construção de arquivo, de criar espaços de significação foram de suma importância para o processo de assunção da autoria. Pois segundo Gallo (1992, p. 58),

A assunção da autoria pelo sujeito, ou seja, a elaboração da Função-autor consiste, em última análise, na assunção da “construção” de um “sentido” e de um “fecho” organizadores de todo o texto. Esse fecho” torna-se “fim” por um efeito ideológico produzido pela “instituição” onde o texto se inscreve: o efeito que faz parecer “único” o que é “múltiplo”, “transparente” o que é “ambíguo”.

Assim, podemos dizer, que os alunos ao explicitarem sobre a história de seus nomes remeteram o seu dizer ao interdiscurso da historicidade de sua família, das práticas desenvolvidas em sala, das pesquisas realizadas. Então o que é múltiplo, torna-se único pelo efeito de fecho.

ALGUMAS PALAVRAS – EFEITO DE FECHO

Desenvolver esse projeto me colocou em uma posição que jamais pensei estar hoje, pois hoje leio as situações sobre outro prisma, a Análise de Discurso nos desestabiliza, pois ao tentarmos relacionar o discurso com suas condições de produção sócio históricas e ideológicas, nos coloca em um lugar que nunca mais conseguiremos olhar para a língua como evidente.

Essa teoria nos sacode, nos impulsiona a observar o não dito no dito, as contradições e os equívocos que são constitutivos da linguagem, sempre haverá outras possibilidades de sentidos, mas não todos, os silenciamentos, os deslizamentos de sentido. Assim me coloco em posição de vigilância em relação a tudo que está a minha volta, sociedade, escola, alunos, grupos familiares, amigos enfim a tudo que me cerca.

Percebi que o ensino de Línguas (no meu caso Língua portuguesa e inglesa) não deve ser pautado em cima de leitura de texto com o pretexto para ensinar gramática, que o sentido não está no texto, que não devo controlar os sentidos, muito pelo contrário, devo criar espaços de significação para que o aluno possa produzir sentidos. Esse foi um importante passo para eu repensar minha prática, repensar minha postura que até então era de fornecer conhecimento, ao invés de dar abertura para esse aluno construir seu conhecimento, perceber que os sentidos não estão prontos, mas estão sempre em relação a, como diz Orlandi.

Durante o desenvolvimento do projeto nos deparamos com muitas descobertas, alegrias e tristezas. Muitas vezes tivemos aulas adiadas dado a eventos na escola, datas comemorativas, e devido eu ter que me internar com minha “mãezinha” que estava com câncer terminal e veio a falecer. Nesses momentos pensei que não seria possível concluir esse projeto, mas os alunos, professores e a escola foram meus parceiros, me ajudaram no sentido de darem apoio, com cedência de aulas, ajuda na noite de autógrafos e em muitos outros sentidos.

Creio que para os alunos foi uma experiência única que marcou suas histórias e de suas famílias, muitos pais elogiaram o projeto pois sentiram-se parte dele. Os alunos saíram do lugar daquele que recebe um conhecimento pronto, para aquele que pode construir conhecimento, ou seja, o conhecimento não está apenas no livro didático, nos dicionários, no livro, no texto lido, o conhecimento é plural, vai muito além dos instrumentos pedagógicos. Enfim, o conhecimento está no sujeito, na cidade, no mundo, no movimento do sujeito consigo mesmo, com os outros, com a história.

Ressaltamos que durante todo o projeto foi dada abertura para que os alunos opinassem sobre as etapas, e algumas delas foram modificadas devido as boas sugestões dadas pelos sujeitos-alunos, o que foi de substancial importância para o envolvimento deles.

Percebemos que os alunos foram se constituindo no processo de autoria, autoria aqui entendida como vínculo entre autor e texto, na origem da textualidade, não em relação ao inédito, cientes de que a autoria é uma prática em processo, ela é processual, não ocorre em um único texto, à medida que eles participavam oralmente, através da escrita e produção de desenhos eles se responsabilizavam pelo seu dizer, obedecendo ao princípio de coerência, progressão, não-contradição, início e ideia de fecho, significando-se e produzindo sentidos múltiplos, isso se deu ao longo do percurso, e ainda há muito para ser feito em relação à prática de conhecimento de Língua Portuguesa que por esse viés se faz de forma sócio, histórica e discursivamente.

Certos que esse projeto é apenas a ponta de um iceberg, há muito a ser estudado. Os sujeitos alunos imergiram no processo de pesquisa, de si mesmos, do outro, do social, do previamente estabelecido, do jurídico, perceberam que os sentidos não estavam prontos, perceberam a opacidade da linguagem e emergiram em sujeitos que têm liberdade de expor seus pontos de vista, foram vistos como seres pensantes, não receptáculo de conhecimento. Ou seja, essa temática e o modo como nos propomos a trabalhar discursivamente as práticas de linguagem, em que o aluno se deslocou da posição sujeito aluno que só recebe um conhecimento pronto, para produzir, junto com o professor, o conhecimento, foi extremamente importante para o processo de ensino/aprendizagem da língua.

Os alunos passaram a se posicionar em sala de aula, contribuir com a reflexão dos nomes, questionar, concordar, discordar. Nesse sentido, podemos dizer que pela perspectiva teórica que trabalhamos, criamos condições para que fosse possível ao aluno assumir-se autor.

Nesse momento em que concluímos o nosso trabalho na escola respaldado pelos nossos professores, concluído a nossa qualificação, a Universidade nos devolve para sala de aula na certeza de ter cumprido o seu papel. E nós temos uma grande expectativa de que há muito a ser feito em prol da qualidade do ensino da oralidade, leitura e da escrita, mudado com o olhar da teoria da Análise de Discurso, ao qual me filio, os rumos do ensino de língua, fazendo uma diferença no fazer pedagógico lá no chão da sala de aula

de forma cooperativa e não mais individualizada. Com outra percepção do outro, do espaço escolar, do sujeito-aluno, e da sociedade.

Porém estamos cientes de que esse projeto é apenas um começo, porque ele tem muitas outras possibilidades que vão além do produto final, ele pode se estender para muitas outras áreas de pesquisa e que muito ainda precisa ser feito. Assim como outras ideias vão me surgindo para o trabalho com a leitura e escrita nos próximos anos letivos. A professora que iniciou esse curso de Mestrado foi ressignificada à medida que caminhou, à medida que os conceitos foram tomando corpo e se fortalecendo na prática. Percorrer esse trajeto de reformulação do fazer pedagógico, não é um processo fácil, pois estamos acostumados com as velhas práticas, com os velhos formatos, e por isso é um processo doloroso, pois as mudanças requer de nós coragem e estar ancorado em uma teoria para ter uma prática mais consciente é um processo libertador, que primeiro atinge o professor, depois o sujeito aluno.

REFERÊNCIAS

AULETE, F. J. C. **Minidicionário Contemporâneo da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

A origem do sobrenome. Disponível em: brasilecola.uol.com.br/curiosidades/a-origem-sobrenome.htm Acesso em 06 de junho de 2018.

BANDEIRA, M. **Gente tem nome**.

<https://aulasprofgilberto.blogspot.com/2010/10/poema-de-pedro-bandeira-o-nome-da-gente.html>. Acesso em 20/04/2018.

BÍBLIA DA MULHER. **Sociedade bíblica do Brasil**. 2 Ed. Barueri, SP.1993.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Nomes de pessoas**. Disponível em: 2017. Acesso em: 10/03/2018.

BOLOGNINI, C.Z. (Org.) **A língua portuguesa: novas tecnologias em sala de aula**. 1 ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014

BOLOGNINI, C. Z.; PFEIFER, C.; LAGAZZI, S. (Orgs.) **Práticas de linguagem na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

BUSCACIO, L.L. Mario de Andrade, um nome, um arquivo, um acontecimento. In: SCHERER, A. SOUZA, L. MEDEIROS, V., PETRI, V. (Orgs.) **Efeitos da língua em discurso**. 1. Ed., São Carlos, SP: Pedro e João editores, 2019.

CABRAL HAYASHIDA, S. R. de A. **Periódicos científicos: a produção e circulação da ciência da linguagem no Brasil**. 2012. 287 f. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. (Tese de Doutorado).

CAVALHINHOS, P.J. **As origens dos nomes de pessoas**. 2007.1980-5799. Revista Álvares Penteadado, v.2, nº 5, 2000

CAZARIN, A.E. Identificação e representação política: o intrincamento desses dois processos. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 52, p. 16-27, julho, 2007. Disponível em:www.online.unisc.br. Acesso em: 12 de agosto 2018.

CONEIN, B., COURTINE, J., GADET, F., MARANDIN, J., PÊCHEUX, M. (Orgs.) **Materialidades discursivas**. 1 ed. Campinas, SP: Unicamp Editores, 2016

CORACINI, M.M. **O jogo descursivo na aula de leitura**. 1. Ed. Campinas, SP: Pontes editores, 1995

CUNHA, L.J. O processo discursivo de designação de pessoas: a determinação histórico-social do nome próprio. In: BOLOGNINI, C.Z.(org.). **A língua inglesa na escola**.1 ed., Campinas, SP:Mercado das letras, 2008.

Dicionários de nome próprio. Disponível em www.dicionariodenomeproprio.com.br

ESCOLA ESTADUAL LEDY ANITA BRESCANCIN. **Projeto Político Pedagógico** (PPP). Campo Verde, 2015. Documento interno da escola.

FARIA, V. **Campo Verde**. Disponível em: [http:// www.campoverde.mt.gov.br](http://www.campoverde.mt.gov.br). Acesso em 15 de abril de 2018

FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**, 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.

GALLO, S. L. **O ensino da língua escrita x o ensino do discurso escrito**. 1989. 148 f. Dissertação (Mestre em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

GALLO, S. L. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento: Um estudo enunciativo da designação**. 4.ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

GUIMARÃES, E. **Semântica - enunciação e sentido**. Campinas-SP: Pontes, 2018.

GUIMARÃES, E. **Política de línguas: Língua oficial**. Enciclopédia Brasileira de Línguas. [http://www. Labeurb.unicamp.br/elb/português/língua_nacional.htm](http://www.Labeurb.unicamp.br/elb/português/língua_nacional.htm). Acesso em 10 de abril, 2006

HASHIGUTI, Simone T. Nas teias da leitura. In: BOLOGNINI, Carmen Zink; PFEIFFER, Cláudia; LAGAZZI, Suzy (Orgs). **Discurso e ensino: práticas de linguagem na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011.

INDURSKY, F. Estudos da linguagem: língua e ensino. Revista **Organon**. v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: www.seer.ufrgs.br. Acesso em: 02 março. 2018.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. M. Texto e autoria. In: LAGAZZI-RODRIGUES, S. M.; ORLANDI, E. P. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. 3. ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 89-113

MAGALHÃES, B. e MARIANE, B. Processo de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente (Anais eletrônicos) **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, maio/agosto 2010, p. 391-408 disponível em: <http://www.scielo.br> Acessado em: 10 de abril de 2018.

MELO. Andreia C. A, S. Nomes próprios e designação por apelido: funcionamento semântico enunciativo. In. MOTTA, Ana Luiza A. R., MACEDO-KARIM. Jocineide, BRESSANIN, Joelma Aparecida, ZATTAR, Neuza, KARIM, Taisr M. (Orgs.). **Conhecimento Linguístico estado e sociedade – um debate na pós-graduação**. Campinas: Pontes, 2014.

Nomes estranhos, engraçados registrados em cartório. Disponível em: <http://www.interneta.com/2010/08/nomes-estranhos-engracados-registrados-cartorio.html> acessado em: 27/07/2018

MENEZES, L.C. Para que serve a escola? In **Pátio Revista Pedagógica**, ano x, nº39. Editora Artmed, 2006.

NUNES, J.H. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

NUNES, J. H. Dicionários: história, leitura e produção. **Revista de Letras** da Universidade Católica de Brasília. Vl. 3, N. 1/2, Ano III, dez/2010.

NUNES, J. H. **A cidade enquanto objeto do discurso enciclopédico** In: RUA [online]. 2014, Edição Especial - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

ORLANDI, Eni P. Texto e discurso. **Organon**. V. 9, nº 23, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29365>

ORLANDI, E. P. (Org.). **A leitura e os leitores.** Campinas: Pontes, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura.** 5ª ed.- SP, Cortez, Campinas: SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2008. (Coleção passando a limpo).

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 6.ed.Campinas, SP: Pontes, 2011.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** 6ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, E. de L. P. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos.** 4. ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, E. de L. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, E. de L. P. Análise de discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, S. M. **Discurso e textualidade.** 3. ed., Campinas, SP: Pontes Editores. 2015b. p. 13-35.

ORLANDI, E. de L. P. **Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia.** 3. ed., Campinas, SP: Pontes, 2017.

ORLANDI, E, de L.P. **Historicidade, Indivíduo e Sociedade: O sujeito na Contemporaneidade.** In: III SEAD. Anais... 2007. Disponível em: 20 de março de 2018.

PACIFICO, M.R., ROMÃO, L. M. S. **Leitura e escrita: no caminho das linguagens.** 1.ed., Ribeirão Preto, SP: Alfabeta, 2007.

PECCI, A. F. **Gente tem sobrenome.** Disponível em: www.vagalume.com.br/toquinho/gente-tem-sobrenome. Acessado em 18/05/2018.

PÊCHEUX, Michel. (1975) **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução Eni Orlandi 3ª. edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Tradução de Eni de L. P. Orlandi. 7. ed., Campinas, SP: Pontes, 2015.

PFEIFFER, Claudia. **Que autor é este?** Dissertação de Mestrado. IEL Unicamp. Campinas-SP, 1995. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270699>.

PFEIFFER, C. C. O leitor no contexto escolar. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **A Leitura e os leitores.** 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2003. p. 87- 104.

PFEIFFER, C. C. O leitor no contexto escolar. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **A Leitura e os leitores.** 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2003. p. 87- 104.

PFEIFFER, C. C. **O saber escolarizado como espaço de institucionalização da língua.** In Eduardo Guimarães e Mirian Rose Brum-de-Paula (org.) Sentido e Memória. Campinas, SP: Editores, 2005.

PEREIRA, R. L. **Um texto sobre meu nome.** Disponível em: [www medium.com.br](http://www.medium.com.br) acesso em: 20 de março de 2018.

SANTOS, J. **Campo Verde: a cidade da gente.** 1 ed.São Paulo, SP: Olhares Editora,2015.

SARIAN, M. C. **A injunção ao novo e a repetição do velho:** um olhar discursivo ao Programa Um Computador por Aluno (PROUCA). 2012. 274 f. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

Significado dos nomes. Disponível em: www.significado.origem.nom.com.br>acesso em: 05 de novembro 2017

SOUZA, L.M.T.M. O conflito de vozes na sala de aula. In CORACINI, M.J. **O jogo discursivo na aula de leitura.** (Org.) 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

TURCI, E. **Escravidão no Brasil: A resistência de africanos e descendentes.** Disponível em: www.educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/escravismo-no-brasil-a-resistencia-de-africanos-e-descendentes.htm. Acessado em 27/07/2018.

Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em: www.portaldoprofessor.mec.gov.br Acesso em 24 de dezembro de 2017.

RAMOS, M. **Vida Maria.** Curta-metragem. Ceará, CE: Trio Filmes, 2006. Disponível em: www.portacurtas.org.br/filme/?name=vida_maria acesso em 24 de março de 2018.

SOUZA, S. A. F. Para quem é o discurso pedagógico? In: RODRIGUES, Eduardo Alves; SANTOS, Gabriel L. dos; BRANCO, Luiza K.A. Castello (Org). **Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre**. Uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas: Editora RG, 2011. p. 467-481.

Trabalhando identidade porque temos sobrenome. Disponível em: [www.opet.com.br/facultade/revista/praxis/pdf/n8/trabalhando identidade porque temos sobrenome](http://www.opet.com.br/facultade/revista/praxis/pdf/n8/trabalhando%20identidade%20porque%20temos%20sobrenome). Acesso em: 10 de julho de 2018

TFOUNI, L.V. **Letramento, escrita e leitura: questões contemporâneas**. 1.Ed., Campinas. SP: Mercado das Letras, 2010.

Um texto sobre o meu nome. Disponível em: <<http://medium.com.br>> acesso em: 20 de março de 2018.

ZOPPI-FONTANA, Mônica G. **Violência contra a mulher: a força das práticas simbólicas**. Práticas discursivas de legitimação e resistência. 2011. Hora de debate. Projeto Conexão Linguagem. Unicamp. Disponível em: <<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/bitstream/handle/mec/16892/Guia%20MULHER-2-Soft-novos%20%281%29.pdf?sequence=3>>.

WEBGRAFIA

www.bbcbrasil.com.br (Acesso em 10 de maio de 2018).

www.dicionariodenomeproprio.com.br (Acesso em 05 de novembro de 2017).

www.interneta.com/2010/08/nomes-estranhos-engracados-registrados-cartorio.html (Acesso em 27/07/2018)

www.planalto.com.br (Acesso em 12 de abril de 2018).

www.portaldoprofessor.mec.gov.br (Acesso em 24 de dezembro de 2017).

www.significado.origem.nom.com.br (Acesso em 05 de novembro 2017).

[www.opet.com.br/facultade/revista/praxis/pdf/n8/trabalhando identidade porque temos sobrenome](http://www.opet.com.br/facultade/revista/praxis/pdf/n8/trabalhando%20identidade%20porque%20temos%20sobrenome) (Acesso em 10 de julho de 2018).

www.brasilecola.uol.com.br/curiosidades/a-origem-sobrenome.htm (Acesso em 06 de junho de 2018).

www.interneta.com/2010/08/nomes-estranhos-engracados-registrados-cartorio.html (Acesso em 27/07/2018).

ANEXOS I

Nome da gente

Por que é que eu me chamo isso
e não me chamo aquilo?
Por que é que o jacaré
não se chama crocodilo?

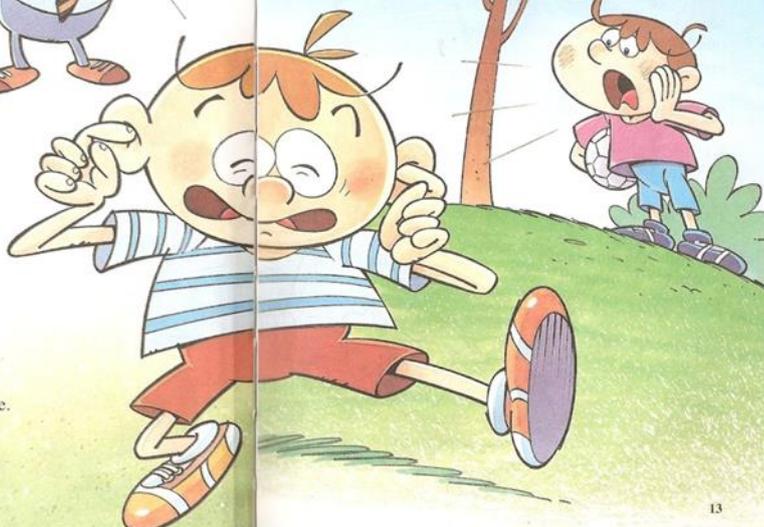
Eu não gosto
do meu nome,
não fui eu
quem escolheu.
Eu não sei
porque se metem
com um nome
que é só meu!

O nenê
que vai nascer
vai chamar
como o padrinho,
vai chamar
como o vovô,
mas ninguém
vai perguntar
o que pensa
o coitadinho.

Foi meu pai quem decidiu
que o meu nome fosse aquele.
Isso só seria justo
se eu escolhesse
o nome dele!



Quando eu tiver um filho,
não vou pôr nome nenhum.
Quando ele for bem grande,
ele que procure um!



ANEXO II

Escravidão no Brasil: A resistência de africanos e descendentes

Érica Turci

Entre os séculos XVI e XIX, milhares de africanos foram feitos prisioneiros em suas terras natais e levados para servir como mão de obra escrava em diversas regiões do mundo, principalmente nas Américas. Tratados como uma mercadoria, negociados de feira em feira, aprisionados em barracões e em porões de navios negreiros, esses indivíduos sofriam com a fome, com a sede e com as inúmeras doenças que contraíam, devido à subnutrição e às péssimas condições de higiene nas quais eram obrigados a viver.

Ao chegarem aos seus destinos, em terras muito distantes, eram novamente trancafiados em outros barracões. E ali esperavam seus compradores, ou seja, os seus novos senhores.

Os escravos africanos no Brasil

A sociedade escravista brasileira necessitava de mão de obra para a lavoura e a mineração. Para suprir esse mercado, a maioria dos escravos africanos negociados aqui eram homens e tinham entre 15 e 30 anos de idade.

Um problema que os escravos recém-chegados encontravam era saber se comunicar, principalmente para entender as ordens que recebiam. Os escravos que ainda não sabiam falar o português eram chamados de *boçais*. Os que já tinham algum conhecimento da língua eram chamados de *ladinos*. Existiam também os *crioulos*, que eram os escravos nascidos no Brasil e, portanto já estavam integrados à cultura local.

Assim que chegavam aqui, os escravos perdiam o direito de usar o seu nome africano e de praticar as suas antigas tradições. Eram batizados segundo a fé católica e recebiam nomes portugueses, como João, Joaquim, Maria. Por isso suas origens acabaram sendo apagadas dos registros históricos.

Ainda hoje, os pesquisadores têm dificuldade para identificar que grupos - das milhares de etnias africanas - chegaram ao Brasil, já que recebiam o nome do porto africano por onde tinham sido embarcados. Os principais portos eram da Costa da Mina, de Luanda, de Benguela e de Cabinda. E assim os escravos passavam a ser chamados de Mina, Congo, Angola, Benguela, Cabinda. Por exemplo: Maria Mina, José Cabinda.

Hoje sabemos, por exemplo, que pelo porto de Luanda - de onde saiu a maior quantidade de escravos para o Brasil - embarcaram as etnias dembos, ambundos,

imbangalas, lundas e diversas outras. Os africanos eram tratados como se fossem um único povo, cuja cultura era considerada "inferior". Por isso eram obrigados a trabalhar em situações degradantes, vivendo de forma precária, sendo punidos com violência caso não cumprissem as ordens que lhes eram dadas. Existiram exceções a essa regra?

Sim. Alguns africanos conseguiram viver em melhores condições, outros até mesmo chegaram a ter escravos seus. Mas foram poucos. A regra era: submissão, exploração, desrespeito, humilhação. De qualquer forma, os africanos e os seus descendentes foram se tornando brasileiros: aprenderam a língua e passaram a seguir (ao menos aparentemente) os padrões culturais que lhes era imposto. Mesmo por que precisavam sobreviver à nova condição em que se encontravam: eram escravos numa terra distante, e não tinham nenhuma possibilidade de retornar à África.

A resistência dos escravos

Muitos escravos não aceitavam a vida que lhes era imposta e resistiam de diversas formas: suicidavam-se, não cumpriam as ordens que recebiam, assassinavam seus senhores, fugiam, rebelavam-se. Alguns africanos sofriam uma depressão profunda, chamada de *banzo*, o que podia levar a morte por inanição.

Os senhores de escravos tinham horror a qualquer tipo de resistência, pois além de temerem por suas vidas, temiam perder todo o dinheiro investido na compra do seu escravo. Muitos escravos fugitivos se organizaram em quilombos. Na África, o *kilombo* era um acampamento militar dos jagas (guerreiros imbangala), e aqui no Brasil se tornou uma comunidade que se organizava para resistir à sociedade escravista.

O mais famoso quilombo foi o dos Palmares, fundado na Serra da Barriga, na então capitania de Pernambuco (hoje Alagoas), no século 17, mas existiram centenas de quilombos por todo território brasileiro. Na província de São Paulo, por exemplo, um dos maiores quilombos foi o do Jabaquara, foi fundado no século 19 na serra de Cubatão.

Alguns escravos fugiam por um tempo, mas retornavam ao seu senhor em troca de melhores condições de vida. Havia também escravos que fugiam e tentavam a sorte em outra região, dizendo ser um liberto. Outra forma de resistência era o assassinato do senhor ou de funcionários, como o feitor, por exemplo. Nesse sentido é interessante observar a definição que a Enciclopédia Larousse traz para a guiné: *Planta herbácea, perene, com característico odor que lembra o alho. As raízes tem propriedades antiespasmódicas, abortivas, sudoríficas, diuréticas, anti-reumáticas, mas em doses elevadas podem provocar a morte. Os escravos conheciam o efeito tóxico dessa planta e chamavam-na de "amansa-senhor".*

Durante os quatro séculos em que a escravidão existiu no Brasil, muitas rebeliões ocorreram, mas pouco se conhece sobre elas, já que nessa época as autoridades máximas eram os próprios senhores de escravos, e poucos deles registraram esses episódios. A rebelião de escravos que mais teve repercussões foi a Revolta dos Malês, em 1835 na Bahia.

Os africanos resistiram e se impuseram de diversas formas, legando-nos, por exemplo, palavras do nosso vocabulário, pratos de nossa culinária, festas populares, crenças religiosas, instrumentos musicais. A transmissão de seus valores culturais talvez seja a mais importante forma de resistência dos africanos, que não se renderam aos padrões que lhes foram impostos. Os africanos e seus descendentes participaram da construção do Brasil e do povo brasileiro, e não podemos pensar a nossa cultura sem entender (e reverenciar) a nossa herança africana.

Érica Turci é historiadora e professora de história formada pela USP.

Bibliografia

FRAGA, Walter e ALBUQUERQUE, Wlamyra R.. Uma história da cultura afro-brasileira. São Paulo: Moderna, 2009.

LOPES, Nei. História e cultura africana e afro-brasileira. São Paulo: Barsa Planeta, 2008.

MAESTRI, Mario. O escravismo no Brasil. São Paulo: Atual, 1994.

MATTOS, Regiane A.. História e cultura afro-brasileira. São Paulo: Contexto, 2007.

SLENES, Robert W.. Senhores e subalternos no Oeste Paulista. In: História da Vida Privada no Brasil, vol. 2. Org.: Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997.

SOUZA, Marina de Mello. África e Brasil africano. São Paulo: Ática, 2005.

Disponível em: educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/escravismo-no-brasil-a-resistencia-de-africanos-e-descendentes.htm (Acesso em 27/07/2018).

ANEXO III

Um texto sobre o meu nome

Leonardo

O ano era 1986. Eu nadava à toda velocidade, literalmente lutando pela minha vida, ultrapassando adversários e superando obstáculos com a determinação de quem sabe que só tem uma chance. Não guardo qualquer memória dessa competição, mas ao menos carrego há 29 anos a certeza de que saí vitorioso, deixando para trás algo entre 200 milhões e 500 milhões de competidores. A corrida durou segundos, mas, quando terminei, estava tão exausto que passei nove meses só descansando e comendo, sem vontade de fazer mais nada. E o pior é que, ao final da hibernação, eu continuava sem vontade de me mexer. Não sei se ainda era cansaço ou só teimosia mesmo, só sei que o médico se encheu e deu a ordem: "Tragam-me o fórceps!"

O destino é curioso. Se uma coisa ou outra tivesse saído do roteiro naquela corrida esta redação talvez nem seria digitada. Se fosse, levaria assinatura da Juliana, porque era esse o nome que a minha mãe havia escolhido para o caso de eu não ser eu, e sim ela, a tal da Juliana. Mas como fui eu o glorioso, o maioral, o melhor entre os melhores, ganhei a graça de

Leonardo

Mas não apenas Leonardo. Minha mãe achou que nome simples era coisa simples demais e me deu uma composição que achei estranha durante boa parte da minha adolescência. Assim, depois do Leonardo existe um

Renan

Bom, obviamente tenho um sobrenome. Um português, sabe-se lá de quem. No fim de tudo, depois do Leonardo e do Renan, está lá o tal do

Pereira

Leonardo Renan Pereira. É assim que eu me conheço desde sempre, e nunca pensei que meu nome pudesse ser diferente, apesar de a minha mãe ter considerado a hipótese de me registrar Leonardo *Vinicius* Pereira. Ainda bem que mudou de ideia.

A maioria das pessoas me conhece por aí apenas como "Leo" (sem acento, por favor), mas, na internet, se achar um texto meu, seja reportagem ou artigo, você vai notar que no trabalho eu fico mais sério e exijo ser lido "Leonardo Pereira". E, como blog é autopromoção, **esta Pera** de certa forma faz parte do trabalho, então aqui também quero ser visto como um sujeito de dois nomes: o primeiro e o último.

Só que eu não tenho dois nomes, tenho três. E a Luzia Pereira, minha mãe—ela, sim, dona de um nome que tem apenas dois nomes—, fez questão de chamar atenção para esse fato assim que lhe mostrei, orgulhoso, minha primeira produção autoral:

Mas cadê o Renan?!

Fiquei ouvindo isso até março de 2012, quando resolvi criar um registro ambulante de que TEM UM RENAN NO MEIO DO NOME. É claro que o tatuador estranhou quando me ouviu dizer que queria eternizar a frase, ele nunca entenderia que meu braço serviria para cumprir capricho e acalmar a velha—logo ela, que nem de tatuagem gostava até ver o meu braço ensanguentado pela homenagem. O tatuador também não entenderia que havia ali uma brincadeira com o "tinha uma pedra no meio do caminho" do Carlos Drummond de Andrade. A mãe sempre me disse que gostava do poeta, mas nós dois sabemos que ela gosta mesmo é do *Para Sempre*, porque lá o Drummond fala de mães. Eu, que nem sou chegado a esse tipo de escrita, adoro o *Poema da Necessidade*.

Eu tenho algumas frescuras com meu nome. Aliás, frescuras essas que começam com a própria Luzia, uma das únicas pessoas no universo a me chamar de Leonardo. Diz que gosta do nome, portanto, faz questão de usá-lo; e a rara concessão que ela faz é me chamar vez ou outra de "Le", o que é bem engraçado, tendo em vista que meu nome é Leonardo, e não Leandro. Inclusive, foi bom ter chegado a esse ponto. Assim como confundem o Luzia com *Luiza*, as pessoas insistem em me chamar de *Leandro*, e poucas coisas me irritam mais do que ser chamado de Leandro.

Uma vez, quando labutava em chão de fábrica, arrumei encrenca com o chefe do meu chefe porque ele insistia em errar o nome que estava escrito no meu crachá. Um dia, cansado do descaso, fiz pirraça e resolvi ignorar o homem, que passou a andar pra lá e pra cá atrás de mim, perseguindo o Leonardo enquanto chamava pelo Leandro. Por fim, ele se enervou e perguntou se eu não conseguia ouvi-lo. Apontando o dedinho indicador para o crachá, respondi perguntando se ele não sabia ler.

Mais recentemente, mandei e-mail para uma assessora de imprensa chamada Maria que, mesmo vendo o "leonardo" antes do arroba, me deu a resposta como se estivesse falando com um *Leandro*. Pois eu, que não sou nenhum Leandro, trepliquei chamando a mulher de *Mariana*. A birra fez efeito, porque o e-mail seguinte veio com meu nome certinho, contendo as oito letras que compõem um bom Leonardo.

O chefe do chefe se desculpou humildemente e nunca mais errou. O seu subordinado direto, que era meu chefe direto, me chamava de Leo, e aqui partimos para mais uma das

minhas peculiaridades com nome: eu odeio que usem o "Leo" para forçar intimidade, então sempre que um assessor que nunca havia falado comigo me chama dessa forma eu fico puto instantaneamente. Porém, abro uma exceção involuntária para os chefes. Talvez por considerar que o meu prefixo expressa proximidade e confiança, me sinto bem quando ouço os supervisores dizerem "Leo", e nem importa se for logo no nosso primeiro contato. Curioso, não? Fico com a impressão de que eles acreditam no meu potencial, de que me querem por perto, e eu gosto muito de ser uma peça importante da engrenagem. Mas dói um bocado quando usam o tal do Leonardo, porque sei que boa coisa não fiz.

Além da minha mãe, só recordo outra pessoa que prefere o nome inteiro, e acho que nunca a vi me chamar de Leo. Seu nome é Joyce, ela é a amiga que me apresentou à Laís (♥). E houve somente um indivíduo, em 29 anos de história leonardiana, que botou o Renan no holofote. Foi na escola, quando eu cumpria o noturno do ensino médio: por haver outro Leonardo na minha sala (um sem nome composto), aquele professor entendeu que seria menos confuso se eu passasse a ser chamado de Renan. E assim foi; por um ano inteirinho eu fui meu segundo nome (mas numa única aula).

Perguntei agorinha à Luzia o porquê dos nomes e a resposta foi a mais simples possível: *O nome Leonardo porque gostei. [O] segundo nome foi porque queria dois nomes*

Aí ela fez questão de lembrar que Leonardo significa "valente como um leão" e que Renan tem alguma relação com foca. O Renan também pode ser interpretado como "amigo", "companheiro" e "misterioso", e há mesmo algo de misterioso nisso tudo. Basta ligar os pontos: primeiro porque eu nasci num período que me faz pertencer ao signo de leão, o que combina com meu primeiro nome; e segundo porque eu me tornei jornalista. Sabe de que apelido chamam um jornalista em início de carreira? De foca.

Ou seja: sou Leonardo Renan por escolha de mãe e de destino. E o Pereira? Bom, esse aí é herança, consequência, mas faz parte, também. Ajuda a compor o clubinho Leonardo Renan Pereira.

Disponível em: <<http://medium.com.br>> acessado em: 20 de março de 2018

ANEXO IV



ESCOLA ESTADUAL LEDY ANITA BRESCANCIN

PROFESSORA: CLÉIA DO NASCIMENTO MORAIS ANDRADE

TURMA: 7ºA - 2018

Equipe

ESCOLA ESTADUAL LEDY
ANITA BRESCANCIN

Diretora:

Claúdia Beatriz Coimbra de Godoi

Coordenação Pedagógica:

Prof. Rogerio Silva Fonseca

Prof. Wesley Luciano Ferreira Barbosa

Profa. da Disciplina:

Profª Cléia do Nascimento Morais Andrade

Imagem da Capa:

Aluno: Dielison Henrique Silva Paula

Ano: 2018

Idealização: Projeto de Intervenção
produzido no Programa de mestrado
Profissional em Letras
PROFLETRAS/UNEMAT/Cáceres-MT

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Raquel
de Almeida Cabral Hayashida

Diagramação: Gráfica Tigre

Impressão: Gráfica Tigre

Patrocínios: 2º Serviço Registral Notarial
Nesken Comarca de Campo Verde

Tableiã: Izilda Alves Fernandes
Kahlil Emmanuel Alves Fernandes

Autores

Alunos 7º A/2018

Alerff Pedroso da Silva

Ana Clara Nunes Leal

Ana Carolina Torres da Silva

Ananda Cristina Costa Xavier

Bruna Rodrigues da Silva Oliveira

Camila Emily da Silva

Celine Galdino Brito

David da Silva dos Santos

Dielison Henrique Silva de Paula

Eduardo Rodrigues de Souza

Geovanna Cristina R. Alves Coelho

Geovanna de Brito Silva

Graziele Bento Gonçalves

Henrique José Trajano

Ivan Camargo de Siqueira

Jaianne Vitoria de Lima Oliveira

Josiane Ferreira de Souza

Karita Fernanda Coimbra Xavier

Keila Mendes Lutz

Lauany Seraiva Freitas

Luana Santos

Maria Eduarda Siqueira F. Morro

Maria Olívia Seron Johner

Natalya Figueredo de Almeida
Moreira

Pedro da Silva Maia Neto

Thamyres Araujo da Silva

Thayane Rodrigues de Andrade

"Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino"

(Paulo Freire, 2002)

Sumário

| | |
|---|-----|
| A primeira letra do alfabeto Grego..... | 123 |
| Alerff Pedroso da Silva..... | 123 |
| SOBRE meu NOME..... | 124 |
| Ana Clara Nunes Leal..... | 124 |
| Eu, ANA CAROLINA..... | 125 |
| Ana Carolina Torres da Silva..... | 125 |
| Ananda Cristina Costa Xavier..... | 126 |
| Minha história..... | 127 |
| Bruna Rodrigues da Silva Oliveira..... | 127 |
| Sobre mim..... | 128 |
| Camila Emily da Silva..... | 128 |
| A escolha do meu nome..... | 129 |
| Celine Galdino Brito..... | 129 |
| Fatos sobre meu nome e sobrenome..... | 130 |
| David da Silva dos Santos..... | 130 |
| Dielis ou Dielison..... | 131 |
| Dielison Henrique Silva de Paula..... | 131 |
| Eduardo Rodrigues de Souza..... | 132 |
| Por que Geovanna?..... | 133 |
| Geovanna Cristina Rodriguês Alves Coelho..... | 133 |
| “A história de Geovanna”..... | 135 |
| Geovanna de Brito Silva..... | 135 |
| Nome e sobrenome – a história..... | 136 |
| Graziele Bento Gonçalves..... | 136 |
| Meu nome e o nome do meu avô..... | 137 |
| Henrique José Trajano..... | 137 |
| Por que me chamo Ivan?..... | 138 |
| Ivan Camargo de Siqueira..... | 138 |
| Jaianne, um bonito nome..... | 139 |
| Jaianne Vitoria de Lima Oliveira..... | 139 |
| Um pouco da história de meu nome..... | 140 |
| Josiane Ferreira de Souza..... | 140 |
| Minha vida “Karita”..... | 141 |
| Karita Fernanda Coimbra Xavier..... | 141 |
| Keyla a lutadora..... | 142 |
| Keila Mendes Lutz..... | 142 |
| Meu nome, minha história..... | 143 |
| Lauany Seraiva Freitas..... | 143 |
| Um texto sobre meu nome..... | 144 |
| Luana Santos..... | 144 |
| Essa, sou eu... .. | 145 |
| Maria Eduarda Siqueira Fosqueira Morro..... | 145 |
| Simplesmente Maria Olivia..... | 146 |

| | |
|--|-----|
| Maria Olívia Seron Johner | 146 |
| Natalya, é o meu nome | 147 |
| Natalya Figueredo de Almeida Moreira | 147 |
| Meu nome é Pedro da Silva Maia Neto | 148 |
| Pedro da Silva Maia Neto | 148 |
| Meu nome | 149 |
| Thamyres Araujo da Silva | 149 |
| Origem do meu nome | 150 |
| Thayane Rodrigues de Andrade | 150 |
| Referências Bibliográficas..... | 106 |
| Webgrafia | 151 |

APRESENTAÇÃO

Caro leitor, este livro reúne textos de um trabalho desenvolvido com alunos do 7º ano A, da Escola Estadual Ledy Anita Brescancin, na cidade de Campo Verde-MT, no ano de 2018. Realizamos um projeto de intervenção que envolveu pesquisas de nomes e sobrenomes dos alunos, junto a seus familiares, dicionários de nomes próprios, bem como dados sobre nomes, fornecidos pelo IBGE, leituras de textos, vídeos e palestras em torno da temática.

É importante dizer que o trabalho desenvolvido com os alunos faz parte da minha qualificação em nível de mestrado no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, na Unemat, Campus Universitário de Cáceres-MT. Esta coletânea, que ora se materializa, é o produto final das práticas de leitura e de escrita desenvolvidas durante a intervenção pedagógica, sob à luz teórica da Análise do Discurso Francesa.

O objetivo de nossa proposta era que os alunos lessem para além das evidências de sentidos, assim, tivemos a oportunidade de discutir sobre a escolha de nomes, a lei para nomear pessoas, refletir sobre bullying por conta de nomes. Lemos alguns artigos que discutiram os nomes dos africanos, que foram traficados para o Brasil e tiveram seus nomes alterados.

Desenvolvemos práticas em que os alunos realizaram pesquisas com suas famílias sobre a historicidade em torno de seu nome, quem escolheu e por quê, conheceram também um pouco sobre a história de sua família, produziram uma árvore genealógica, compreendendo como se deu a escolha de seus nomes e sobrenomes.

Outra prática de linguagem muito interessante foi consultar os significados dos nomes nos dicionários *on line*, compreendendo outros sentidos para a constituição dos nomes de cada um. O interesse foi tão grande que chegaram a criar um brasão para o sobrenome da família.

Essa temática e o modo como nos propomos a trabalhar discursivamente as práticas de linguagem, em que o aluno se deslocou da posição sujeito aluno que só recebe um conhecimento pronto, para produzir, junto com o professor, o conhecimento, foi extremamente importante para o processo de ensino/aprendizagem da língua. Os alunos passaram a se posicionar em sala de aula, contribuir com a reflexão dos nomes, questionar, concordar, discordar. Nesse sentido, podemos dizer que pela perspectiva teórica que trabalhamos, criamos condições para que fosse possível ao aluno a sua assunção a autoria.

Muitas pessoas foram envolvidas no processo de criação, o que representou um esforço coletivo, por isso agradecemos a todos que participaram de forma direta ou indireta para a realização deste projeto. Agradecemos aos alunos e seus familiares a disposição e a receptividade com a nossa proposta; a direção da escola, que foi muito parceira na realização do trabalho; e em especial, a Profª. Drª. Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida, minha orientadora, pelas importantes contribuições durante todas as etapas do projeto.

Desse modo, temos o grande prazer de apresentar essa coletânea, composta por vinte e cinco relatos que historicizam o nome e sobrenome de alunos do ensino fundamental. Desejamos boa leitura a todos! Que a leitura desses relatos proporcione a vocês, leitores, um grande prazer – o prazer da leitura.

Profª. Cléia do Nascimento Morais Andrade

A primeira letra do alfabeto Grego

Alerff Pedroso da Silva

No dia do meu nascimento minha mãe e meu pai estavam com dúvidas para escolher meu nome, meu pai falava um nome, minha mãe achava ruim e vice versa, daí o obstetra teve a ideia de colocar o nome dele que era Alerff, meus pais gostaram.

Eu penso que minha mãe gostou do nome porque ela quer que eu seja médico. Eu também acho bom ser médico e eu quero ser, farei de tudo para ter o nome Alerff conhecido na sociedade como um bom médico.

Eu gosto desse nome acho bonito, minha professora de inglês disse que esse nome é americano. Embora eu já tenha sofrido bullying por ele ser difícil de pronunciar, mas não era um bullying tão pesado.

E pensando bem, como o significado do meu nome diz: Alerff vem de Alpha a primeira letra do alfabeto grego, assim quero ser, o primeiro em tudo que eu for fazer.

SOBRE meu NOME

Ana Clara Nunes Leal

O ano era 2005, no dia 7 de Dezembro, após nove meses eu finalmente iria sair de lá, 3,330kg de pura saúde e 48cm de comprimento uma verdadeira bonequinha como todos dizem.

Após eu nascer me visitavam, mas a questão que ficava na boca das pessoas era: “Mas qual é o nome dela?”, minha mãe ainda não tinha decidido, então em certo momento me pegou em seu colo, olhou para mim e decretou: “vai se chamar Ana Clara”, os que estavam ali ficaram estáticos por alguns segundos, mas logo encheram meu nome de elogios ... (ou pelo menos é assim que minha mãe conta).

Claro que, como todo mundo, também tenho sobrenome, então, depois do “Clara” vem o “Nunes” (sobrenome da minha mãe) derivado do latim que significa “pai”, depois do “Nunes” vem o “Leal” (sobrenome do meu pai) derivado do português, que significa “dotado de lealdade”.

Eu gosto do meu nome, Ana Clara, pois me identifico com ele, até em seu significado que é “mulher cheia de graça”.

Os meus familiares são pessoas humildes, e uma palavra que também nos representa bem é a união.

Mas agora vou contar para você um segredo que fica só entre nós, *tá bom?* Eu acho que meu nome é comum demais, porém quero exercer uma profissão onde meu nome seja lembrado, entendeu? Não quero ser apenas mais uma “Ana” no mundo.

E por isso acho importante nunca perdermos a esperança e não termos medo de sonhar alto, pois medo e esperança são duas coisas que não andam lado a lado, então jamais deixe esse “medo” atrapalhar os seus sonhos.

E você o que acha do seu nome? Comum demais, incomum demais?

Enfim, tenho o nome Ana Clara Nunes Leal e serei reconhecida como a próxima escritora mais famosa do Brasil.

Eu, ANA CAROLINA

Ana Carolina Torres da Silva

Era agosto de 2004, quando descobriram que eu viria ao mundo, meses e meses para minha chegada, todos pensando em nomes diferentes, mas desde sempre minha mãe quis o bendito “Ana Carolina”. Foi em uma pequena festa em família que minha mãe decidiu anunciar o nome e o sexo da criança “o nome será Ana Carolina e sim, é uma princesinha”.

Dia 23/05/2005 eu nasci, minha mãe louca da vida com seu 3º filho, lá foi ela me registrar: Ana Carolina Torres da Silva, nunca teve em mente outro nome.

Ela dizia a todos para me chamarem de Carol, por ser fofo.

Com uma certa idade, descobri o significado do meu nome “cheia de graça, forte” uma coisa que me motivou bastante por esses anos foi esse significado.

Com o passar do tempo, vieram uma chuva de apelidos, “Aninha, Cacá, Carol” e, como esperado, eu gostei mais de Carol, pois eu acredito que sou delicada, assim como o apelido. Eu acostumei rápido com as pessoas me chamando de Carol.

Logo depois da Ana Carolina vem o Torres da Silva, Torres vem do sobrenome da minha mãe, e o Silva, claro que seria do meu pai.

Eu me identifico tanto com meu nome, embora eu acho ele fofo e delicado demais para mim.

Mas se alguém me perguntasse se eu gostaria de trocar de nome, eu imediatamente responderia que não, eu não trocaria meu nome, pois com ele me sinto especial de alguma forma.

E você? Você gosta mesmo de seu nome?

Alegria

Ananda Cristina Costa Xavier

Em 2005 eu nasci, mas antes de eu nascer meu pai e minha mãe fizeram um acordo: se eu fosse homem meu pai escolheria meu nome, então minha mãe que escolheu, porque nasci menina e ela escolheu Ananda.

Eu me chamo Ananda Cristina Costa Xavier. Ananda significa alegria. Cristina significa ungida por Deus.

Minha mãe se chama Amanda Rocha Costa e meu pai se chama Carlos Eduardo Cruz Xavier. Eu não gostava do meu nome, sempre quis ter outros nomes: Amanda, Fernanda etc... Eu acho esses nomes bonitos, mas, meu nome não é assim.

Com o passar do tempo, eu acostumei com o meu nome e também não ligo quando me chamam por outros nomes. Eu gosto quando me chamam de Nanda, é mais fácil de lembrar e acho muito bonito.

E por falar em nomes, eu me lembrei de músicas com nomes de pessoas, eu gosto desse tipo de músicas, porque às vezes nos identificamos com algumas delas e de certa forma nos definem, descobri recentemente algumas músicas com o nome Amanda que tem tudo a ver com Ananda, como por exemplo: “Amanda” de Lulu Santos, “Amanda” de Antônio Marcos, “Amanda” de Felipe Dylon, “Amanda, I Love you” de Calçinha Preta, achei muito interessante a popularidade desse nome nas músicas.

Pensando bem, diante de tudo o que envolve meu nome eu gosto do significado dele, pois, tem tudo a ver comigo, pois sou alegre e me sinto abençoada por Deus, de certa forma ungida.

Minha história

Bruna Rodrigues da Silva Oliveira

Meu nome é Bruna Rodrigues da Silva Oliveira, nasci no dia 20 de julho de 2005 na cidade de Campo Verde, às 15 horas e 37 minutos. Meus pais escolheram o meu nome por causa do nome do meu irmão que se chama BRUNO.

No começo eles ficaram em dúvida se iam colocar meu nome Maria Luiza em homenagem a minhas avós, ou Bruna. Mas, no momento de me registrar no cartório eles decidiram colocar BRUNA mesmo.

Quanto ao motivo do meu sobrenome é: Rodrigues da minha mãe e o Silva do meu pai e o Oliveira dos dois, assim meu nome ficou Bruna Rodrigues da Silva de Oliveira.

Um fato curioso é que quando vou ao médico ou em algum local que precise de documentos eles nem observam a escrita do nome, antes de tudo perguntam se meu nome é com 1 “N” ou 2.

Pesquisando sobre meu nome descobri que Bruna significa “calma, bondade, morena, bronzeada”.

O sobrenome Oliveira significa árvore que produz oliva, então deduz-se que os cultivadores de oliveiras receberam esse sobrenome; acho Oliveira um bonito e importante nome de família; pois vem da oliva, pensando nisso criei junto com minha família uma espécie de Brasão com algumas árvores e uma jarra de óleo de Oliva; ele foi pintado de verde representando a natureza, o azul representando a união e o amarelo simboliza a riqueza.

Quero mostrar agora o significado de Rodrigues que é um apelido de família onomástica da língua portuguesa; surgiu do patronímico de Rodrigo, ou seja “filho de Rodrigo”.

E o Silva é um sobrenome português que se originou do latim Silva que significa “floresta, mata, selva”.

Muitas pessoas me perguntam se gosto do meu nome e eu repondo: “sim, gosto”, pois existe 460.770 pessoas com o mesmo /nome que eu e a maioria estão registradas no Rio Grande do Sul, isso segundo dados do IBGE, e eu acho isso tudo muito bom.

Sobre mim

Camila Emily da Silva

Eu me chamo Camila Emilly da Silva, tenho 13 anos. Pesquisando descobri que meu sobrenome “Silva” significa “selva, floresta e mata”.

Meu nome não foi minha mãe nem meu pai quem escolheu, foi minha tia, pois ela achava um nome muito bonito, assim, meu pai e minha mãe, que também acharam muito bonito, acataram a sugestão e me registraram.

O que eu acho do meu nome? O meu nome, é muito bonito. Até agora não sofri bullying, por conta dele.

Embora eu ache meu nome bonito, às vezes, penso em mudar de nome, eu queria que fosse “Larissa”, mas é “Camila” e significa “ministra ou sacerdotisa nos sacrifícios”, então volto atrás e penso, não devo mudar de nome.

Para dizer a verdade, eu tenho um amor pelo meu nome, acho que ele combina comigo, sempre falo pra minha tia que ela acertou na escolha, acho ideal pra mim.

A escolha do meu nome

Celine Galdino Brito

O ano era 2005, quando minha mãe descobriu que estava grávida de mim, ela teve uma surpresa, porque já tinha quatro filhos: um filho com 5 anos, outra de 10 anos, mais uma de 13 e a mais velha tinha 15 anos. Foi por isso, que minha mãe se assustou porque ia ter mais um filho, e tipo, no meio do desespero, ela queria me abortar, mas aí ela me teve. Eu nasci no ano de 2006, no dia 30 de janeiro, às 11h10 quando ela deu à luz; eu fico grata a ela por me ter e não ter me abortado eu devo muito a minha mãe, pela sua coragem.

Quando meu pai e minha mãe iam escolher o meu nome, eles pensaram em vários nomes tais como: Camila, Kendaly, Kew, Cirda, Aline, Celine, mas o que eles gostaram mesmo foi Celine. Minha mãe gostava muito da cantora Celine Dion, e porque era o nome da cantora que ela admirava, colocou em mim.

Minha mãe tem o sobrenome Galdino: Marcelene Galdino e meu pai têm Fernandes Brito: Antonio Fernandes Brito. Quando eles foram colocar o meu sobrenome no meu nome, ficou assim: Celine Galdino Brito, eu não sei porque eles não quiseram colocar “Fernandes” mas essa é a história do meu nome.

Quanto ao significado descobri que GALDINO é de origem italiana e significa “comandante”, BRITO tem origem portuguesa, significa “forte e resistente”. Muito legal esses significados.

Enfim, está sou eu, Celine Galdino Brito, amo meu nome.

Fatos sobre meu nome e sobrenome

David da Silva dos Santos

Olá, meu nome é David da Silva dos Santos! Quem escolheu o nome foi minha mãe, e a razão dela ter escolhido esse nome é porque ela é evangélica, conhecia a história do rei Davi, na bíblia. Ela gostava das histórias de Davi, por isso colocou esse nome em mim.

Meu sobrenome Silva é comum porque quase 80% da minha família por parte de mãe e de pai tem Silva. Esse sobrenome é o mais comum no Brasil e em Portugal, onde teve origem; ele deriva do Latim que tem o significado de “selva” ou “floresta”; muitos lusitanos incorporaram esse sobrenome como nome próprio.

Quando eu ia ser registrado no cartório, meus pais contam que a atendente escreveu Davidi com “i” no final. O meu pai olhou no computador e falou para a mulher retirar aquele “i”, e a mulher argumentou que ia ficar bonito, porém meu pai insistiu para mudar, e como não era filho dela ela tirou a letra “i”, imprimiu a certidão do jeito que meu pai queria, David, com “d” mudo.

Depois do nome David, vem o sobrenome Santos, que significa “santo ou consagrado”, esse sobrenome vem de origem religiosa e deriva de “sanctus”. Fiquei chocado quando eu soube, pois as pessoas me consideram um menino levado, ou seja, é exatamente o contrário do significado de Santos.

Refletir sobre o sobrenome é interessante, pois quando a mulher casa o sobrenome dela, na maioria das vezes, não vai para o marido e, por conseguinte seus filhos não perpetuam o sobrenome da família, já o homem perpetua o sobrenome da família, isso é bem legal.

Enfim, eu acho que meu nome é comum, respeitado, bonito, legal e eu não tenho nenhum motivo para mudá-lo, mas se eu fosse obrigado a mudá-lo seria Jesus ou Silvano, como não existe uma lei que me obriga a mudá-lo fico com DAVID DA SILVA DOS SANTOS.

Dielis ou Dielison

Dielison Henrique Silva de Paula

Eu nasci em ano de 2005, o meu nome era para ser Dielis minha mãe queria colocar meu nome assim, mas meu pai achou bonito Dielison, até que os dois entraram em um acordo e decidiram Dielison.

Os meus pais viram o nome Dielis este nome na camisa de um cara que estava passando na rua, então meu pai somente acrescentou o “ON” e, assim, ficou como Dielison.

O Henrique foi minha mãe que escolheu, porque ela achou legal e atribuiu a mim um nome composto: Dielison Henrique.

Em relação ao sobrenome Silva, é da parte da família da minha mãe e Paula é da parte da família do meu pai, ficando, portanto, Dielison Henrique Silva de Paula.

Eu acho o meu nome legal, por que é um nome bem estranho, diferente. Apenas 304 pessoas têm um nome igual ao meu, no Brasil, isso de acordo com os dados do IBGE de 2010, é um nome bem interessante Dielison.

Um pouco sobre mim

Eduardo Rodrigues de Souza

Era algumas horas da noite quando nasci. O médico saiu da sala de parto e perguntou: Qual é o nome da criança? Mas meu pai não soube responder. Segundos depois o médico retornou a sala de espera e perguntou: Qual será o nome do menino? Talvez seja Wesley ou Eduardo respondeu meu pai. No dia seguinte eu e minha mãe recebemos alta do hospital e ficou resolvido que meu nome seria “Eduardo”.

Eduardo, que nome bonito! Pelo menos eu acho, e você? O meu nome é muito legal, seu significado é “guardião das riquezas”, muito interessante, então tirei a conclusão que eu serei protetor do dinheiro e o defensor dos tesouros, talvez venha a ser um banqueiro.

Então, muito prazer, eu sou Eduardo Rodrigues de Souza! E você, como se chama? É verdade que eu gosto do meu nome. Mas, eu gosto mesmo é dos significados dos meus sobrenomes: Rodrigues significa “rico em glória” ou “senhor da glória”. Ele é de origem portuguesa, esse sobrenome é da época medieval. E também tem o sobrenome Souza, que significa “seixo” ou “pedra” e esse nome é o que eu mais gosto porque eu acho que o significado fala que eu sou forte e estável como uma pedra.

E é isso aí pessoal, isso foi um pouquinho sobre meu nome e meus sobrenomes. Espero que tenham gostado de conhecer um pouco da minha história que está apenas começando, vocês ainda vão ouvir muito falar de mim por aí, então até mais.

Por que Geovanna?

Geovanna Cristina Rodriguês Alves Coelho

Tudo começou em 2005, quando eu estava prestes a nascer, em um dia totalmente aleatório meu pai decidiu que eu me chamaria “Onileva”, porque era o nome do meu finado avô de traz para frente, o Avelino. Ele queria esse nome porque o meu irmão mais velho se chama Ayran que é o nome das minhas avós também de trás para frente (MARIA).

Pouco tempo antes de eu nascer minha mãe decidiu não concordar com o nome, pois, era estranho. Ela simplesmente queria colocar meu nome de Geovanna. No dia 9 de junho nasci, um tempo depois meus pais foram me registrar, o nome Geovanna permaneceu, porém, meu pai quis acrescentar mais um nome “Cristina”, para combinar com os nomes dos meus irmãos, que são nomes compostos: Fagner Lucas; Ayran Phelipe e eu, Geovanna Cristina.

O meu pai tem os sobrenomes “Alves e Coelho” e minha mãe tem os sobrenomes “Rodriguês e Oliveira”, mas quando eles se casaram o sobrenome “Oliveira” foi tipo que eliminado, assim quando eu e meus dois irmãos nascemos recebemos os nomes “Rodriguês Alves Coelho”, nessa mesma ordem.

É interessante a história desses nomes porque de certa forma representa alguém de minha família.

O sobrenome Rodriguês significa “filho de Rodrigo”, Rodrigo era um príncipe, Rodriguês seu pai, o rei, que pra mim representava minha avó paterna, a Maria Francisca, porque eu acredito que a bondade dela pode ser passada de pai para filho, assim como era feito na realeza com os bens materiais e também porque minha avó é o centro de tudo que acontece, é ela que nos ajuda nos momentos de dificuldade, ela que faz as melhorias na família.

Já, o sobrenome Alves é uma “abreviação do nome Álvares”, que por sua vez significa filho de Álvaro, certamente Alves significa “filho de Álvaro”. Esse sobrenome representaria meu avô, aquele que, meu quase nome, iria homenagear, o Avelino. O sobrenome não o representa em qualidades e tal, mas é só pelo fato da família Alves quando veio de Portugal, ter se estabelecido no Brasil, inicialmente em Minas Gerais, onde meu avô nasceu, aí eu me pergunto será que os ancestrais do meu avô eram pessoas importantes? De onde vieram? Ou será que foi apenas coincidência? Fica a dúvida.

Por fim o sobrenome Coelho que basicamente significa “guerreiro”, segundo a internet, o Diego de Chagas conhecido com Don. Soeiro Viegas ganhou o apelido na guerra que subiu aos Moros, “Com segredo de resguardo” “que parecia ir por minas de mineração, ele ia por debaixo do chão como um coelho em 1493 no século XV. Por isso

Coelho para mim significa guerreiro que tem seus truques para guerrear, esse sobrenome representa minha mãe que para mim é uma guerreira.

Eu sempre gostei do meu nome, mesmo sem conhecer sua história e seus significados. Quando completei meus 5 ou 6 anos eu entrei na escola onde meu nome era apenas mais um nome qualquer; quando completei meus 11 anos lá no sexto ano na escola, ganhei apelidos dos quais sempre gostei como “Ge” ou “Geo”, meu nome era comum por certo tempo, até que entrou uma nova Geovanna na minha sala, apesar do sobrenome dela ser diferente eu não gostei do fato dela ter um nome igual ao meu.

Depois que eu descobri o significado do meu nome fiquei em dúvida se realmente os significados eram verdadeiros e falavam um pouco da minha personalidade.

Geovanna significa “dádiva de Deus” ou “presente de Deus” e é uma versão de Joana de origem italiana, acredito que minha mãe me deu esse nome por causa de seu significado. Cristina significa “Cristo” ou “ungida por Deus”, só que fica a dúvida muito constante, porque os significados dos meus nomes têm haver com uma religião? Por que sempre tem Deus?

Hoje em dia, no ano de 2018, ganhei um apelido da minha amiga Carol que eu apenas gostei porque é diferente e mesmo assim permaneceu um pouco do meu real nome, ela me chama de “Xovannan” que eu adorei por ser diferente e pelo fato de ser muito engraçado quando pronunciado.

Eu gosto muito do meu nome, gosto da maneira como ele é escrito, não gosto quando me chamam de Giovanna, pois meu nome é Geovanna e o mais interessante é que quando aprendemos os significados dos nossos nomes e sobrenomes parece que ele está te mostrando como você é, mesmo sabendo que os significados podem não dizer a verdade.

“A história de Geovanna”

Geovanna de Brito Silva

O ano era 2004, quando minha mãe descobriu que estava grávida. Começava ali a expectativa de minha chegada na vida de minha mãe e do meu pai.

Meu pai imaginava e planejava como eu iria me chamar. Minha mãe tinha muitos nomes desde que ela era jovem e acabavam discutindo e chegando a lugar nenhum.

Então meu pai Gilmar, já foi logo avisando se for menino vai se chamar Matheus Henrique, até ai ele e minha mãe concordavam. Mas quando imaginavam ser uma menina; minha mãe queria Nicole e meu pai Michely.

No dia 18 de março de 2005, às 12h 50 da manhã, minha mãe foi ao hospital, eu estava muito apressada para nascer, que nem esperei a médica chegar, nasci na sala de espera com os olhares curiosos de vários estagiários de enfermagem e da chefe. Cheguei rapidinho, com a expectativa do meu nome, já que meus pais não sabiam.

No dia seguinte meus pais me levaram para registrar, e quando meu pai falou o meu nome para o cartorária que era amiga da minha mãe, ela de cara falou “Michely não! É feio e vulgar”. Vamos escolher um nome forte, de personalidade, o nome que mais registram aqui é Gisely e Giovana, que tal se pegarmos gil de Gilmar e Anna de Silvana fica bonito.

Então minha mãe e meu pai decidiram que seria Geovanna.

Todos concordaram.

E o sobrenome será Silva Santos Brito Baldo, então decidiram simplificar e ficou Geovanna de Brito Silva.

Eu gosto do meu nome e também do meu sobrenome. Apesar de já ter sofrido bullying com meu sobrenome, no momento me senti mal e sofri, mas com o passar do tempo eu me acostumei e resolvi ignorar.

Minha mãe, depois de saber que eu sofria bullying, fez questão de ir a escola explicar aos colegas a história por trás do meu nome e muitos ficaram surpresos e chocados pela história e eu achei isso engraçado.

Hoje me orgulho do meu nome, não me preocupo com a opinião negativa dos outros e fico feliz por eles terem me dado esse nome; apenas digo a meus pais: obrigada!

Nome e sobrenome – a história

Graziele Bento Gonçalves

Meu nome é Graziele Bento Gonçalves eu nasci no dia 14 de abril de 2006 aqui mesmo em Campo Verde, meus pais se chamam Maria Cicera Bento de Jaciara e Ezi Pereira Gonçalves da Bahia. A minha família por parte do meu pai vieram todos da Bahia e por parte de mãe, todos de Jaciara.

O meu nome Graziele foi escolhido porque meus pais gostavam de uma atriz chamada “Grazi Massafera”, por isso que meu nome é Graziele.

Quando eu conheci a história do meu nome e do meu sobrenome eu achei muito legal e os meus pais acharam bem interessante. O sobrenome Bento é de origem portuguesa e significa “abençoado, bendito louvado” é ele muito difundido na terra de origem e por todo o mundo. Gonçalves é um nome patronímico que tem origem na Era Medieval Gundisalvus forma em latim que surge a partir da germânico, que significa filho de Gonçalo “guerreiro”.

Muita gente pergunta se eu gosto do meu nome, eu respondo que sim, eu gosto, pois, tem 46,991 pessoas com esse nome e o estado que tem mais pessoas com o meu nome é Sergipe, de acordo com os dados do IBGE.

Mas, infelizmente eu já sofri bullying em relação ao meu sobrenome eles me chamavam de “Bentão” eu me sentia muito magoada. Agora que as pessoas pararam de fazer bullying eu sinto que sou uma pessoa livre.

Hoje eu nem me importo das pessoas falarem mal do meu sobrenome por que eu aprendi a gostar dele igual aos meus pais. Eu hoje em dia, apenas agradeço aos meus pais por terem me dado esses sobrenomes que de identificam minha família na sociedade.

Meu nome e o nome do meu avô

Henrique José Trajano

Eu não sabia que meu nome Henrique José Trajano era para homenagear o meu bisavô, que se chamava Delino Henrique, há poucos dias atrás conversei com minha mãe sobre a escolha do meu nome e ela me contou sobre o meu bisavô, fiquei feliz.

Ela contou que quando eu nasci ela e minha bisavó queriam fazer essa homenagem ao meu bisavô, mas meu pai não quis, então minha mãe pensou em Henrique José, então meu pai gostou e colocaram meu nome de Henrique José Trajano.

Ao pesquisar em um dicionário de nomes próprio descobri que Henrique significa “senhor do lar” e José “aquele que acrescenta”, que legal.

Depois que meu bisavô morreu minha avó quis vir morar com minha família e isso para mim foi bom, porque eu estava aprendendo mais sobre o meu nome e o nome de meu avô, assim como a sua história de vida.

E por falar de nome aconteceu um fato importante para mim, foi quando meu pai disse que minha avó se chamava Maria e eu nunca soube que o nome dela era assim, porque eu a chamava apenas de “vó” e o mais interessante foi quando eu pesquisei sobre o significado do nome dela “mulher soberana”, achei isso bem legal.

Achei bom conhecer um pouco sobre minha história e dos meus familiares ao estudar sobre meu nome, talvez se eu não tivesse feito esse estudo eu nunca saberia a história da meu nome, bem como um pouco da história da minha família.

Por que me chamo Ivan?

Ivan Camargo de Siqueira

Eu sou Ivan, tenho 13 anos e moro com minha família, meu irmão de 18 anos, Danilo, minha mãe de 35 anos, Ivani e meu pai de 37 anos Divino.

A história de como foi que meu nome foi escolhido foi assim: meu pai e minha mãe combinaram que o primeiro filho, o meu pai é que escolheria o nome e o segundo, a minha mãe; então eu fui o segundo e minha mãe colocou o nome igual ao dela, somente tirou o “i” do nome dela.

O sobrenome do meu irmão é o mesmo que o meu, temos sobrenomes iguais: é Camargo Siqueira, Camargo da minha mãe e Siqueira do meu pai.

Meus pais não sabiam o significado de Ivan, então pesquisando descobri que esse nome tem origem russa e significa graça e o Siqueira é português e quer dizer “lugar seco que não é regado” e Camargo vêm do espanhol, refere-se a uma região da Espanha, portanto é um sobrenome toponímico, ou seja, de origem geográfica.

Quanto a minha opinião sobre meu nome, acho Ivan Camargo Siqueira um nome muito bonito e difícil de encontrar outra pessoa com esse nome na cidade que eu moro. Isso fica legal, parece que você fica mais único como se fosse somente você com esse nome no local onde vivo, embora, eu penso que mesmo as pessoas tendo esse nome incomum elas são únicas porque cada um tem as suas diferenças, e cada Ivan terá a sua própria história independente do significado de seu nome, sendo assim sou único.

Jaianne, um bonito nome

Jaianne Vitoria de Lima Oliveira

Nasci em 2005, numa segunda-feira do dia 27/06, eu linda, maravilhosa, cheguei ao mundo depois de quase 9 meses dentro do ventre da minha rainha. Chegou a minha vez!

Minha mãe se chama Juliana Aparecida de Lima, meu pai, Jairo José Freitas Oliveira e eu me chamo de Jaianne Vitória de Lima Oliveira; para começar não é Xaianne, Daianne ou Jaine e sim Jaianne! Muitas pessoas me confundem com esses nomes e eu fico bem revoltada em ter que repetir.

Meu nome até parece ser simples e fácil de ser pronunciado, mas ainda me confundem; conversando com a minha mãe sobre meu nome eu descobri que era para ser Jaianna e não Jaianne ela me disse que a moça do cartório trocou o “a” pelo “e”, olha confesso que foi uma ótima troca, preciso conhecer essa moça do cartório e agradecer por esse gesto de bondade.

No começo eu não gostava muito do meu nome por ele ser meio complicado eu queria que ele fosse Letícia que significa “mulher alegre, prazer, felicidade”, mas hoje em dia eu realmente amo meu nome pelo significado que quer dizer “ela é sustento, ela é amparo” e também pelo fato de haver poucas pessoas com esse nome.

Enfim, eu sou apaixonada pelo meu nome e eu não trocaria, não mais.

Um pouco da história de meu nome

Josiane Ferreira de Souza

Meu nome é Josiane Ferreira de Souza, tenho 13 anos, tenho uma irmã e ela tem 21 anos, minha mãe se chama Kleide Ferreira de Souza e meu pai João Luiz de Souza.

Eu não sabia do significado do meu sobrenome Souza que é “seixo, pedra, pombo bravo”; quando eu descobri comecei a procurar mais o significado, gostei bastante das descobertas que fiz, Josiane significa “Deus acrescenta e cheia de graça”.

Eu gosto bastante do meu nome foi meu pai que escolheu, eu queria me chamar Maria Eduarda como minha mãe gostaria de me nomear, pois, é bem bonito, mas meu pai foi sozinho no cartório e quando ele chegou com a certidão de nascimento estava Josiane, minha mãe ficou muito brava, kkk.

Mas, eu não trocaria meu nome atualmente, porém se eu pudesse trocar colocaria Maria Eduarda.

Minha vida “Karita”

Karita Fernanda Coimbra Xavier

Há muito tempo atrás um homem que teria acabado de sair de casa dos pais e não sabia o que fazer, como fazer e precisava de ajuda.

Então, uma senhora chamada “Karita” para salvar esse homem, que é o meu pai, chegou com todo o auxílio que ele precisava. Ele ficou surpreso com tamanha bondade e compreensão dessa senhora, pois ela nem o conhecia.

Porém, em uma manhã de quarta-feira ela saiu para fazer compras matinais e nunca mais voltou! Meu pai sofreu muito, mas não podia viver na dor e superou.

O tempo foi passando e a dor ficou marcada! Porém, com ou sem dor, tinha que continuar a vida, assim, ele mudou para Campo Verde-MT onde começou uma nova vida com trabalho e amigos novos.

E como diria meu pai, Deus enviou um anjo na vida dele! Minha mãe, eles se conheceram e se apaixonaram, com o passar dos anos o amor prevaleceu, minha mãe não planejava a gravidez, porém em uma noite de amor apostei corrida e ganhei.

Dia 27 de fevereiro eu nasci, não podia ser outro nome “Kárita” meu pai falou que eu seria como ela, teria desejo de ajudar e somente agora entendo a importância do meu nome: Kárita vem do Latim Cárita e significa caridade.

Keyla a lutadora

Keila Mendes Lutz

Meu sobrenome é alemão, eu gostei de saber; achei legal, quando minha mãe descobriu que os sobrenomes contam a história da nossa origem, ela quis pesquisar mais sobre esse assunto, meu sobrenome é muito forte Lutz que significa lutador. O sobrenome Lutz é da parte do meu pai. Da minha mãe recebi o Mendes que significa “sacrifício total”.

Já meu primeiro nome Keyla foi escolhido porque os meus irmão e primos tem a letra k ou o som da letra k em seus nomes, meus irmão são: Quele, Kleyton, Kever e eu Keyla. Meus primos são: Khetelen, Kherli Cristina e Cleyton.

Meu nome não era para ser Keyla e sim Maria Gabriela, meu pai queria colocar esse nome para homenagear os nome da minha avó e bisavó, pois ele gostava muito delas, mas minha mãe queria Keila por causa da tradição do k.

E por falar de nomes, eu gostei muito de pesquisar sobre a história do meu nome e achei interessante, Keila significa “aquela que reúne os membros de uma congregação” e tem sua origem no hebraico.

Enfim, gosto bastante do meu nome principalmente do meu sobrenome, por causa do significado, pois me considero uma lutadora.

Meu nome, minha história

Lauany Saraiva Freitas

Era no ano de 2006, no dia 24/04/2006 o horário 18h45 minutos quando eu vim ao mundo. Quando eu nasci, minha mãe ainda não sabia que nome ela iria colocar em mim, mas ela queria colocar um nome que começasse com a letra L porque o nome da minha irmã é Luanna e ela queria um parecido.

Ela pensou em Laura, mas depois veio na cabeça dela Lauany e ela resolveu colocar Lauany. Pois então, o nome ficou Lauany Saraiva Freitas, é assim que eu me conheço desde sempre. Eu acho o significado do meu nome muito legal que significa “gavião”, que é uma ave forte e poderosa.

O meu nome é difícil tanto na ortografia quanto na fala e as pessoas se confundem e me chamam de Luany, que é um nome estranho para mim. O meu nome é de origem indígena, vem do Tupi-Guarani eu não sabia disso, fui descobrir com o projeto de Língua Portuguesa do qual faço parte e achei bastante interessante.

Bom, meu nome é Lauany Saraiva Freitas, o Saraiva vem por parte de pai é um termo Serávia, que é a designação de uma via nas montanhas da Biscaia, já Freitas veio da minha mãe significa “pedregulho”, “rocha”, “habitante de local rochoso, abundante em pedras”.

Ou seja, sou Lauany Saraiva Freitas, por escolha de meus pais e do destino.

Um texto sobre meu nome

Luana Santos

Meu nome é Luana tenho 13 anos, vou contar um pouco do meu nome, *tá?* Eu não gosto muito do meu nome, mas aceito, pois quem colocou ele foi minha mãe, porque era para combinar com o LUAN, meu irmão, aí ela decidiu colocar Luana e Luan.

Todo mundo fala que nossos nomes são bonitos, é igual ao dos meus tios Andréia e André, que eles são gêmeos; mas eu e meu irmão não somos.

Tipo, se eu pudesse mudar o meu nome, colocaria Larissa ou Gabriela que também são bonitos. Mas como não dá para trocar os nomes, isso seria possível apenas se causar constrangimento, fico com Luana mesmo. Até que o significado do meu nome é legal: “reluzente, combatente, gloriosa, cheia de graça, guerreira formosa, graciosa”.

Diante de tudo isso, hoje em dia eu aceito meu nome, mas antes não aceitava e é assim que me conhecem desde sempre, embora a maioria das pessoas me conheça por *ai* apenas como “LULU”.

Essa, sou eu...

Maria Eduarda Siqueira Fosqueira Morro

Bom, tenho um sobrenome português que é o Siqueira que recebi de minha mãe, do meu pai tenho o Fosqueira Morro. Meu nome ficou assim Maria Eduarda Siqueira Fosqueira Morro.

É assim que me conheço desde sempre, e nunca pensei que meu nome pudesse ser diferente, apesar de que meu pai queria por Vanessa.

A maioria das pessoas me conhece por *aí* apenas como Eduarda, pois nunca gostei do nome Maria que traz muitas lembranças tristes de minha bisavó, que se chamava Maria também.

Minha mãe disse que escolheu o nome Eduarda porque gostou, e queria dois nomes e ela fez questão de lembrar que Maria significa “senhora soberana” e Eduarda “guardiã das riquezas ou dos bens”.

Eu acho que Eduarda pode ser também misteriosa, amiga, companheira, pois acho que há algo de misterioso nisso tudo; pois basta ligar os pontos: primeiro por ser soberana que tem tudo a ver com rainha que combina com meu primeiro nome e Eduarda guardiã das riquezas, tudo a ver.

Enfim, espero que o significado do meu nome possa representar de alguma forma quem eu serei um dia, quero lutar para alcançar meus sonhos e para meu nome ser lembrado como alguém que superou seus limites e alcançou lugares altos, verdadeiramente soberanos.

Simplemente Maria Olivia

Maria Olívia Seron Johner

Oi, meu nome é Maria Olivia, eu tenho 14 anos, nasci dia 15 de setembro de 2004. O meu nome se originou das minhas avós Olivia e Maria. Meu nome era para ser Olivia Maria mais quando eu nasci minha avó Maria morreu de causas naturais então meu nome ficou assim.

Eu gosto mais do meu nome Maria, se eu pudesse meu nome seria Maria Clara mais não vou mudar por que é uma homenagem, Maria significa senhora soberana, e meu segundo nome, Olivia, que quer dizer oliveira.

Eu já sofri bullying em relação ao meu nome, pois, me chamam de “Maria gasolina, Maria loca, Maria vai com as outras e muito mais”; quando isso acontecia eu ficava triste e brava, as vezes reagia com agressão, até mesmo com pessoas que estavam tentando me ajudar.

Mais hoje eu não sofro mais bullying como antes, agora eles me respeitam mais e o queeu acho muito lindo disso tudo é que antes eu não gostava do meu nome mais agora eu amo ele, é importante para mim.

E essa sou eu Maria Olívia Seron Johner.

Natalya, é o meu nome

Natalya Figueredo de Almeida Moreira

Eu amo o meu nome, foi minha mãe que escolheu e quando foram ao cartório uma mulher muito bonita que os atendeu, insistiu para minha mãe colocar meu nome de Natalya e eles gostaram desse nome; embora minha mãe queria Isabela e meu pai queria Iasmim, eles estavam indecisos e não resolviam. Então veio a mulher do cartório e decidi meu nome NATALYA.

Foi muito bacana, pois meus pais gostaram muito desse nome e eu também gosto.

Quanto ao meu sobrenome meus pais colocaram um super grande porque é Natalya Figueredo de Almeida Moreira. No cartório falaram para minha mãe que eu ia carregar um nome bem pesado devido ao tamanho desse sobrenome, mas mesmo assim eles não quiseram mudar.

Ah, pesquisando descobri o que Natalya significa “nascida no dia de natal” nada a ver, pois nasci no dia 27 de junho, mas tudo bem amo meu nome mesmo assim, acho que nem sempre as pessoas pensam em significados na hora de atribuir um nome, simplesmente elas acham bonito e pronto, escolhem.

Meu nome é Pedro da Silva Maia Neto

Pedro da Silva Maia Neto

Meu nome é Pedro da Silva Maia Neto, meus pais se chamam Osivan dos Santos Martins e minha mãe Maria Luiza Maia Neta. Meu pai é da região do Piauí, e minha mãe é do Mato Grosso, assim como eu.

Eu tenho 13 anos, tenho 2 irmãos se chamam Hesley Wann Maia Martins e minha irmã Heloyza, meu irmão tem 16 anos e minha irmã 20.

A origem do meu nome é por causa do meu avô o nome dele era Pedro da Silva Maia. No meu nome adicionaram só o Neto. O Silva vem do Latim e significa “Selva, Floresta” e o Maia é do Hebraico que significa “mata”.

Os dois nomes são mais conhecidos em Portugal. Minha mãe escolheu também meu nome por causa do Pedro da bíblia que significa pedra. Eu até gosto do meu nome, mas queria Israel, rocha que é a cidade Israel, a cidade escolhida por Deus. Foi minha mãe que escolheu meu nome, outro motivo pelo qual ela escolheu meu nome foi por ela ter perdido o pai dela com 6 anos, ela colocou o nome dele em mim, e meu pai concordou com esse nome.

Eu sou considerado o mais chegado da minha avó materna, agora entendo o porquê, pois meu nome homenageia seu falecido esposo, o qual não cheguei a conhecê-lo. Os meus avôs se chamavam: parte da minha mãe Pedro da Silva Maia Neto e Iracema Amorim Lucas. Por parte do meu pai Osias dos Santos Martins e Maria das Dores.

Enfim, essa é um pouco da história do meu nome e da história da minha família.

Meu nome

Thamyres Araujo da Silva

Você que está lendo deve estar curioso sobre como minha mãe e o e pai escolheram o meu nome, já vou te contar como foi, mas primeiro vou contar o começo da minha história.

Antes de eu virar um ser na barriga da minha mãe, ela sempre teve um sonho de ter um menino, mas para sorte veio uma princesinha, “euzinha”, e ela ficou feliz do mesmo jeito.

No ano de 2005 em julho, minha mãe descobriu que estava grávida, até aí tudo bem, mas todo mundo achava que ia vir o Antonio Gustavo, mas veio a Thamyres.

Agora vou contar porque meu nome é Thamyres. Certo dia minha mãe estava andando na rua e ouviu uma mulher chamando a filha dela por Thamyres, minha mãe amou o nome, embora naquele dia minha tia tinha dado vários sugestões de nomes, m minha mãe não gostou de nenhum, minha mãe não queria que sua filha tivesse um nome “comum”, então ela decidiu que eu iria me chamar Thamyres.

Por coincidência, o meu pai naquele momento estava viajando e conheceu uma mulher chamada Thamyres e ele achou o nome bonito e falou que se ele tivesse uma filha menina ia se chamar Tamyres.

Dona Debora, minha mãe, já estava com 8 meses e já tinha descoberto o sexo do bebê, uma menina, então, meu pai e minha mãe sentaram para conversar sobre o nome da criança e decidiram colocar Thamyres, pois ambos gostaram desse nome.

Então muito tempo se passou e hoje em dia tenho 12 anos, e olha que interessante, arrumei uma amiga que o nome dela também é Thamyres e ela, diferente de mim, é cheinha, para diferenciar eu sou a Thamyres magrinha e ela é a Thamyres gordinha.

Para ser sincera, eu gosto muito do meu nome o significado dele eu nunca entendi o porquê, “rico em tâmaras”, mas tudo bem. O legal é que meu nome é de origem árabe, eu achei isso bem loco.

Tem muitas pessoas que eu conheço que quer trocar o nome, tipo, parei para pensar sobre isso e se eu pudesse trocar meu nome eu não trocaria, porque ele é bonito e interessante e eu me sinto especial com esse nome THAMYRES. E você o que acha do seu nome?

Origem do meu nome

Thayane Rodrigues de Andrade

Meu nome é Thayane ,tenho 13 anos, nasci no dia 25 de setembro e foi nesse dia há alguns anos atrás eu estava nascendo, exatamente 21h37min. Antes do meu nascimento minha mãe tinha em mente o nome “Thaynara”, mas na hora do meu nome ser escolhido ela mudou completamente de idéia sobre meu nome, e decidiu colocar Thayane.

Minha mãe teve um bom gosto para escolher meu nome, talvez porque ele tenha combinado muito comigo e também eu gostei dele. Você gosta do seu nome? Sua mãe também tinha pensado em outros nomes diferente do seu? Pense nisso.

A minha maior dificuldade com meu nome foi na escrita, pois eu não tinha muita habilidade para escrever, antes eu confundia muito meu nome pois achava que era “Thayne” ou “Taiane” depois de um tempo aprendi a escrevê-lo.

Uma das maiores raiva que eu tenho é que confundem meu nome com “Dayane”, por que às vezes falo muito rápido ai parece “Dayane”. Já confundiram o seu nome?

A origem do meu nome é indígena e significa “estrela” ou “raio de luz, astro celeste.”

De onde, e quando minha mãe teve a idéia desse nome, eu não sei, mas gostei muito. Você gosta do seu nome?

Já procurou saber o significado dele? Muito interessante saber sobre seu nome, descobrir origens e tudo. Procure saber sobre o seu também, você fará descobertas interessantes.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, E. Semântica do Acontecimento: Um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002

ORLANDI, E. P. (Org.). A leitura e os leitores. Campinas: Pontes, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e leitura. 5ª ed.- SP, Cortez, Campinas: SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000. (Coleção passando a limpo).

ORLANDI, E. P. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 6.ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 12.ed. Campinas: Pontes, 2015.

Webgrafia

IBGE, Senso 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/nomes/>>. Rio de Janeiro, 2010. Acesso em: 10 de outubro de 2018

Dicionário de nomes próprios. Disponível em: <<http://dicionariodenomeproprio.com.br>> acessado em: 05 de novembro de 2018

Disponível em: <<http://medium.com.br>> acessado em: 20 de março de 2018 .

Portal do Professor. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/>>acesso em 24 de dezembro de 2017

Significado e origem dos nomes. Disponível em: <<http://significado.origem.nom.com.br>>acesso em: 05 de novembro 2018